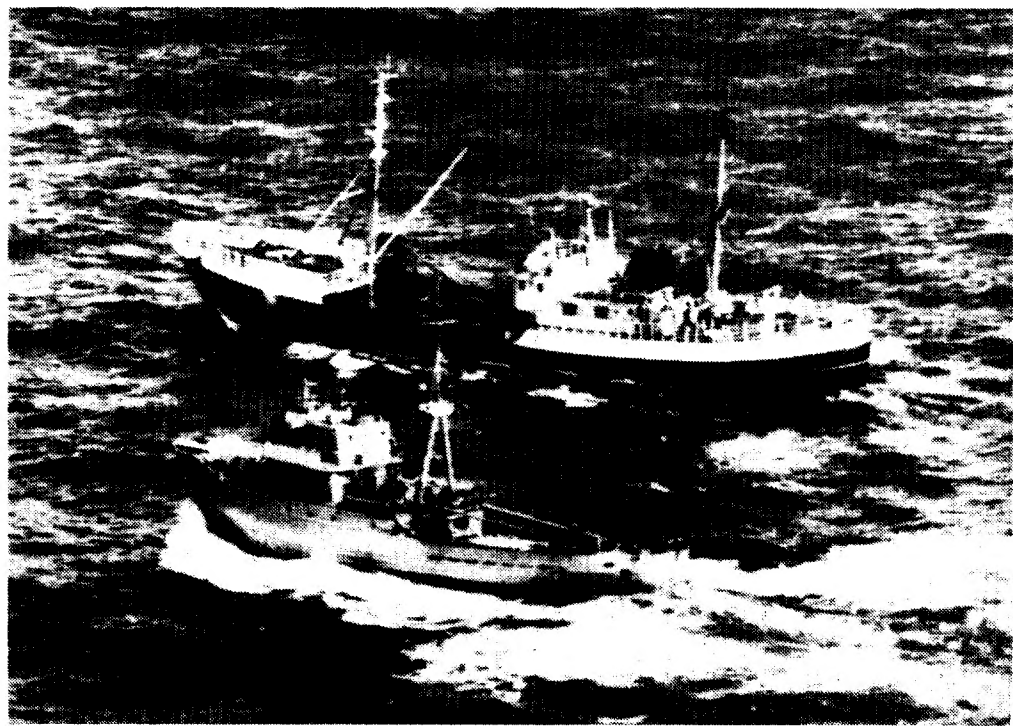




IMPLICAÇÕES PROFUNDAS DA "GUERRA DO BACALHAU"



Novo incidente na «guerra do bacalhau». O navio de protecção islandês «Arvakur», que se vê na telefoto em primeiro plano, ao lado de um pesqueiro inglês, foi deliberadamente abalroado por um rebocador e dois arrastões britânicos, tendo ficado muito danificado. Depois deste

incidente, a Islândia ameaçou sair da NATO, caso a organização nada fizesse contra a permanência dos navios de guerra ingleses dentro do limite de 50 milhas que Reykjavik reivindica. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

RAEKJAVIK («The Guardian»/D.L.) — A Grã-Bretanha tem tendência para considerar a guerra do bacalhau entre ela e a Islândia, uma disputa infeliz sobre jurisdição com um pequeno e obstinado país europeu que depende em larga medida da pesca. Na realidade, a «guerra do bacalhau» compreende-se mais facilmente como uma série contínua de conflitos entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido à volta de recursos e matérias primas.

A cultura escandinava da Islândia, o facto de ser um membro da N. A. T. O. e o seu actual padrão de vida elevado contribuem para fazer esquecer que, sob muitos aspectos, o país pertence ao terceiro mundo.

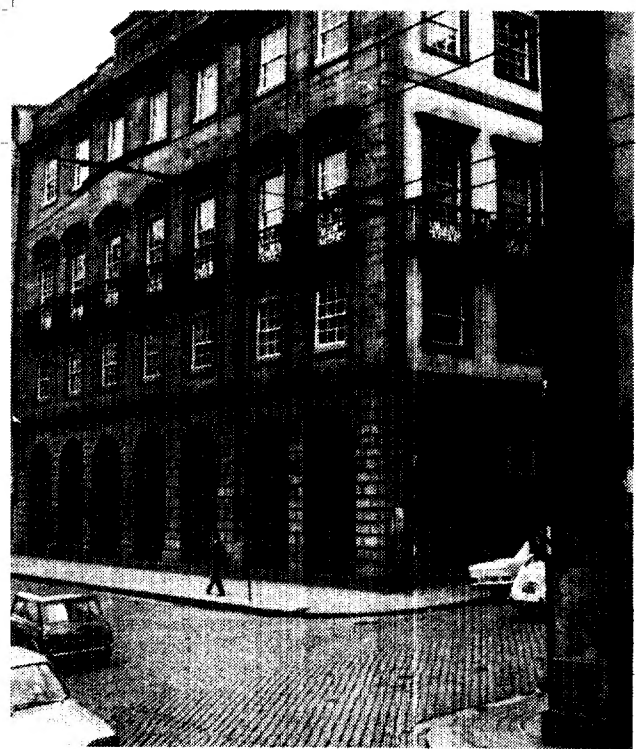
Continua na pag. 30

LEIA HOJE

OUA: DEZ ANOS DE UNIDADE AFRICANA; O DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE; A CIÊNCIA E O HOMEM, pelo Prof. António M. Baptista; A EUROPA E AS EMPRESAS MULTINACIONAIS; CARTA DO BRASIL, de Chianca de Garcia; TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO.

LEIA AMANHÃ

No suplemento «Exclusivo»: Índios Brasileiros: Batalha sem Esperança; A Austrália Trabalhista; O Futuro Político da Colômbia; Israel tem 25 anos: Ocasões de paz falhadas; As dívidas dos judeus; Os «records» da economia, etc.



O edifício da sede da Feltoria Inglesa no Porto foi construído em 1785, apesar de datar de 1862 a criação daquela instituição

600 anos de aliança Luso-Britânica

Ingleses em Portugal

Numa velha história, conta-se que oito britânicos — dois galeses, dois irlandeses, dois escoceses e dois ingleses — naufragaram e foram parar a uma ilha deserta. Durante a primeira semana os galeses formaram um coral, os irlandeses andaram à pancada, os escoceses criaram uma sociedade Caledónica (primitiva designação escocesa) e os ingleses não se falaram porque nunca tinham sido apresentados. «Felizmente que tal independência rática não tem sido o caso da Colónia Britânica em Portugal» — lê-se num pequeno volume publicado há dez anos e relativo aos 75 anos do Real Clube Inglês.

Localizado na rua da Estrela, em terreno comprado no século XVII pelo governo britânico aquele clube faz parte do complexo das principais agremiações inglesas na nossa capital, que comportam ainda o cemitério inglês — talvez o mais belo de todos os existentes em Portugal — o hospital, chefiado por um médico português mas com pessoal de enfermagem inglês, a Igreja de S. Jorge, a residência do capelão, a sede do grupo de teatro «Lisbon Players» e a Câmara de Comércio Luso-Britânica, de que é presidente o embaixador Franco Nogueira. Estas são algumas das instituições que servem a colónia inglesa em Portugal — 11.000 cidadãos britânicos que vivem actualmente no nosso país (500 no Porto, 4.000 em Lisboa e 1.353 no Algarve) onde se dedicam a negócios, actividades industriais e que grande parte escolheu para passar os anos de reforma.

Para assinalar a passagem do 600.º aniversário da Aliança Luso-Britânica, chega na próxima terça-feira a Lisboa, onde se desloca em visita oficial, o príncipe Filipe de Edimburgo.

(Ler pag. 2)

UMA ALDEIA PORTUGUESA MUDOU-SE PARA FRANÇA

Durante a 30.ª Reunião da Comissão Católica para as Emigrações Inter-Europeias, em que participaram cerca de 100 membros da Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal e da Suíça, foi assim relatado o seguinte caso da emigração portuguesa para França:

Lissac-sur-Couze, uma pequena aldeia a 12 km de Brive, no Causse inóspito, conhecia há muito a sentença de morte. Pertencente a uma região essencialmente rural, de solo ingrato e pouco fértil, os naturais, seguindo os caminhos da emigração, haviam-na trocado por regiões mais promissoras. As poucas famílias que ficaram não permitiam a sua existência no futuro. A escola ia fechar e a Câmara já nem conseguia da Sub-Prefeitura os créditos necessários para os serviços indispensáveis de conservação.

Chegam os primeiros portugueses, são oriundos de uma aldeia do Nordeste. A semelhança da região com a sua terra atrai-os e conquista-os. A renda da casa é, ali, mais

acessível que na cidade e habitação tradicional correziana com o seu jardim conquista a mulher transmontana, que pode cultivar uma ou duas leiras e dispor da inevitável capoeira. Usando a motocicleta, com facilidade se cobrem os 10 ou 12 km que separam a aldeia dos locais de trabalho.

As primeiras famílias chamam outras da sua aldeia, parentes e amigos. E outras e outras se seguem. Toda a aldeia portuguesa se muda para Corrèze. As crianças, em número elevado, são na escola 78 por cento da totalidade e os professores têm que fazer um grande esforço de adaptação aos seus novos alunos. A chegada maciça das famílias portuguesas transforma a aldeia fantasma numa ridente aldeia portuguesa.

O acolhimento dos naturais, frio a princípio, em breve se transforma, graças ao papel das crianças. Os portugueses

«mais antigos» são já hoje operários especializados. Muitos outros adquiriram terreno e construíram a sua própria casa.»

A "PRINCESA" DESTE ANO



Maria Eduarda Espinheira, a princesa de 1973

HOJE: 32 PAGINAS

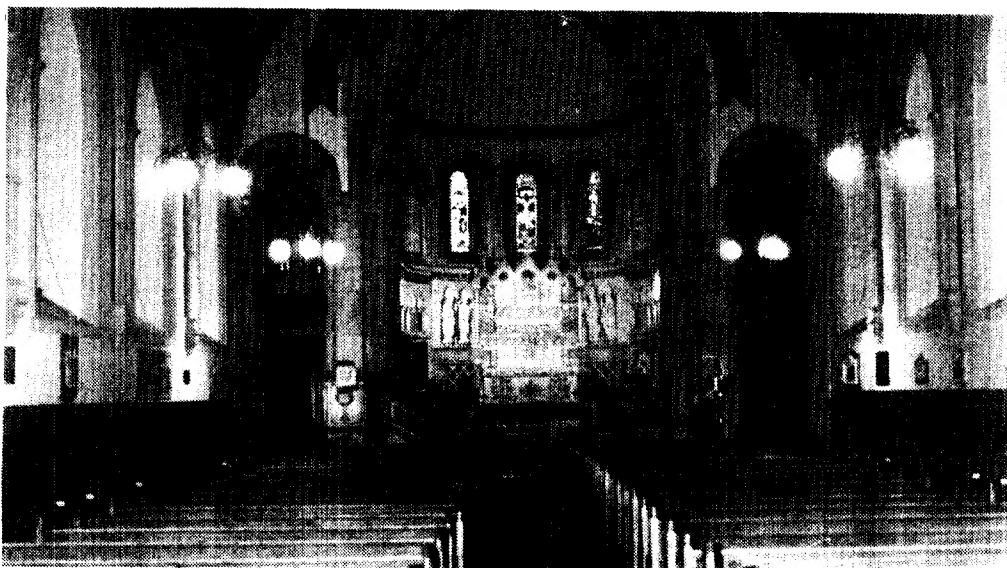
A INDÚSTRIA CONSERVEIRA E A POLUIÇÃO MARÍTIMA

A poluição das águas portuguesas poderá vir a afectar com gravidade a indústria da pesca e as transformadoras a ela ligadas nomeadamente a das conservas de sardinha. Os perigos resultam ao longo da costa portuguesa dos petroleiros em trânsito que fazem as suas limpezas e afectam o plancton. Enquanto em algumas zonas de pesca a presença de mercúrio em peixes é de 0,8 por mil — o limite máximo de segurança quanto à nocividade, é de 05, — noutras como a nossa os valores verificados não apresentam ainda tão elevada intensidade. Por outro lado, a pesca é dificultada pelo afastamento dos cardumes de sardinha, dado o desvio da Corrente do Golfo. Apesar da abun-

dância deste peixe verificada no ano passado, muito pouco se sabe dos seus hábitos migratórios, cujos estudos estão por fazer e que muito poderiam ajudar as indústrias conserveiras. Estas absorvem algo como 60 por cento das sardinhas vendidas em lota um argumento a favor da integração das indústrias de pesca e das conservas.

Mas nem só estes problemas afectam o futuro de um sector que exporta cerca de 1.150.000 contos anuais pois outros como a dificuldade da conquista de novos mercados, ou um possível atraso tecnológico se fazem sentir, não sem graves inconvenientes para os trabalhadores do sector.

600.º ANIVERSÁRIO DA ALIANÇA LUSO-BRITÂNICA



Interior da Igreja do Cemitério Inglês

SEISCENTOS ANOS DE UMA ALIANÇA

Os 600 anos da Aliança completam-se, exactamente, no dia 16 do corrente mês. Como efeito foi o Tratado de Londres de 16 de Junho de 1373, apontado como o fundamento jurídico da Aliança, que estipulou as suas cláusulas essenciais. Determinava-se aí:

1.º) — Mútua e perpétua paz, amizade, união e aliança; 2.º) — Compromisso de nenhuma das partes ligar amizade com os inimigos, émulos e perseguidores da outra parte; 3.º) — Obrigação de cada uma das partes socorrer a outra com gente, armas, navios ou qualquer espécie de ajuda, desde que lhe seja pedido por escrito ou por enviados, por motivo de

necessidade de defesa do reino, suas províncias, domínios e lugares, em caso de ofensa, opressão ou invasão por terra ou por mar. (Recorde-se o auxílio inglês em Aljubarrota).

De 1373 a 1500 situa-se, portanto, a chamada primeira fase da Aliança (1) e em que terá prevalecido a **igualdade de poderes e reciprocidade de interesses**. Mas, apesar do casamento de D. João I com Filipa de Lencastre e da maior cordialidade entre as duas coroas nesse período, os piratas ingleses nunca foram reprimidos pelos seus soberanos nos frequentes ataques aos nossos barcos e praças.

SUPREMACIA

A 2.^a fase — precaridade da independência portuguesa e predomínio dos interesses comerciais — decorreu de 1642 a 1807. Durante esse período foram celebrados entre os dois reinos quatro tratados. Sobre um deles, o de Westminster, de 10 de Julho de 1654, escreveu o historiador inglês Edgar Prestage: «O Tratado de 1654 representa para a República (Inglaterra) uma vitória diplomática, pois obteve de Portugal assinalados privilégios comerciais e religiosos, pretendidos de Espanha e que esta lhe recusara; em troca os portugueses só receberam as vanta-

A Feitoria inglesa no Porto data do ano de 1682. Nos primeiros tempos, e durante alguns períodos, nem sempre a sua vida decorreu com tranquilidade. Mais tarde, em 1785, foi construída sede própria, na rua do Infante D. Henrique, num belo edifício em granito, de quatro pisos, e com magníficas dependências que honram sobrenomeira aqueles que meteram ombros á iniciativa. Era então consul de Inglaterra nesta cidade, mister Whitehead, a quem se ficou a dever, em grande parte, a construção do belo imóvel.

Quatro reis de Portugal visitaram a Feitoria. Também a rainha Isabel, em 1957, por ocasião

Feitoria Inglesa do Porto

da sua visita a Portugal esteve na feitoria.

Como qualquer outra colônia estrangeira, o número de ingleses radicados no Norte tem decrescido nestas últimas décadas. Uns quatrocentos a quinhentos vivem hoje nas províncias norte-nhas, contando já com crianças. O comércio e a indústria são as suas principais actividades.

O Barão de Forrester foi sem dúvida uma das figuras da colónia lusitânica que mais se distinguiu na cidade nortenha. Grande impulsionador do vinho do Porto morreu precisamente na região onde se cria o vinho do Porto. Uma naufrágio no rio Douro, mais precisamente no Cação para lá da Régua, tirou-lhe a vida.

"Colônia romanesca..."

A colónia britânica exportadora de vinho e residente no Porto é um dos fenómenos mais romanescos da história dos colonos. A maioria dos seus colonos componentes talvez repudiassem o adjectivo que lhes atribuo, mas, apesar disso, ele é-lhes adequado. A nota romanesca patenteia-se largamente no seu comércio e nas circunstâncias que o rodeiam: a cultura das videiras na região magnífica do Alto Douro, a beleza das quintas montanhosas, propriedade das firmas produtoras de vinho, o embarque deste pelos troços selváticos do Douro, até aos

pitorescos armazéns de Vila Nova de Gaia, a fabricação de barris e pipas, os processos de maturação, engarrafamento e embarque para Inglaterra, o rico colorido e o aroma do vinho do Porto em si, o papel por este desempenhado, desde há dois séculos e meio, na vida inglesa, depois de se libertar da acidez da sua adolescência, quando era vinho verde, e da turba impureza da sua primeira fase, no século XVIII». Do livro «Ingleses em Portugal» de R. Macaulay

de Portugal foi frequente.

A fase seguinte (1851-1891) é dominada pela célebre questão do mapa-cor-de-rosa que motivou o Ultimatum inglês e que pôs em cheque a já frágil e instável monarquia portuguesa. Cresce a partir daí o ainda restrito Partido Republicano que na altura lançou a campanha em que acusava o Governo de sujeição à «avidez britânica» e de alienar Moçambique.

De 1891-1932 (conforme periodificação estabelecida pelo professor Marcello Caetano) deu-se como que um retorno à Aliança seiscentista. Por ocasião da guerra de 1914 o Governo português declara na Câmara dos Deputados não esquecer «os deveres da Aliança que livremente contraímos e a que circunstância alguma faltaríamos».

Logo após a proclamação da República, o novo Governo tinha-se apressado a afirmar a sua lealdade à Aliança inglesa.

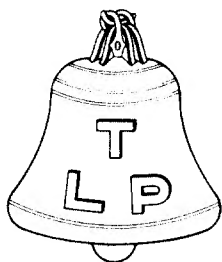
De 1932 em diante considera-se uma nova fase nas relações luso-britânicas. Finda a 2.ª Guerra Mundial as relações entre os dois Governos prosperaram com maior cordialidade, dado o apoio português (bases dos Açores) aos aliados.

Entretanto «a desagregação do Império Britânico após a guerra, a adesão dos governantes às novas ideias de descolonização, a preocupação de manter os frágeis laços da Comunidade Britânica, criaram na política inglesa graves embaraços ao desempenho desse dever tradicional».

Por ocasião da ocupação da Índia portuguesa (1961), pela União Indiana o então presidente do Conselho, Salazar, considerou em discurso proferido na Assembleia Nacional, em crise todo o sistema da Aliança.

Nessa altura já outras forças ou Estados mais poderosos predominavam na cena internacional. A Inglaterra perdera a liderança política atlântica.

(1) Enciclopédia.



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

INFORMA

Com a entrada em vigor da Lista Telefónica n.º 92 do Grupo de Redes de Lisboa, na noite de 31 de Maio para 1 de Junho procedeu-se:

1.º — A alteração dos prefixos numéricos dos telefones dos seguintes assinantes:

Iniciados por:	«57»	—	alteram para	«557»
»	»	«30»	—	»
»	»	«33»	—	»
»	»	«2418»	—	»
»	»	«2419»	—	»

EM CONVERSACÕES PARA ESTAS ÁREAS MARQUE SEMPRE O NÚMERO COMPLETO

2.º — Sofrem também alteração alguns dos números actualmente ligados às Centrais de:

ALMADA AMOREIRAS
AMADORA BELÉM
ARRANHÓ CASTELO
PORTAS DE BENFICA MARINHA DE CASCAIS
PRAIA DAS MAÇÃS SACAVÉM
ALHANDRA

LEMBRE-SE DESTAS ALTERAÇÕES

CONSULTE A NOVA LISTA N.º 92

PROTECTORADO

A 3.^a fase (1807-1851) — insere-se no período da guerra contra os exércitos napoleónicos e lutas liberais. É o tempo em que a Inglaterra exerce um protectorado de facto relativamente a Portugal.

A convenção secreta de 22 de Outubro de 1807 previa a transferência da corte para o Rio de Janeiro, vivamente promovida pela coroa inglesa, empenhada em «impedir» que as colônias e a marinha militar mercante de Portugal caíssem, no todo ou em parte, nas mãos da França».

No Rio de Janeiro os representantes diplomáticos ingleses exerciam verdadeira tutela sobre o príncipe regente, que dava conta dos seus actos ao regente da Grã-Bretanha, assim como em Lisboa as autoridades militares preponderavam na regência. Até 1851 a intervenção na política interna

Intervenções na prevenção de doenças

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEPHONE 95 02 32

Informamos os nossos Exmos. Clientes que amanhã segunda-feira, dia 4, faremos o serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES, em virtude da Sala COZINHA VELHA se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

A DIRECCÃO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Tabacaria Loureiro», Avenida 5 de Outubro, 26 SE-TÚBAL

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Casa Palma Bica», Praça do Brasil SETÚBAL

DIAS E DIAS

MARIA JUDITE DE CARVALHO

Há dias em que na perigosa, desencorajadora, desinteressante floresta dos jornais, surgem flores. Ou seremos nós que nesses dias as vemos? Ou serão os repórteres que acordaram com olhos de as ver e portanto de no-las contar? Claro que há guerras, claro que há violência, claro que há homens sós no mundo, e abandonados. Claro que há tudo isso e muito mais. Existe sempre uma extraordinária variedade de coisas más, e os jornais, narradores até certo ponto dessas coisas, dão-nos delas uma boa escolha. Mas as flores. Flores na floresta, ou estrelas (cadenas) na noite, ou risos. Risos que nem sempre são cor-de-rosa, que às vezes são, pois claro, negros. Mas risos. E também acontecimentos explicados e até inexplicáveis, à Charles Fort, neste mundo louco onde tivemos a desdita de nascer, crescer, viver, morrer um dia.

Há portanto dias em que as flores-estrelas-mistérios-risos têm, pelo menos momentaneamente, maior importância do que os progressos, os retrocessos, os crimes, as ameaças, a morte e a vida, o desespero e a esperança. E aquele homem, por exemplo, «desviou» um autocarro para ir para casa ao fim da tarde. E dois indivíduos entraram em acalorada discussão por causa das palavras **condutor** e **motorista**. Cada um deles achava que a sua palavra era melhor, mais adequada ao objectivo. Azedada a discussão, cada um defendendo com maior força o seu ponto de vista, um deles puxou de um revólver e matou o outro. Uma mancha vegetal que varia de cor conforme os dias, e tem uma aparência espumosa surgiu há tempos no quintal de uma família do novo mundo. Por mais que tentem destruí-la, não conseguem, diz a notícia, e há quem fale de ficção científica tornada realidade. Outra história de «science-fiction»: um homem (ou ser?) morto há 30 anos (no Texas) vai ser desenterrado e observado, porque corre a história de que ele seria um extraterrestre, morto na explosão de uma estranha nave em forma de charuto.

Há dias, não é? Mas nos que se seguem teremos de nos contentar com este nosso mundo cinzento.



JOSE
HIPOLITO
RAPOSO

O DESAFIO AGRICULTURA -TÉCNICA DE GABINETE

Em artigo anterior (vd. «DL» de 14-5-73) defendíamos que era impensável uma maior investigação e experimentação agrícola (baseada muito mais na qualidade e nas reais necessidades da agricultura do que na quantidade), dávamos ideia do que foram as estações piloto iniciadas por desafio mútuo dos técnicos teóricos aos agricultores, e prometíamos fornecer exemplos recentes desse desafio.

Assim, por exemplo, num prestigioso diário do Norte, um ilustre agrónomo nosso amigo, que há longos anos aí vem escrevendo, recentemente criticava (ou melhor **desafiava**) a lavoura do Noroeste a modificar a sua base em cultura do vinho verde, prado de azevém e milho.

Não indicava qualquer solução. **Acusava** apenas os agricultores de se dedicarem predominantemente a esse esquema cultural.

Embora a nossa prática de agricultura se tivesse processado no Alentejo, não seria necessário que as andanças da vida nos tivessem levado para outros caminhos, onde tomámos contacto com muitos outros meios agrícolas, para compreendermos que as opções de agricultores do Noroeste, de uma forma geral, estão certas. Foi isso que declarou, o ano passado (não sem estranheza de grande parte da assistência), um agrónomo de Beja perante uma assembleia de colegas, no que respeitava aos agricultores tailandeses,

alemães ou marroquinos.

A escolha de determinadas culturas e as suas rotações são condicionadas predominantemente por factores naturais e também, em menor escala, por outros factores: abundância de mão-de-obra ou sua escassez, política governativa em relação a crédito, preços e garantias de colocação.

O aperfeiçoamento desse esquema e a adopção de outras culturas e práticas culturais são necessariamente lentas e dependem, para a sua aceleração, muito mais do alargamento dessa investigação e experimentação do que da falta de vontade dos agricultores. Supomos que os exemplos que temos dado são suficientes.

Se o acaso nos fizesse lavrador no Noroeste e a agricultura fosse a nossa única fonte de rendimento (há muita agricultura «de fantasia» feita com dinheiro de outros sectores com predomínio nessa região), certamente que seguiríamos o esquema regional enquanto as nossas fracas possibilidades de investigação e experimentação não nos abrissem outros caminhos. Certamente seria o mesmo que faria esse ilustre agrónomo, porque a experimentação a nível oficial é quase nula.

Mas o problema não se situa infelizmente apenas nos aspectos gerais da agricultura. Na divulgação de melhores práticas culturais continua a existir esse **desafio**. Assim é inútil (e perigoso) esse agrónomo também divulgar no mesmo jornal que, em determinada região de

norte de Itália, um agricultor, tendo já obtido 9,7 toneladas de grão de milho híbrido por hectare, prevê a produção de 12. Perigoso porque cria nos leitores do jornal a ideia que os nossos agricultores são incapazes. Inútil, porque não há experiência nenhuma oficial ou particular que indique que se possam obter essas produções no nosso Noroeste.

Como experiência de milho híbrido controlado, nessa região, com base em cultura de tamanho normal, existe apenas numa exploração-piloto da CUF numa várzea de Barcelos, onde a produção dos milhos híbridos se situa nas modestas 4 toneladas. E continua a ser inútil e falso dizer que a diferença desses rendimentos se deve às melhores adubações. Certamente essa exploração piloto, dirigida por agrónomos competentes, utiliza as melhores técnicas culturais e as adubações que a sua experiência indicou.

Não vale a pena divulgar nos agricultores os números dos outros. Não adianta. Divulguemos os nossos e procuremos melhorá-los com a nossa própria experiência.

E já que falamos no assunto é de inteira justiça destacar o trabalho de experimentação dessa empresa e do seu brilhante grupo de agrónomos, que, com os limitados meios de uma empresa privada, consegue, em muitos sectores, apresentar trabalho mais útil que a agronomia oficial. Estão neste caso as experiências de adubações de cereais de Inver-

no, responsáveis em grande parte pela melhoria nos últimos anos das produções unitárias.

Foi-nos dito, uma vez, que os resultados conseguidos por essa empresa se devem à acertada escolha dos agrónomos para tal actividade. Além da competência profissional já demonstrada, deveriam ser das regiões onde trabalhavam e ter lá ligações com a lavoura, facto que lhes dava imediatamente outra perspectiva dos problemas e das necessidades reais da agricultura. Será em parte verdade, porque o seu sucesso deve-se a ter procurado na investigação e experimentação de algumas dessas necessidades reais da agricultura regional.

Além dessa exploração-piloto, tem outras em Abrantes, Ferreira do Alentejo (instalada em parte de uma herdade cedida para esse fim por um agricultor interessado em acompanhar tais experiências) e Évora.

Esta última, inicialmente destinada à cultura intensiva de forragens para gado alternando com cereais, por ser esquema anti-económico, mudou rapidamente para o esquema regional, todavia com boa contribuição para o seu aperfeiçoamento.

É exemplo um interessante e acessível esquema de contabilidade que o seu responsável, eng. Prates Canelas (e também pela orientação dos serviços económicos da em-

Continua na pag. 30

O nosso mundo

UMA MULHER

Foi razão de júbilo para todos os jornais da província o convite feito pe-



la presidente do Movimento Nacional Feminino para estar presente nas comemorações do 12.º aniversário da patriótica organização, que tiveram lugar há dias. E se o justo reconhecimento dos méritos é sempre motivo de agrado e até de estímulo para os visados, neste caso maior se tornou por partir de quem gira alto e brilha intenso: Cecília Supico Pinto, uma mulher na mais completa e ampla significação do termo. Um elogio dela, que é exemplo de total energia em favor dos mais altos ideais, soa a hino místico aos ouvidos de quem, embora mal, também luta por ideais claros e brilhantes. Conquanto a justiça não dê lugar a agradecimento, aqui fica o nosso «obrigado» a engrossar o som uníssono de quantos jornais, como nós, não se entendem por pitorescas e tradicionais peças de museu provinciano. Bem haja, pois, todo aquele que não vê ou luta por que a imprensa regionalista deixe de ser relíquia que, doentamente,

se aprendeu a estimar. O conceito de «folha» e o «jornalzinho» tem de acabar. Há, ou deve haver, só jornais; uns que saem todos os dias e se dirigem a extensas zonas, levando, por escrito, os relatos que já todos conhecemos sucintamente pela rádio e televisão. Os outros, jornais, que somos nós, que temos, em contrapartida, a nosso cargo, a doutrinação de são ideais, a promoção dos povos (mais orientada por nos dirigirmos a zonas determinadas), a história das terras e também notícias de carácter mais circunscrito. (A.N., in «Ecos de Marco de Canaveses»)

SANTARÉM

A falta de luz continua a fazer-se sentir na Avenida António Maria Batista, de onde continuam chegando informações ao nosso jornal de que aquela extensa artéria, quando chega a noite, nem parece fazer parte de uma cidade cabeça de distrito. De outros pontos da cidade também se nos queixam do mesmo mal! Nos arrabaldes citadinos, além das grandes deficiências de iluminação, os factos são agravados pela morosidade na substituição de lâmpa-

das que se fundem, deixando vastas zonas às escuras durante dias, semanas, meses até! Na Portela, por exemplo, chega a faltar a iluminação por causa de lâmpadas fundidas — como está agora sucedendo — durante períodos muito prolongados, o que causa transtornos e prejuízos naquela zona movimentada da periferia da cidade. Pedem-se urgentes providências para estes casos e outros semelhantes — que não abonam Santarém sob o ponto de vista de cidade civilizada. («Diário do Ribatejo»)

CONVERGIR

Quem olhasse atentamente a assembleia reunida em Tomar, veria, lado a lado, homens das mais diversas idades, embora com maioria substancial de gente moça, entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos. Entre ela, não seria difícil distinguir elevado número de participantes que já combateram no Ultramar. Aquilo a que se convencionou chamar «conflito de gerações» — aludindo, afinal, ao natural fenómeno da criação de novas correntes de opinião, fator de progresso em to-

dos os tempos — ganhou, em Tomar, vigorosa expressão positiva, forte, cheia de vivacidade e de dinamismo. Mas não existiu «conflito», pela simples razão de os homens que já transpuseram a casa dos sessenta e aqueles que empreendem, agora, as jornadas da idade adulta, quererem atingir os mesmos objectivos, pretendem convergir para os mesmos fins superiores, terem a união a mesma vontade de promover a ascensão da vida do povo português para maiores e melhores níveis em todos os domínios. («Correio da Beira», da Guarda).

PESAR OCULTO

A dedicação silenciosa a um pesar oculto que faz parte da minha vida torna-me abstracta e distante. Mas os ruídos assaltam-me os ouvidos como um significado de vida; fanfarra buliçosa a tentar afastar o sofrimento para muito longe. Providencial e com teimosa persistência, este ruído, numa preocupação de grave dever e numa ternura admirativa, lembra-me que haja morte, a vida não pára... minutos difíceis estes com resultados positivos de angústia.

Na pressa da vida terrena não devia haver tempo para as coisas da sensibilidade, mas o pensamento, sendo uma onda de energia é também um buscador de sensações que avaliando o presente e recapitulando o passado, vive de saudades e de recordações afectuosas. («Notícias d'Évora»)

SÓ LISBOA

Lisboa viu na Fundação Gulbenkian e sob os auspícios do governo francês, algumas das mais representativas obras do escultor Auguste Rodin. Foi uma das exposições mais extraordinárias que já se fizeram no nosso País e a espantosa afluência de visitantes comprovou o reconhecimento público pela necessidade de certas culturas do género. (...) Uma vez mais, só Lisboa foi premiada com esta magnífica exposição; uma vez mais, a Arte foi limitada geograficamente; uma vez mais, o resto do País ignorou um acontecimento de tal importância. Mas como pedir? Como impor a necessidade de trazer, também à Província, iniciativas como esta de extraordinário alcance pedagógico e cultural? («Jornal do Alentejo»).



Eg. Correia da Cunha: «Até agora não foram tomadas medidas mais drásticas»

MEIO AMBIENTE

A introdução da defesa do ambiente nos programas do ensino

-PRETENDE A C.N.A.

Declaração da conferência das Nações Unidas sobre o ambiente

Em Junho do ano passado reuniu, em Estocolmo, a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente, tendo os países que nela intervieram aderido à sua Declaração sobre o Ambiente. Dela aqui transcrevemos algumas passagens por cuja leitura ressalta a evidência de que a luta ecológica ou a defesa do meio ambiente são problemas que não se resolvem em si — manifestações parcelares de um todo que as gera.

Na primeira parte do documento, (ponto 3) afirma-se:

«O homem deve constantemente dar balanço à sua experiência e continuar a descobrir, a inventar, a criar e a avançar. Esse poder que o homem tem, hoje, de transformar o meio em que vive, se é utilizado com discernimento, pode trazer a todos os povos os benefícios do desenvolvimento e a facilidade de melhorar a qualidade da vida. Utilizado abusiva e inconsideradamente, esse mesmo poder é capaz de causar um mal incalculável aos seres humanos e ao ambiente. Os exemplos de prejuízos, de destruição e de devastação provocados pelo homem multiplicam-se sob os nossos olhos, em inúmeras regiões do globo: verificam-se níveis perigosos de poluição da água, do ar, da terra e dos seres vivos; perturbações profundas e deploráveis do equilíbrio ecológico da biosfera; destruição e esgotamento de recursos insubstituíveis; enfim, graves deficiências que são perigosas para a saúde pública, mental e social do homem, no ambiente que criou e, especialmente, no seu meio de vida e de trabalho».

E logo em seguida:

«Nos países em vias de desenvolvimento, a maior parte dos problemas do ambiente é causada pelo subdesenvolvimento. Milhões de homens continuam a viver muito abaixo dos mais inferiores padrões compatíveis com uma vida humana decente, privados do necessário no que se refere à alimentação, vestuário, alojamento, educação, saúde e higiene. Por conseguinte, os países em vias de desenvolver-se devem orientar os seus esforços para o desenvolvimento, mas tendo em conta a prioridade e a necessidade de preservar e melhorar o ambiente. Nos países industrializados, os problemas do ambiente estão geralmente ligados à industrialização e ao progresso das técnicas. Com a mesma finalidade, estes países devem esforçar-se por reduzir a diferença que existe entre eles e os países em vias de desenvolvimento.

Encontramo-nos num momento da história em que devemos orientar as nossas acções, no mundo inteiro, reflectindo cada vez mais nas suas repercussões sobre o ambiente. Podemos, por ignorância ou por negligência, causar prejuízos consideráveis e irreversíveis no ambiente terrestre, do qual depende a nossa vida e bem-estar. Pelo contrário, se aprofundarmos os nossos conhecimentos e agirmos mais cautelosamente, podemos assegurar a nós próprios, e à posteridade, condições de vida melhores num ambiente mais bem adaptado às necessidades e aspirações da humanidade. Existem largas perspectivas para a melhoria da qualidade do ambiente e para a criação duma vida feliz. E preciso entusiasmo, mas também sen-gue-frio; esforços intensos, mas também uma acção ordenada. Para usufruir livremente os benefícios da natureza, o homem deve valer-se dos seus conhecimentos para criar, em cooperação com ela, um ambiente melhor. Defender e melhorar o ambiente para as gerações presentes e futuras tornou-se para a humanidade um objectivo primordial, uma tarefa cuja realização é necessário coor-

denar e harmonizar com os objectivos fundamentais já fixados de paz e de desenvolvimento económico e social no mundo inteiro.

Para que esse fim seja atingido, é preciso que todos, cidadãos e colectividades, empresas e instituições, absolutamente todos, assumam as responsabilidades que lhes cabem e partilhem equitativamente as tarefas. Os homens de todas as condições e as mais diversas organizações podem, pelos valores que admitem e pelo conjunto dos seus actos, determinar o ambiente de amanhã. As autoridades locais e os Governos serão os principais responsáveis pelas políticas e pela acção a efectuar em matéria de ambiente nos limites da sua jurisdição. Uma cooperação internacional não é menos necessária para reunir os recursos indispensáveis que ajudem os países em vias de desenvolvimento a cumprirem as suas responsabilidades neste domínio (...).

Na sua segunda parte, a Declaração enumera 26 princípios, assim enquadrados:

«O homem tem direito fundamental à liberdade, à igualdade e às condições de vida satisfatórias. Tem o dever solene de proteger e melhorar o ambiente para as gerações presentes e futuras. Assim, as políticas que encorajam ou perpetuam o apartheid, a segregação racial, a discriminação, as formas, coloniais e outras, de opressão e de domínio estrangeiros, são condenadas e devem ser eliminadas». (Princípio 1)

O homem tem uma particular responsabilidade na salvaguarda e na doura gestão do património constituído pela flora e pela fauna selvagens e respectivo habitat, que estão hoje gravemente ameaçados por um conjunto de factores desfavoráveis. A conservação da natureza, e especialmente da flora e da fauna selvagens, deve pois ocupar um lugar importante na planificação do desenvolvimento económico». (Princípio 4)

Princípio 5: «Os recursos não renováveis do globo devem ser explorados de maneira que se não corra o risco de os esgotar, e que sejam partilhadas por toda a humanidade as vantagens obtidas com a sua utilização».

Princípio 6: «O lançamento de matérias tóxicas ou de outras matérias e as emissões de calor em quantidades ou em concentrações tais que o ambiente não possa neutralizar os efeitos, deve ser interrompido de forma a evitar que os ecossistemas sofram prejuízos graves e irreversíveis. Deve ser encorajada a luta legítima dos povos de todos os países contra a poluição».

Nos países em vias de desenvolvimento é essencial, para a gestão do ambiente, estabilidade dos preços e uma remuneração adequada para os produtos de base e para as matérias-primas, pois tanto os factores económicos como os processos ecológicos devem ser tidos em conta» (princípio 10).

A situação destes países — em vias de desenvolvimento — é especialmente contemplada pela Declaração. Assim, os dois princípios seguintes:

As políticas nacionais do ambiente deviam reforçar o potencial de progresso actual e futuro dos países em vias de desenvolvimento e não enfraquecê-lo ou por obstáculos ao estabelecimento de melhores condições de vida para todos. Os Estados e as organizações internacionais deviam procurar um entendimento sobre os meios de remediar as consequências económicas desvantajosas que possa ter, a nível nacional e internacional, a aplicação de medidas de protecção do ambiente.

Continua na pag. 30

Apesar de durar apenas um dia o Dia Mundial do Ambiente a campanha de esclarecimento ao público sobre a conservação do meio-ambiente e a urgência de um combate a poluição a levar a cabo pela Comissão Nacional do Ambiente, presidida pelo eng. Correia da Cunha, poderá vir a ter assinalável importância, por ir criar determinados precedentes relevantes para um futuro alargamento desse processo de consciencialização. Assim se pode depreender da troca de palavras tidas com o responsável da Comissão.

Trata-se de um organismo consultivo, criado em Junho de 1971, cuja finalidade não será resolver o problema do equilíbrio ecológico ou da poluição e destruição ambiental, mas com que se pretende «fundamentalmente estimular, promover e coordenar as actividades no País relacionadas com o ambiente», as quais, a nível sectorial, recebem também a participação de outras entidades. Compete-lhe ainda «propor ao Governo as bases para a definição de uma política nacional nesse campo».

Em Portugal, a situação pode, sob muitos aspectos, considerar-se francamente favorável a uma tomada de posição firme e esclarecida. Vamos poder beneficiar neste sector do notório atraso económico em que nos encontramos e da experiência transmitida através de organizações internacionais em que nos integramos (O.N.U., O.C.D.E., N.A.T.O., etc.).

Os nossos maiores problemas residem na necessidade de coordenar as acções de desenvolvimento sectoriais ao mesmo tempo que se levam os responsáveis a aceitar os modelos globais que preconizam a defesa da qualidade da vida dos cidadãos. A nossa participação nos esquemas de «monitoring» mundial instituídos para as poluições marítima e atmosférica dar-nos-á sempre a possibilidade de acompanhar as acções internacionais a desen-cadear incluindo a definição de normas e de critérios. Importará referir que a Conferência de Estocolmo se preocupou sobremaneira com a poluição dos oceanos e que posteriormente Portugal já aderiu a duas convenções sobre o vertimento de detritos nos mares: a de Oslo, relativa ao Nordeste do Atlântico, e a de Londres, de carácter mundial — segundo as palavras do eng. Correia da Cunha.

Entre outras actividades, na C.N.A. tem promovido a luta à poluição, através de análises às águas, nomeadamente no estuário do Tejo e na Costa do Sol. Em relação ao estuário — disse o presidente da Comissão — têm-se efectuado campanhas avisando os industriais presumivelmente responsáveis pelos prejuízos da poluição a tomarem medidas. Regra geral, o entendimento tem sido cordial. Até agora não foram tomadas medidas mais drásticas.

Também outros locais, alvo de poluição industrial, foram objecto de estudo por parte de

membros da Comissão, quando lhes foi solicitada intervenção. E o caso do Barreiro, Lagoa de Obidos, do rio Sado, Sizandro, bem como de várias intervenções de defesa e valorização do ambiente, com a colaboração de entidades oficiais e privadas. Paralelamente tem desenvolvido um esforço de divulgação de informações. A este nível, está a tentar-se uma aproximação do Ensino, levando aos alunos o problema da defesa do ambiente. Este é um dos pontos em que as comemorações do Dia Mundial do Ambiente poderão criar um precedente para uma futura integração de tais matérias nos programas escolares.

As sessões a realizar em liceus sobre a defesa do ambiente poderá esperarmos, antecipar a futura inserção nos livros de texto de alguns aspectos do problema, informou o eng. Correia da Cunha.

OS MARES OS ARES E AS ÁGUAS

No que respeita a estes três campos de actuação diz o eng. Correia da Cunha no trabalho intitulado «Portugal e a Defesa do Ambiente»:

«Interessa-nos sobremaneira o que se passa junto das nossas costas pelos seus reflexos directos sobre as condições de aproveitamento das praias e da fauna marítima que se desenvolve em estreita dependência da plataforma continental.

Os maiores prejuízos resultam das descargas de hidrocarbonetos efectuadas por petroleiros em trânsito para o Norte da Europa e do lançamento de detritos de toda a ordem resultantes dos aglomerados urbanos (com realce para a metrópole lisboeta), das indústrias localizadas ao longo da costa (químicas e de pasta para papel) e de complexos turísticos deficientemente instalados».

Depois de se referir às apreensões causadas pelo complexo de Sines — com cujo Gabinete a Comissão tem colaborado — o presidente passa ao problema da poluição dos estuários e águas interiores:

«A intervenção neste sector reveste-se de grande complexidade, uma vez que a luta contra a poluição não é mais do que uma faceta da política de gestão da água, e esta um aspecto relevante dos esquemas de ordenamento do território. A Comissão Nacional do Ambiente atribui-lhe importância

prioritária e esforça-se por chamar a atenção dos responsáveis para a necessidade de definir uma política nacional da água, à semelhança do que se fez para o sector energético. São várias as dificuldades inerentes a esta tarefa: multiplicidade de utentes com interesses contraditórios (abastecimento de aglomerados populacionais e unidades industriais, por exemplo); número apreciável de organismos gestores com competências definidas em diplomas por vezes ultrapassados; carácter internacional dos principais cursos de água (Douro, Tejo e Guadiana)».

E, adiante:

«Nos seus programas de trabalho, a Comissão tem procurado estudar em profundidade os mecanismos de poluição do estuário do Tejo ao mesmo tempo que acode a outros locais sempre que se revelam situações agudas (lagos de Obidos, rio Sisandro, albufeira da Caniçada). Nas suas intervenções tem agido como caixa de ressonância junto da Administração, acelerando e melhorando o nível da acção desenvolvida por esta.

O autor sublinha também as dificuldades levantadas pela poluição provocada por milhares de aglomerados, sem tratamento de esgotos por não disporem sequer de colectores ou por aquela que inúmeras indústrias alimentares dão origem. Referindo-se às contaminações de águas subterrâneas derivadas do uso de adubos e pesticidas, o eng. Correia da Cunha propõe para a limitação de tais inconvenientes, a regularização de caudais, evitando que eles desçam a «mínimos absurdos» no período de estia-gem».

Passa em seguida a analisar a poluição atmosférica, cujas aéreas mais «preocupantes» se reconhece serem o Barreiro-Seixal e zonas do Porto, não só a química como a poluição sonora. Sobre aquela, escreve: Há, no entanto, medidas que urge tomar, a par da definição de normas adequadas às várias situações que detrontamos. E o caso por exemplo, da disciplina na utilização privada de veículos automóveis, restringindo-a em determinadas áreas urbanas; da utilização de combustíveis com baixo teor de enxofre; da obrigatoriedade de instalação de filtros e outros sistemas de retenção de poeiras ou gases, etc.

Resta ainda fazer uma breve referência à eliminação de detritos de toda a ordem que resultam da actividade humana e que se acumulam especialmente nas áreas urbanas. A crescente utilização de objectos e recipientes de plástico não degradável veio complicar uma situação que, em Lisboa, chegou a atingir aspectos dramáticos; na realidade não era fácil encontrar próximo da ci-

Continua na pag. 12

FEIRA DO LIVRO NO PORTO

REPORTAGEM

MAIS LIVROS E MAIS PÚBLICO

A Feira do Livro do Porto teve, durante 40 anos, como pano de fundo a estátua equestre de D. Pedro IV, em pleno coração da urbe portugalense, em cuja placa central assentou arraiais até ao ano de 1970.

As primeiras barracas eram cobertas com toldos e desenvolviam-se em volta do monumento ao monarca que deu a independência ao Brasil. Mais tarde, foram aquelas substituídas por outras em madeira, cobertas e revestidas por chapa. Quando, por razões mais que justificáveis, a Feira se mudou, em 1971, para a Praça do Município, junto à estátua de Almeida Garrett, foram as inestéticas barracas substituídas por funcionais «stands». Houve, porém, controvérsia, com a mudança da Praça da Liberdade para a de Almeida Garrett, como houve, agora, com a sua nova localização na Rotunda da Boavista. Desta feita, a Câmara Municipal do Porto não permitiu que o certame se instalasse frente ao seu edifício uma vez que estava prevista a chegada ao Porto, em visita oficial, do Presidente Médici, no dia 16 de Maio, altura para que estava anunciada, também, a inauguração da 43.ª Feira do Livro. A intransigência do Município deu azo a que os livreiros se reunissem na delegação do Grémio para discutir o assunto e chegou-se, mesmo, a levantar a hipótese de este ano não se realizar a Feira.

COVAS ONDE O PRESIDENTE MOLHA OS PÉS

Abriu a Feira do Livro no passado dia 19. Para não quebrar a tradição, choveu a bom chover. Foi como um copo d'água a brindar os convidados.

Até o presidente da Câmara molhou os pés nas poças de água — disse-nos o arquitecto Moura Bessa, delegado do Grémio Nacional dos Editores

e Livreiros, na altura em que o abordamos.

A uma nossa pergunta, aquele dirigente gremial que estava acompanhado do seu colega Carlos Carneiro, afirmou-nos: **Temos que dar a mão à palmatória. A Feira, nestes primeiros oito dias do seu funcionamento tem resultado em pleno. O local é o melhor de sempre e a afluência de público tem sido das maiores, principalmente à noite.**

Continuando: **A Praça da Liberdade e a do Município não ofereciam estas condições. A nossa dúvida era apenas a de que a Feira não resultasse se saísse do centro da cidade.**

E em tom de desabafo: **Sabe, mudar de local era um risco... Agora, os resultados estão à vista: muito público e maior venda de livros.**

E a concluir: **Para o ano vamos fazer melhor com a ajuda da Câmara que se comprometeu arranjar o pavimento e iluminar melhor o local. É que aqui temos pano para mangas e podemos introduzir de futuro outros melhoramentos, como seja, um «stand» de bebidas, etc.**

UMA MINI BIBLIOTECA INFANTIL

A Feira do Livro do Porto é composta, este ano, por trinta e três «stands» de vendas e mais um da Câmara Municipal do Porto, outro do Grémio dos Editores e Livreiros e um terceiro da Biblioteca Pública Municipal do Porto, onde funciona uma mini-biblioteca infantil, destinada a crianças dos 5 aos 15 anos. Os mais pequenos têm ao seu dispor livros com histórias aos quadrinhos e são-lhes contadas histórias de obras infantis gravadas na Biblioteca Pública, ilustradas por «slides» projectados numa tela.

Os que já sabem ler têm à sua disposição os livros infantis (mais de 1500 obras) que foram emprestadas para o efeito

pelos editores e livreiros que figuram na Feira. Um apontamento curioso: muitos dos pequenos leitores (à semelhança dos adultos) são assíduos frequentadores da mini-biblioteca e quando não acabam a leitura do livro que estão a ler, deixam-no marcado para prosseguirem no dia seguinte.

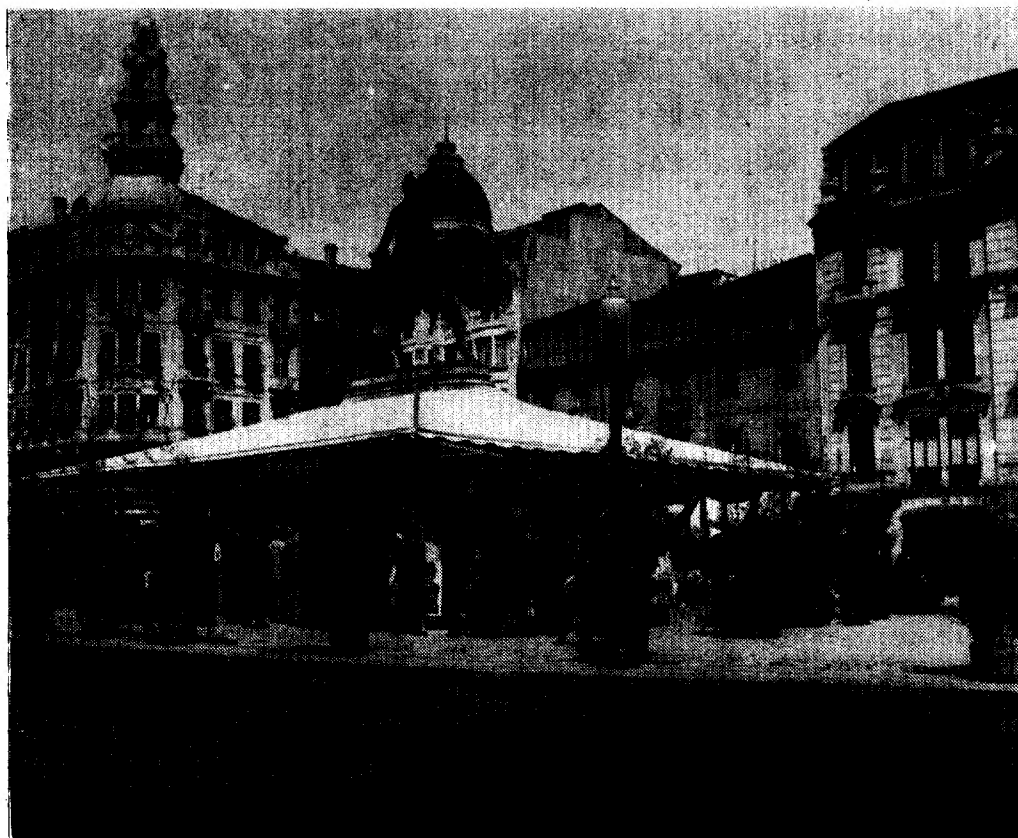
Esta, é, pois, a inovação desta 43.ª Feira do Livro do Porto, digna do nosso aplauso. Daí, citarmos o nome da pessoa que lhe deu corpo e alma: dr.ª Maria Fernanda de Brito, coadjuvada por D. Maria Manuela Ramos Vilas, e dr. Raul Matos Fernandes e mais quatro funcionárias da Biblioteca Municipal.

Sobre a localização da Feira na Rotunda da Boavista auscultámos várias pessoas e quase todas foram unânimes com a sua nova situação.

Junto do «stand» da Livraria Paisagem, encontrava-se José Augusto da Costa Pinho que havia adquirido algumas obras sobre teatro. Juntamente com elas, o livro «Contos de Machado de Assis». Sobre a localização da Feira, adiantou-nos: **Acho que há mais espaço e mais sombras das árvores. É pena estar um pouco afastada do centro, isto para mim que moro em Gaia e tenho que andar um pouco mais.**

Aproveitamos a presença no interior daquele «stand» de Carmo Ferreira e Eurico Afonso, sócios-gerentes da «Paisagem» para os interrogarmos. O primeiro falou por ambos. Sobre a localização, afirmou-nos ser a melhor e oferecer melhores condições. Aqui, porém, fez uma paragem para ir na peugada de um indivíduo que, numa fracção de segundo, roubou um livro no valor de setenta escudos. Mas regressou sem o ladrão e sem o livro. Enfim, ossos do ofício.

Continuando, acrescentou que até ao momento as vendas têm sido melhores do que as



De 1930 a 1970 a Feira do Livro do Porto realizou-se na Praça da Liberdade, na área em redor da estátua de D. Pedro IV

do ano passado e por isso a experiência, ali, é de continuar. Um reparo: **A iluminação do recinto à noite é insuficiente e o piso quando chove é horrível.**

Já na despedida: **Aos domingos, ninguém vai passear para a Avenida dos Aliados. Para aqui, sim e até há estacionamento!**

Ana Maria Pinto, junto de duas colegas olhava interessada um livro de Quino «Mafalda».

Concordo com a Feira aqui, há muito mais ar e espaço para se passear. Aliás, segundo nos disse, era a primeira vez que ia à Feira.

Pela mão da mãe e na companhia de uma sua irmã, caminhava a pequenita Ana Maria de Almeida Ribeiro Gomes Machado, de sete anos, que anda na 1.ª classe do Colégio Lusitano e que já sabe ler, segundo afirmou ao repórter. Tinha escolhido (a mãe comprou claro) alguns livros infantis, mas o que mais lhe interessou foi «O meu primeiro dicionário».

Quando cá vier outra vez vou levar mais livros para casa.

Vinha do cemitério de Agramonte e aproveitou para visitar a Feira, uma das pessoas que abordamos a seguir mas que não declinou a sua identidade. Antes, porém, adiantara:

Foi necessário vir ao enterro de um amigo para conhecer a nova Feira. E sobre o local: Aqui é agradável muito embora entenda que para a di-



José Costa Pinto: «É pena estar afastado do Centro»

vulgação do livro deveria ser escolhido um ponto mais central.

Acerca dos livros que comprara: **Comprei «Complot contra a Igreja» e «Carta Aberta às vítimas da colonização».**

Ouvimos, finalmente, Anibal Abreu, empregado da Livraria Figueirinhas que, como outros seus colegas, foi peremptório ao afirmar que a Feira do Livro, na Rotunda da Boavista, trouxe

novos horizontes.

O que é necessário é continuar aqui, local ótimo pela sua localização e pelo espaço de que dispõe.

Em resumo: depois da tempestade veio finalmente a bonança. Oxalá que a Feira do Livro do Porto não mude tão cedo para outro local.

ANTÓNIO MACHADO



Aspecto da mini-biblioteca.

ANÚNCIO

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de Monitor nas seguintes especialidades:

- AJUSTAGEM
- CARPINTARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- CARPINTARIA DE MOLDES
- CANALIZAÇÕES
- COFRAGENS E ARMADURAS
- COMPOSIÇÃO MECÂNICA
- ELECTRICIDADE-AUTO
- ELECTRICIDADE B. T.
- FRESAGEM
- LADRILHAGEM
- MARCENARIA
- MECÂNICA-AUTO
- PINTURA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- REPARAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
- PEDREIROS
- PINTURA DE AUTOMÓVEIS
- SERRALHARIA CIVIL
- SOLDADURA ARGON
- TORNEAMENTO

EXIGE-SE:

— Bons conhecimentos profissionais

OFERECE-SE:

- Carreira atracente
- Bom vencimento
- Regalias sociais

Informe-se até ao próximo dia 10 de Junho nos Centros do Serviço Nacional de Emprego localizados em: Porto, Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Santo Tirso, Vila Real, Bragança, Chaves, Coimbra, São João da Madeira, Aveiro, Figueira da Foz, Leiria, Caldas da Rainha, Covilhã, Lamego, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Santarém, Tomar, Abrantes, Lisboa, Torres Vedras, Vila Franca de Xira, Barreiro, Setúbal, Évora, Portalegre, Beja, Faro, Portimão e Vila Real de Santo António.



TRÓIA

A CIDADE DO FUTURO

«A gente entra cá e sente-se bem. É um ambiente mesmo agradável. É um empreendimento formidável o da Torralta. As praias são muito giras e a piscina é linda...» disse-nos ontem, uma das candidatas à princesa das Teen-Agers, momentos antes de se desenrolar a escolha final da vencedora referindo-se a Tróia. E ela Teresa Lapa, de 16 anos, estudante e futura arqueóloga que espera ir mais vezes a Tróia, mesmo para pesquisas históricas.

A própria vencedora, Eduarda Espinheira, eleita princesa das Teen-Agers, dir-nos-ia momentos depois da escolha do júri: «isto é bonito. Devia-se construir uma cidade assim... que não fosse burguesa. Uma cidade onde toda a gente andasse feliz da vida, em contacto com a natureza, e que despertasse a bondade natural do homem».

A CIDADE

Ora o objectivo principal do empreendimento que a Torralta leva a cabo em Tróia tem realmente algo a ver com uma pequena cidade que — a cumprir-se os planos estabelecidos — estará pronta no ano de 1978 e terá todas as coisas boas que uma cidade turística exige. Eis o que nos disse Carlos Silva, das Relações Públicas da Torralta, sobre o que se está a construir na bela península atlântica:

«Na realidade o empreendimento resultará ao fim e ao cabo numa cidade que terá tudo o que uma cidade deve ter. O início das obras processou-se em Fevereiro de 1971 e, até 1978 — ano que se pensa que o empreendimento estará concluído — teremos em Tróia instalações com capacidade para albergar — com todas as comodidades — 30 000 pessoas. Terá toda uma série

FORÇA AÉREA

COMANDO

DA 1.ª REGIÃO AÉREA

CONSELHO ADMINISTRATIVO

CONCURSO PARA ADJUDICAÇÃO DE DESPÉRCIO E SOBRAS DE RANCHO DO PESSOAL DO AERÓDROMO BASE N.º 1

Faz-se público que no dia 26 de Junho de 1973 pelas 14 horas, no Conselho Administrativo do Comando da 1.ª Região Aérea, instalado no Quartel do Aeródromo Base n.º 1, na Portela de Sacavém se procederá à arrematação de adjudicação dos desperdícios e sobras de rancho (Oficiais, Sargentos e Praças) abonados pelo Aeródromo Base n.º 1 durante o 2.º semestre do ano de 1973. As propostas serão entregues neste Conselho Administrativo até às 16.30 horas do dia 25 de Junho de 1973, em envelope fechado e lacrado, todos os dias úteis das 10 às 12 horas e das 14 às 16 horas exceto aos Sábados que será das 10 às 12 horas.

Os depósitos provisórios e definitivos são respectivamente nas importâncias de 1500\$00 e 3000\$00.

Quartel em Portela, 30 de Maio de 1973.

O PRESIDENTE DO C. A.

Armando Pais Gaspar
Coronel

de serviços, desde supermercados, a cinemas, dancings, anfiteatros para espectáculos e manifestações culturais, restaurantes, marisqueira, gelateria, «pizzaria» e lojas de artigos de praias, para além das piscinas evidentemente».

HOTEL COM PISCINAS

Um hotel, como ainda não existe no continente europeu, está a ser erguido no belo cenário de Tróia. Trata-se do Hotel Clube cuja singularidade ou ineditismo será, exactamente, o de nas suas esplendorosas «suítes» contar com piscinas individuais. Diz-nos ainda aquele representante da Torralta:

«A primeira fase da construção do hotel estará concluída em Março do próximo ano, prevendo-se que esteja completamente operacional ainda na época balnear do mesmo ano. Será de facto um hotel de luxo — cinco estrelas — em que qualquer dos seus hóspedes poderá preencher perfeitamente todo o seu quotidiano pois nada lhe faltará dentro do mesmo hotel. E a existência duma piscina em cada «suíte» é um exemplo elucidativo do que afirmei.»

GALE

O conjunto do Galé, inaugurado pelo chefe do Estado, almirante Américo Tomás, no passado dia 26 de Maio, é um exemplo completo de moderna arquitectura de zona de raia. Executado como todos os complexos de Tróia pelo Atelier Conceição e Silva, foi concebido de forma a propor novos valores para tornar efectiva uma vida de tempos livres num aglomerado urbano onde estarão ausentes todos os seus vícios próprios e, pelo contrário, «habitação» todas as suas vantagens ou qualidades. Diz-nos Carlos Silva:

«As partes fundamentais deste conjunto são as piscinas

e um gigantesco «self-service». Uma das piscinas será exclusivamente de recreio e outra para além dessa particularidade possui um poço de saltos, permitindo esse exercício sem perigo para os respectivos amadores. O «self-service» que é um dos maiores da Europa, terá capacidade para duas mil refeições por hora além de anexamente possui instalações de cafeteria, marisqueira, lojas de artigos de praia, bares, cafés, caves.» Próximo dele funcionará ainda um grandioso anfiteatro com capacidade para mais de mil e quinhentas pessoas e apto para os mais diversos tipos de espectáculos.»

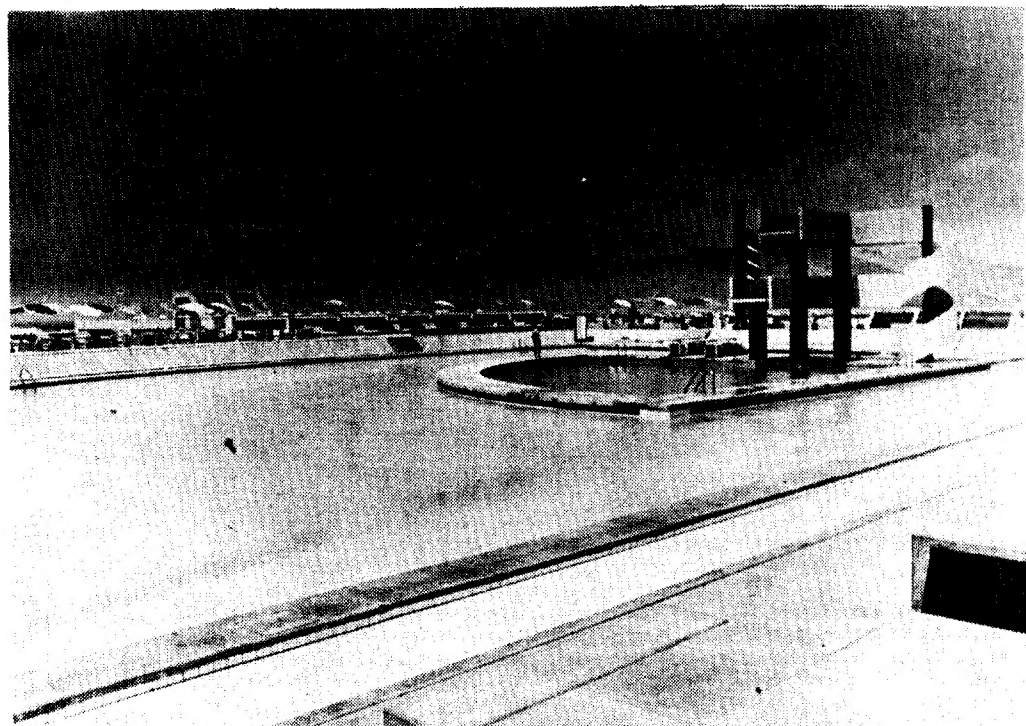
UM HOTEL EM FORMA DE PIRÂMIDE

Para além dos já citados conjunto da Galé, Hotel Clube e, os já concluídos e, em funcionamento, restaurantes Troia-mar e Bico das Lulas, um outro grande hotel será construído em Troia e com características também inéditas. Explica-nos aquele membro das Relações Públicas da Torralta.

«O hotel terá o nome de Mil e Um, exactamente porque terá capacidade de mil e um quartos. Mas o mais curioso nessa nova unidade é a sua forma de pirâmide, com uma base que ocupará uma área de quatro hectares. Outras construções planeadas e de grande interesse há a destacar uma Marina que poderá albergar dois mil barcos, um Centro de Estudos Oceanográficos, um Hipódromo, campos de Golfe. Enfim toda uma série de serviços susceptíveis de agradar a gregos e a troianos...»

A propósito das «pesquisas arqueológicas» que uma das «teen-agers» já se referiu Carlos Silva falou-nos de Cetóbriga e daquilo que já se pretende fazer:

«Cetóbriga era um centro piscatório romano e que terá sido destruído no século V da



Uma das piscinas do conjunto da Galé

nossa era pelo mar. Estão lá em curso trabalhos arqueológicos dirigidos pelo professor Fernando de Almeida. O objectivo será tornar aquele local histórico um dos grandes pólos de atracção de Tróia.»

CONTRA A POLUIÇÃO

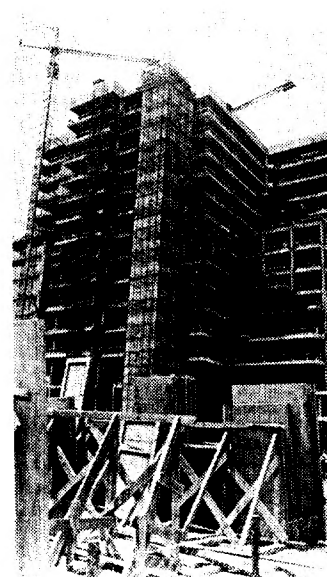
Outra das grandes novidades desta futura bela cidade com uma extensão de 60 quilómetros de praias oceanicas, além do litoral fluvial, serão a proibição de circulação de veículos a combustível (gasolina ou gasóleo). Diz-nos ainda Carlos Silva:

«Não será permitido futuramente a circulação de automóveis convencionais na área do empreendimento. Serão utilizados veículos movidos a baterias, veículos esses de transporte colectivo ou individual. A ideia será evitar qualquer tipo de poluição dos veículos convencionais, nomeadamente a de gases e a sonora.»

Acerca da mão-de-obra utilizada na construção do empreendimento disse-nos ainda aquele informador da Torralta: «São cerca de dois mil e

quatrocentos operários quase todos originários dos concelhos alentejanos e que apesar de uma prática de trabalho essencialmente braçal se adaptaram rapidamente aos novos e mecanizados utensílios de trabalho. Todos eles tomam as suas refeições grátis no refeitório da empresa. As suas deslocações diárias são garantidas pela empresa. Muitos deles pernoitam em Tróia no núcleo residencial operário. O seu regime de trabalho é de cinco dias por semana, são assistidos gratuitamente no posto de socorros, têm médico uma vez por semana, e fora das horas de serviço podem ver televisão, frequentar o bar, praticar desporto e ocasionalmente assistir a espectáculos de variedades. A empresa pretende ainda desenvolver em breves cursos de aperfeiçoamento profissional, a prática mais generalizada de desportos, instalação de infantários, escolas primárias, pré-primárias e secundárias destinadas a servir os filhos destes mesmos trabalhadores.

Enfim, a Torralta é na realidade um dos casos mais raros de progresso vertiginoso na história do Turismo português!



O grandioso Hotel Clube — com piscinas nas suítes — estará concluído no próximo ano

CAVES PORTO FONSECA

Realizou-se ontem uma recepção às «Teen-agers» nas Caves Porto Fonseca e não nas Caves Ferreira como por lapso se publicou. Aqui fica a rectificação.



Aspecto parcial da praia localizada junto do restaurante Troia-mar

TEEN-AGERS 73

A PRINCESA ELEITA PELO JÚRI ERA A FAVORITA ENTRE AS FINALISTAS

Maria Eduarda Reis Fortes Espinheira é a Princesa Portuguesa das «teen-agers» de 1973. A eleição, que ontem decorreu no conjunto da Galé, em Tróia, coroou, da melhor forma, a iniciativa do «DL» que teve a colaboração da Torralta e de outras firmas: Bayer, Lincar, Caves Porto Fonseca e Timex.

ANTES...

Durante a manhã foi o passeio até Tróia e o banho de sol na piscina. Algumas das «teen-agers» foram ao outro banho: ao de água. Um denominador comum: a alegria patenteada por todas.

Depois foi o almoço. Aí, já todas reunidas, a conversa generalizou-se, sempre com boa disposição. O almoço, oferecido pela Bayer Portuguesa, correu da melhor maneira. O júri estava presente e terá, no decorrer do dito, tirado as suas

conclusões. Muitas vezes, numa conversa de ocasião, sabe-se mais do que num encontro feito de propósito para se avaliarem conhecimentos.

No final, os imprescindíveis discursos. Ou melhor: algumas palavras, ditas por quem se sentiu na obrigação de as dizer.

Começou Jaime Mourão Ferreira, que agradeceu à Torralta, à Bayer e à Lincar toda a colaboração prestada ao concurso. De facto, sem a colaboração da Torralta, já de todos conhecida, da Bayer (vestidos e o magnífico almoço no con-



A princesa e respectivas damas de honor

junto da Galé, da Lincar (vestidos), o concurso promovido pelo «Diário de Lisboa» não teria, forçosamente, tido o sucesso que, sem dúvida, teve.

Jaime Mourão Ferreira salientou, ainda, que é mais importante participar do que ganhar.

Logo a seguir levantou-se a Maria Cecília, uma das concorrentes, que agradeceu o apoio das empresas que colaboraram neste concurso, e terminou assim: **que ganhe quem saiba representar o melhor possível os anseios de nós todas.**

Tou um bocadinho nervosa para falar muito bem, disse a Maria Cristina Mendes Leal, que salientou a camaradagem entre todas as concorrentes. **Acho que a camaradagem não deveria terminar aqui, no concurso, mas perdurar para além dele,** disse. Desejou, também, que ganhasse a melhor.

Nessa altura levantou-se o nosso director, dr. António Ruella Ramos.

Quero agradecer, para além dos agradecimentos já feitos pelo Jaime Mourão Ferreira, aos membros do júri, que perderam muito tempo para cumprir a sua missão, embora, segundo creio, esse tempo não tenha, de facto, sido perdido. Este ano, o «Diário de Lisboa» marcou ainda mais profundamente o facto de este concurso não ser uma competição de beleza. Bonitas são todas e não

têm mérito nenhum nisto.

O dr. Ruella Ramos disse ainda, a terminar: **desejo que a vencedora se saiba portar, lá fora, à altura das suas colegas.**

Falou, em seguida, Carlos Silva, representante da Torralta, que disse ser, para ele e como representante da empresa, um prazer estar naquele almoço que tão bem decorrera: **A única coisa que posso dizer, em nome da Torralta, é: muito obrigado.**

Por último, falou o sr. João Minneman, representante da Bayer, que afirmou ser este um concurso de valer a pena. **A juventude de hoje é o futuro de amanhã,** disse. E propôs que se alargasse o concurso porque a importância dele reside no facto de não ser um concurso de beleza mas, sim, no facto de ser um certame em que se pretende avaliar dos conhecimentos e do nível intelectual das concorrentes. **Propenho que a Bayer e o «Diário de Lisboa» colaborem em conjunto, no futuro, para fazer deste concurso um grande acontecimento, porque o concurso merece, concluiu.**

Entretanto, aproximava-se a hora da prova final. Entre nervosas e bem dispostas, as «teen-agers» finalistas iam-se manifestando. Uma delas, a Teresa Lapas, disse: **acho que o melhor é fazer-se um discurso cantado.** A Teresa foi, de pron-

to, secundada pela Maria Cristina e ambas cantaram: **Muito boa noite/ senhoras, senhores/ lá na minha terra/ há bons cantadores.**

A ELEIÇÃO

A eleição decorreu à porta fechada. Momentos depois de terminar, todos, júri, «teen-

1973 era a Eduarda Espinheira, todas as concorrentes irromperam em aplausos: a Eduarda era, de facto, a sua favorita.

DEPOIS

Depois foi a consagração. Sem ressentimentos, obviamente, as finalistas reuniram-se com os convidados num jantar



A vencedora

agers», convidados, se dirigiram ao auditório do conjunto da Galé onde seria declarada, publicamente, o nome da vencedora e das segunda e terceira classificadas.

Nervosas, as «teen-agers» finalistas ou choravam, ou riam de coisa nenhuma. Mas não faltava muito para se saber quem iria (irá) à Turquia. Quando se soube que a princesa portuguesa das «teen-agers»

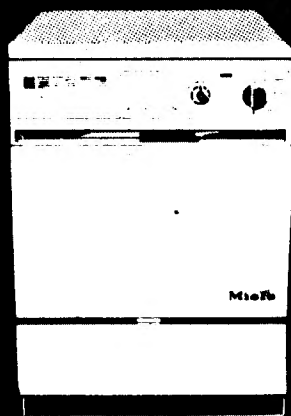
volante, durante o qual se afirmou, mais uma vez, a camaradagem que todas as concorrentes afirmaram existir. Coisa, aliás, que o repórter pôde comprovar.

Entretanto a Eduarda, compreensivelmente, não cabia em si de contente. O mesmo se passava com as 2.ª e 3.ª classificadas: Maria Manuela Hasse de Almeida e Silva e Maria Manuela Moura Guedes Pereira. Era natural.



Eduarda Espinheira, princesa das Teen-Agers recebe um relógio Timex

Máquina de lavar louça G 500 de luxo



Só MIELE pôde ultrapassar-se a si própria com a sua máquina de lavar louça - a mais vendida na Europa.

Miele

Agente oficial:

M. L. FERREIRA

RUA DE D. ESTEFÂNIA, 48-A
Telefone 58958 — L I S B O A



Friso das concorrentes no anfiteatro do conjunto da Galé

LAGOTAINER LINE

para:

GOTHENBURG e demais portos na Suécia

Oslo e outros portos da Noruega

ANVERS

«SEA MAID» em 12 de Junho

— aceita carga em contentores —

OS AGENTES GERAIS:



**SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.**
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 60 56 / 36 22 66
LISBOA 2 PORTUGAL

AGRICULTURA-TÉCNICA (Aprender fazendo)

O espírito que deveria presidir a estas experiências era aquele que um agrônomo-lavrador de Elvas colheu numa reunião da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas de um seu colega que lhe dizia **não sabemos nada acerca de novos caminhos**. O colega lavrador respondeu-lhe que era a coisa mais construtiva que ouvia há **muitos anos naquele or-**

ganismo. E na realidade, a partir deste estado de espírito, pode começar-se a trabalhar seriamente.

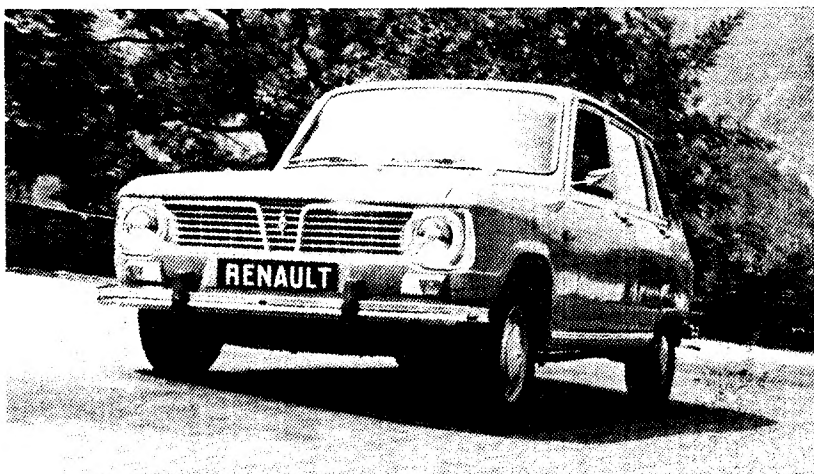
Os ataques aos agricultores e as sugestões ingénuas para se dedicarem a outras culturas, quando partem dos outros sectores, de órgãos de informação mal informados, são graves mas não apenas um sintoma de subdesenvolvimento:

falar do que não se conhece e dar sentenças gratuitas sobre a actividade alheia. Mas quando essa crítica parte de técnicos com responsabilidade oficial é já um sintoma de gravíssima doença, se nem sequer tiverem elementos concretos em que se baseiem.

Os esforços de particulares à procura de novos caminhos, que

podíamos acrescentar àqueles dos agricultores individualmente (embora no seu nível necessariamente modesto, alguns não deixaram de ir à ruína), não deixam de destacar a pobreza dos serviços oficiais nessa procura de novos caminhos.

Outras referências a este desafio agricultura técnica de gabinete ficarão para a próxima vez.



Renault 6: muitos carros num só.

De facto, o Renault 6 faz lembrar aqueles futebolistas cheios de raça e nervo que, no meio de uma equipa de estrelas, sobressaem pela sua utilidade, pelo esforço nunca regateado, pela capacidade que têm de ocupar qualquer lugar na equipa. Os que estão "em todas"... como o Renault 6.



Precisa de um carro familiar? O Renault 6 é um carro familiar. Tem 4 portas para serviço dos passageiros e uma 5.ª porta que abre para uma mala vasta e extensível. Precisa de um carro de estrada? O Renault 6 é um carro de estrada. Com motor de 1100 cm³ que permite dar 135 Km/h. ao cronómetro. E tracção à frente que ignora as curvas difíceis. Suspensão Renault, está claro.

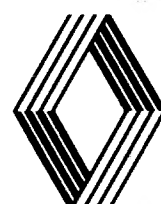
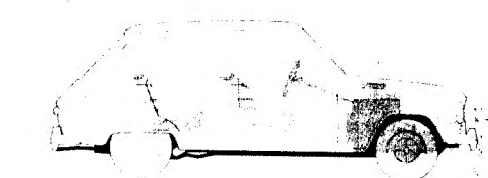
Precisa de um carro para a cidade? O Renault 6 é um cidadão. Mede 3,86 m, tem um raio de viragem notável, é maleável e vivo.

Vai para férias ou para passeio? O Renault 6 é um carro para férias.

Requiere poucos cuidados, está à vontade em todos os terrenos. Converte-se facilmente num "break".

O Renault 6 "está em todas". Trata-se do veículo ideal para os que necessitam de mais um carro.

Motor 4 cilindros - 1108 cm³ - 48 cv. - 135 Km/h. - 4 velocidades sincronizadas - travões de disco à frente - Suspensão independente às 4 rodas - com barras de torsão - Tracção à frente.



RENAULT

O maior fabricante mundial de tracção à frente

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco
Borja, 24
às Janelas Verdes

Hoje e todos os dias às 22 h.;
Sáb. às 16 e às 22 h.; Domingo
só às 16 h. Últimas semanas

**A DANÇA
DA MORTE
EM 12 ASSALTOS**

Com Carmen Dolores, Augusto
Figueiredo e Álvaro Benamor.
Encenação de Jorge Listopad.
Marc. Telef. 677299. M 18 a.
Subs. Fundo Teatro

S.  R.

**MINISTÉRIO
DA ECONOMIA**

**SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA**

**DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS**

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/50067 para o estabelecimento, na freguesia de Vila Nova de Milfontes, no referido concelho, de uma linha mista a 15 kV, com 1697 m (parte aérea com 1085 m e parte subterrânea com 12 m) do poste n.º 150 da linha para o posto de transformação de Vila Nova de Milfontes ao posto de transformação da Quinta do Rio Mira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Maio de 1973.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

A Johnson dedica à investigação -EM CADA ANO E EM TODO O MUNDO 57 milhões de dólares

«Cremos que a nossa primeira obrigação é devida aos médicos, às enfermeiras, aos hospitais, às mães e a todos os que usam os nossos produtos. Os nossos produtos terão sempre que ser da mais alta qualidade. Lutaremos sempre para que o custo destes produtos seja reduzido. Os nossos distribuidores devem ter um lucro justo».

E possível que o leitor, ao ler estas palavras, desligadas da realidade que parecem querer traduzir, as considere uma simples fórmula abstracta, sem qualquer significado profundo, escondendo mal um objectivo publicitário sob a sua forma de princípio elevado.

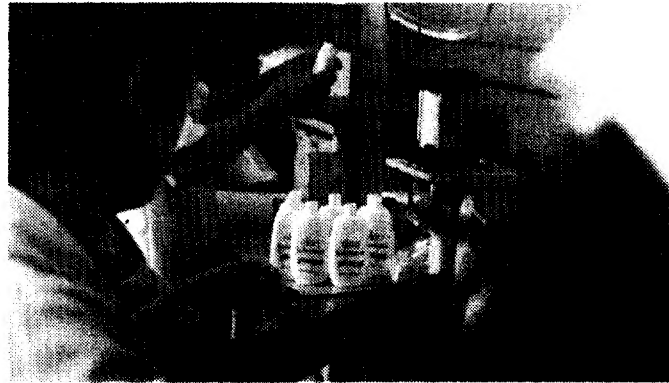
Na verdade, porém, este credo muito simplesmente enunciado resume toda a actividade, desenvolvida ao longo de dezenas de anos, de uma grande organização que, conhecida do grande público quase apenas nos seus aspectos comerciais, se criou e cresceu sob a inspiração de princípios de solidariedade e de bem comum. Países há, com efeito, onde aquela definição de princípio se associa imediatamente à organização que fez dela o seu lema: a Johnson e Johnson. Entre nós, no entanto, se é certo que a função humanitária da Johnson e Johnson já se faz sentir em numerosos meios — sobretudo aqueles onde a acção educacional e assistencial não chega de uma forma muito eficiente —, é ainda o seu aspecto comercial e competitivo que predomina, com claras desvantagens para a compreensão de um fenómeno original que é hoje conhecido e admirado em todo o mundo.

PIONEIRA NO CAMPO DAS TÉCNICAS DE DESINFECÇÃO

A Johnson Johnson cuida hoje, em todo o mundo, da saúde e do conforto de mais de trinta e três milhões de bebés, performance única que conseguiu na persistente fidelidade ao princípio de que os produtos de higiene devem corresponder às funções necessárias e fins específicos para que foram investigados, desenvolvidos e ensaiados. Desde a descoberta do factor RH ao desenvolvimento da esterilização, a Johnson continua, sem parar, a investigar e a desenvolver a qualidade dos seus produtos, acompanhada a par e passo por um sistema de controlo de qualidade que é um dos factores mais determinantes da confiança do seu público consumidor.

Pioneira no campo da investigação aplicada das técnicas de assepsia, a Johnson mantém em permanente actividade, em Portugal, um plano educa-

cional assistido por duas assistentes sociais. A sua tarefa principal é a de proceder a explicações pormenorizadas



acerta de cada produto, com a distribuição de amostras e de folhetos divulgando normas básicas de higiene em puericultura e de protecção sanitária. Trata-se de uma actividade permanente que já fez sentir os seus benéficos efeitos de Norte a Sul do País, com iniludíveis reflexos na saúde e higiene das crianças.

UMA ACÇÃO QUE SE EXERCE PRINCIPALMENTE ATRAVÉS DAS MÃES

A recente expansão da Johnson Johnson no nosso país — onde já se encontra instalada há oito anos — deu-nos oportunidade de trocarmos algumas impressões com o seu director-geral, sr. Roland Savill que é simultaneamente vice-presidente internacional da grande organização norte-americana. O nosso entrevistado, que alia uma incessante actividade em vários países a um devotado interesse pelos aspectos mais nobres da sua empresa, fez questão de começar por nos dizer acerca da acção assistencial da Johnson em Portugal:

«O nosso esquema educacional desenvolve-se principalmente através das mães, tendo tido oportunidade de actuar ultimamente junto das zonas rurais, integrando-se nos cursos oficiais em actividade. Na ligação com as maternidades e centros maternos, ou dispensários, procura-se não só o contacto com as mães, mas igualmente com os médicos e enfermeiras. Em relação a cada país, como é evidente, procura-se sempre adaptar o plano básico à situação real oferecida pelas estruturas hospitalares, tentando obter contactos mais estreitos através de escolas, associações femininas, organismos oficiais, etc.»

Como não podia deixar de ser, este esforço educacional resulta de um grande processo de desenvolvimento, que se verifica no seio da própria Johnson, e cuja grandeza se traduz nestes números que o sr. Roland Savill nos revela:

«Em 1972, a Johnson e Johnson investiu em todo o mundo cerca de 57 milhões de dólares em investigação, o que demonstra de forma eloquente a nossa preocupação de encontrar novos produtos e novas técnicas, e ao mesmo tempo de aperfeiçoar os produtos já existentes. A investigação permanente representa uma quota parte fundamental na nossa actividade, traduzindo-se principalmente em contribuições de grande impacto ao nível farmacêutico, hospitalar, e nos produtos de consumo para os bebés e para a mulher».

CINCO ANOS DE ESTUDOS PARA UM NOVO PRODUTO

O nosso entrevistado, que é profundo conhecedor da realidade portuguesa, sobretudo

nos seus aspectos educacionais, considera que as perspectivas de desenvolvimento entre nós, para a sua activida-

de, são cada vez mais promissoras, na medida em que se verifica não apenas uma me-

lhor global do poder de compra, mas igualmente uma evolução constante da mentalidade do público. Aliás, a Johnson vai ao encontro, simultaneamente, das possibilidades e necessidades do público, procurando que os produtos, mantendo uma alta qualidade, que é a preocupação primeira, se apresentem cada vez mais baratos.

A uma pergunta sobre a capacidade da Johnson em matéria de controlo de qualidade, o sr. Roland Savill respondeu-nos:

«A integração de qualquer matéria-prima só é aceite se obedecer a rígidas especificações previamente estabelecidas. No entanto, uma nova matéria-prima ou componente, só é adoptada depois de sujeita a estudos e análises que chegam a prolongar-se por cerca de um ano e meio. A introdução de novos produtos é precedida de investigações que, até ao estado final de consumo, duram cerca de cinco anos, envolvendo, no caso dos produtos para bebé, tes-

tes hipo-alérgicos, necessariamente longos desde que se pretendam resultados significativos e seguros. Para além da utilização de laboratórios próprios, recorre-se ainda aos laboratórios oficiais, quando se trata, por exemplo, de análises bacteriológicas, que visam confirmar altos níveis de pureza e de esterilização».

REFLEXOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA RENOVAÇÃO DE MENTALIDADE

Em Portugal, a decisão de exercer aqui directamente a actividade foi tomada, sobretudo, pelas possibilidades de maior participação da economia nacional no processo de desenvolvimento da Johnson, incorporando matérias-primas locais, que satisfizessem os requisitos de qualidade necessários, e integrando ao mesmo tempo a mão de obra nacional no ciclo produtivo. Em poucos anos, a evolução da actividade da Johnson e Johnson no nosso País excedeu todas as expectativas, com evidentes

vantagens para a economia nacional.

Trazendo a sua técnica, aliçada em anos e anos de investigação, e dando oportunidade de participação aos capitais portugueses, a Johnson proporcionou ao nosso meio todas as inovações que se lhe devem no campo da saúde pública: a investigação e inovação em técnicas e materiais para centros operatórios; a investigação em hematologia e imunologia; a planificação familiar; a investigação médica e introdução de novos produtos; e, finalmente, a aplicação de «non-woven fabrics» — tecidos não tecidos — nas práticas hospitalares.

Para além da sua inegável força comercial, que não se pode ignorar, a Johnson e Johnson introduziu assim em Portugal — como já anteriormente o fizera em inúmeros países — toda uma conquista de longos anos no campo da higiene e da saúde, com reflexos não menos apreciáveis no campo da educação e da renovação de mentalidade.



Cofres nocturnos

Faça os seus depósitos a qualquer hora da noite. Nos Cofres Nocturnos do Banco Borges & Irmão.

Ali pode guardar o seu dinheiro. Uma chave pessoal permite-lhe abrir o cofre colocado na fachada da Dependência escolhida. E depois,

basta colocar o saco individual no Cofre Nocturno. O saco desliza até a casa forte onde fica em segurança. No dia seguinte o conteúdo é lançado na sua conta. Utilize os Cofres Nocturnos do Banco Borges & Irmão. É prático, cómodo e seguro. Consulte nos.

Cofres nocturnos



Banco Borges & Irmão

Um Mundo de Serviços

ENCONTRO COM A ESCANDINÁVIA

VIAGEM EM AVIÃO

Copenhague, Jon Koping, Estocolmo, Karlstad, Oslo, e Götterburgo

Esc. 18.900\$00 ou 15.650\$00

Copenhague, Oslo, Estocolmo

Esc. 13.150\$00 ou 9.300\$00

adicional a Helsínquia

Esc. 15.150\$00 ou 10.800\$00

Copenhague, Oslo, Estocolmo

Esc. 11.650\$00 ou 7.800\$00

programa detalhado

"Atlântica"

Rua Capelo, 4-A, Lisboa
Tel. 36 92 81 (10 linhas)

No começo, conheci funcionários públicos. Na minha família, além de alguns militares, não dava outra coisa. Mais tarde, nos romances e contos da literatura russa, encontrei muitos burocratas. Eram outros membros da mesma família. Porém, os meus, isto é, os de Portugal, não tinham o fanatismo dos eslavos. Eram resignados. E dignos, na sua mediocridade. Tinham a consciência de que pertenciam a uma classe colocada, socialmente, entre a aristocracia (que ainda existia) e o povo que ainda existia também (insubmisso). E o que os separava das duas classes era um pormenor que pouco se distinguia de uma libré: o fraque.

O leitor sabe o que é um fraque pois, segundo creio, ainda é usado em Portugal, em bom recorte britânico, nos casamentos de luxo e nas festividades oficiais (visitas inúteis de altos representantes estrangeiros, coisas assim).

Mas nos meus tempos de criança o fraque era o símbolo da miséria envergonhada. Fraques desbotados, com anos de uso, luzidios, encardidos, mal cheirosos, com abas murchas, esgarçadas, como os rabos daqueles corvos semicegos que ainda conheci nas portas das tabernas do Bairro Alto.

De fraque, tendo por cúpula o chapéu de coco, eis como era representado o funcionário público, pelos caricaturistas da época.

Leitor, este foi o mundo da minha infância. E ficou na minha memória por largos anos...

CONVERSAS DE ANTIGAMENTE

Numa daquelas mesas banhadas pela luz dourada e transparente que vinha lá de fora, foi por nós resolvido escolher qual o tipo de herói que a nossa fantasia sugeria para tema da conversa, enquanto nos servíssemos do chá fumegante e das torradas postas na nossa frente. — Valeu?

Éramos vários. Mas lembro, ou creio lembrar, a resposta de três parceiros. Falou, e foi dos primeiros, se não me engano, o José Gomes Ferreira, nesse tempo ainda autor dos Lirios do Monte, afirmando de modo ambíguo: — Eu proponho Dom Quixote, que sempre luta contra os que fingem ser moínhos...

E logo Florbela Espanca, no seu doce sotaque alentejano:

— Prefiro São Francisco de Assis, o poverelho com o seu corpo florido de chagas...

Depois sentenciou, com sua voz rouca, o Américo Durrão, já autor de livros como Tântalo:

— O melhor é falarmos de Jesus Cristo que há-de tornar a ser por nós crucificado...

Mais dois falaram. Por fim, a medo, eu disse:

— O meu herói preferido é o funcionário público, com o seu fraque puído e o seu sebento chapéu de coco...

O ÚLTIMO FRAQUE

Creio bem que hoje, em Lisboa, já não existe esse tipo tão característico que, até 1930, fazia parte da quotidiana paisagem lisboeta. Hoje, como é fácil de intuir, ele foi absorvido, em amálgama indistinta, na onda da classe média, a Maria vai com as outras da sociedade de consumo.

OS NOVOS HERÓIS

Bem. Estou recordando isto para justificar a razão por que, desde muito jovem, nunca tive o menor interesse pelo que hoje se chama literatura de ficção científica. O que era importante para mim era a gente do meu tempo. E também porque uma coisa sempre me pareceu essencial: a hora presente. O bom viver. No bem e no mal. Sem saber porquê. E ainda hoje me interrogo: — Por que existimos? Para quê? Por

quê? — Como está escrito na cópia de uma pintura de Gauguin que sei estar escondida numa parede aqui de casa, mas que a avidez dos livros acumulados já encobriu por completo.

Ora, como ainda não se encontrou resposta consoladora a esse «Por que existimos?», houve quem resolvesse procurar um novo caminho, inventando um futuro, partindo-se do princípio, creio eu que reacionário, de que o homem acabará sendo escravo de estranhos e funcionais «robots». E logo o ser humano, sádico por natureza, aceitou com entusiasmo a fábula da «ficção científica».

Nas livrarias encontra-se disso aos montes. O consumo é geral. Vende-se romances, é certo. Há quem leia poesia. A Sociologia interessa. Porém, o que se vende acima de tudo são as obras dos Clarke, dos Vonnegut, de Kate Wilhelm, enfim dessa centena de especialistas, criadora da marcha para a guerra dos mundos.

UMA ANEDOTA; PODE?

Um amigo meu, que, felizmente, não é português (vão ver a piada perdida) e que devora tudo o que é posto à venda nesse género tão em voga, sonhou uma noite destas que vivia num estranho mundo onde tudo era mecanizado, só restando ao homem o direito de contemplar, até ficar cego, o movimento luminoso de astros e estrelas, girando em sua volta, num, como ele disse: — «espectáculo de criatividade de novas formas e novas cores»...

E, então, lamentando-se: — Veja você. Foi uma pena não ter levado a minha máquina fotográfica. Puxa, que fotos bonitas eu poderia ter batido deste meu sonho. Porque, meu caro, contar um sonho de ficção científica sem documentação fotográfica, cheira logo a tapeação, não é?

NA LIVRARIA, EM COPACABANA

Tive ontem nas mãos o Despertar dos Deuses, de Isaac Asimov. Disse-me o gerente da loja:

— Em três dias já vendi perto de mil exemplares...

— De que se trata?

— Olhe, o negócio é complicado. Habitantes de um universo paralelo, sabe o que é, não?

— Sei.

— Pois é, Eles surgem e convencem os futuros habitantes deste nosso planeta a usar uma energia desconhecida que, sendo gratuita, pode fazer a felicidade dos seres terrenos. Estes, por cobiça, aceitam. Não sabendo que essa nova energia vai simplesmente fazer explodir a Terra...

Então indaguei:

— Qual a razão por que a ficção científica nos quer fazer acreditar de que só o pior, sempre o pior, espera o homem, mostrando a sua fragilidade, ao colocá-lo em contacto

DO VELHO FRAQUE À ROUPA DOS ASTRONAUTAS



Eça tal como a ele me refiro: «de sobrecasaca e chapéu alto. Um dandy»

com o desconhecido?...

— Eu sei. É talvez para que acreditemos que, apesar da derrocada dos impérios, ainda nos podemos dar por muito felizes, vivendo...

— Talvez...
— Vai levar?
— Não, obrigado.

CONVERSA DE VENDEDOR

E ele, insistindo: — Mas tem por onde escolher. Veja esta Revolução do Futuro, retrato sombrio de um mundo dividido por um ódio de raças. Ou então leve «O Ser Assassino» de uma tal Kate Wilhelm onde há lutas emocionantes entre astronautas e «robots» criados apenas para matar. Também não quer? Vejo que ainda está preso aos românticos, aos realistas, à literatura fantástica dos nossos sul-americanos, ou à liquidação total do romance, como tentou em vão esse irlandês, o James Joyce. Ou será que o senhor prefere o medo, o medo sempre presente na angústia judaica do Kafka, agora quando o judaísmo já quer ser opressor?

— Esses têm pouca saída, não é?

Riu. Deu-me um tapinha nas costas (sabem o que é tapinha, espero) e disse oferecendo um cigarro:

— Tem de reconhecer que

tudo muda. Não só a literatura. Está reparando nas voltas que o mundo dá? Aqui há trinta anos não só respeitávamos como tínhamos veneração pela América do Norte. Era a hombridade dignificada...

— Nunca achei. Mas continue...

— Olhe, agora. Não leu o que o presidente meio selvagem de uma confusa república mandou dizer em telegrama ao presidente Nixon, que lhe aconselhara moderação? Não leu? Pois respondeu mais ou menos assim: «Espanto-me vê-lo interessado em assuntos de outros países. Seria melhor que procurasse resolver os problemas dos negros americanos, da Indochina, ou pelo menos que não tivesse deixado macular a nação americana com esse seu desastrado caso WATERGATE. Assinado Idi Amin, presidente do Uganda».

A VOLTA AO LAR

Mudei por, minha vez de assunto:

— E que tem de novo, vindo de Portugal?

— Em ficção científica, o que tenho não se vende, os fregueses dizem que não entendem o que escrevem os tradutores lusitanos...

E eu, distarçando:

— Não recebeu «O Samovar», de Joaquim Paço d'Ar-

cos?

— Não.
— Nem sequer «As Paredes Nuas», de Augusto Abelaira.

— Desconheço...

— Nem «Eça de Queiroz e o seu Tempo»?

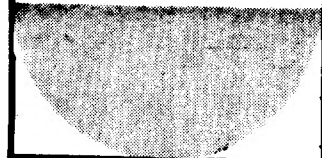
— Bem, do Eça tenho tudo. E vende-se. Quer dizer, é um pinga-pinga permanente.

— Mas o que eu quero é um artigo sobre os novos ensaístas que (textual) «têm vindo a repor» a problemática da autenticidade. E, no caso de Eça de Queiroz, com o intuito de desvendar «as ilusões de há cem anos» Estão percebendo, não é?

Adiante. Mas falando em Eça volto ao ponto inicial desta crónica:

— Os funcionários públicos. Não os dos romances do autor de OS MAIS, nem os das páginas das Farpas. Mas os do meu tempo, com seus fraques e chapéus de coco. Isto sem esquecer que Eça também foi funcionário público. Mas de «élite». De sobrecasaca e chapéu alto. Um «dandy».

CARTA DO BRASIL



O SER E O TER

Ora assim como eu nasci e vivi dezoito anos no meio de funcionários públicos, conhecendo-lhes as dificuldades, as mágoas e os ridículos, aqui está diante dos olhos José Mar-melo e Silva, com a sua novela O SER E O TER, revivida no ambiente amargo de uma aldeia da Beira Baixa, perseguida por um vento de desgraça que o autor deve ter acompanhado não apenas através de três gerações, mas através de três séculos de miséria, desespero e mesquinha. Em menos de cem páginas está o quadro perfeito da decomposição rural. Parabéns, pelo livro. Pésames, pela realidade...

MAS TEM MAIS

Sim, tem mais. Tem o meu vivo interesse em falar do pequeno opúsculo: Versos de Fradique Mendes, que recebi esta semana. Dele falarei no próximo domingo.

"Computa, computador, computa..."

«Computa, computador, computa» é Millôr Fernandes em Portugal, lançado há uma semana. Um livro «bem acabadinho» segundo ele. Que andou por aí a meter o nariz durante uma semana e pirou-se de repente, talvez constipado.

«Desde que não sejam fuzilados, estamos a ser tolerado».

Depois do «Barão» («há algo mais no ar, além dos aviões de carreira») falecido há pouco, com toda a lucidez lubrificada pelos anos — o que é próprio dos marteletes do riso — Millôr é o 1.º humorista brasileiro no género, de quem uma pessoa se lembra à primeira solicitação.

«Sou altamente preten-sioso a respeito da minha profissão. Acho que o humor é a quintessência da seriedade».

— Faço uma grande selecção quando levo os meus trabalhos de jornal para livro porque há muitas coisas que são ocasionais. Mas não me importo muito com o fenómeno de resistir ou não resistir. Se não resistir o azar é dele!

Antes, desde 54, saíram: «Tempo e contra tempo», «Teatro de M.F.», «Um elefante do caos», «Lições de um ignorante», «Fábulas fabulosas», «Liberdade, liberdade», «Papáverum Millôr», «Hai-Kais» e a antologia «Trinta anos de mim mesmo». De resto, já o conhecemos do «Pif-Paf».

Vindo à terra a 16 de Agosto de 1923, no Meier, subúrbio do Rio de Janeiro, filho de espanhol, Mil-

lôr é realmente Millôr Viola Fernandes, tradutor de Pearl Buck, Harold Pinter, Irwin Shaw, Shakespeare, Brecht.

A minha literatura preferida é a inglesa. No entanto, no Brasil, e creio que em Portugal, optou-se pela literatura americana. Gosto muito dos ensaístas ingleses do século XIX. Mas leio indiscriminadamente tudo, pois sei umas cinco ou seis línguas: italiano, francês, inglês, um pouquinho de alemão...

Millôr anda a pé todos os dias, distâncias incaláveis.

Bebe o uísque que oferecerem, sem reclamar, de preferência com «H2O elevado ao cubo».

Seus hai-kais são melhores que as cerejas do sol nascente.

Vive telefonando ao Ziraldo para lembrá-lo de suas desobrigações de bancário-dilete, estoicamente preocupado em não se tornar definitivamente «intelectual left-side» sem a utilização de meios tecnocratas de mais.

Millôr: passista do Sanguineiro? Benemérito comendador? Garota propaganda, macaca de auditório, padre do interior, maniqueísta dialético, tradutor das essências francesas? Camélot, camélot, Castelo, Shakespeare, dragão, muletas, vereador à Câmara de Conceição do Mato Dentro, bordador do manto de N.S. Aparecida?

Millôr, meus srs., é a garrafa. Bebam primeiro.

criámos e desenvolvemos uma profissão de vanguarda:

consultor de segurança Império



**Este homem
é um Consultor de Segurança Império.**

Na vida moderna pensar em segurança
é um dever social — para si próprio,
para a família, para a empresa.

Mas pensar em segurança obriga à utilização
de conhecimentos técnicos, à interpretação de leis,
a raciocinar em termos económicos e fiscais.

**Gerir os seus interesses da forma mais adequada
de acordo com as necessidades de futuro é, de facto,
tarefa que necessita do apoio de especialistas.**

Tal como na electrónica, na saúde ou em finanças
existem especialistas para o assistir, a Império criou
e está desenvolvendo uma profissão de vanguarda:

Consultor de Segurança.

Um profissional especializado para lhe aconselhar
um plano global de segurança à sua medida.

Um homem que tem a apoiá-lo a organização
que a Império representa no espaço português.

Um homem seguro para lhe falar de segurança.

Comece com uma entrevista confidencial.

**O Consultor de Segurança Império
é um profissional rigorosamente preparado.**

Está apto a estudar, a conhecer o seu problema,
a aconselhar.

A Império orgulha-se dos seus homens.



AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora



MEIO AMBIENTE

Muitos dos problemas do meio-ambiente são universais: escassez de habitações de localização saudável, carência de água potável em devidas condições de pureza e perda dos nossos recursos naturais, como consequência do desenvolvimento industrial que leva à contaminação do meio. Eis três dos inúmeros problemas ambientais que se colocam ao mundo em que vivemos. A fotografia, da OMS, ilustra o primeiro deles: as precárias condições da habitação humana. Poderia suceder em qualquer parte. Sucedendo, neste caso, nas Filipinas.

Soluções drásticas e imediatas

«Portugal ainda não conhece problemas agudos de poluição com dimensão suficiente para se lhes atribuir carácter nacional.

Não obstante, há muitas situações preocupantes, a reclamar soluções drástica e imediata. O surto de cólera verificado em Lisboa há dois anos só foi possível numa área deficientemente saneada; temos praias que dentro de pouco tempo poderão ter de ser vedadas à utilização pública; existe à ilharga de Lisboa uma área industrial a impor sérias medidas de controlo de poluição; em matéria de saneamento nas áreas rurais está quase tudo por

fazer; o trânsito automóvel na capital assume aspectos dramáticos nas horas de ponta, impondo consumos acrescidos e a perda de muitos milhares de horas de trabalho. Em muitos locais as carências de água impõem sérias restrições a iniciativas de toda a ordem indispensáveis à promoção das populações. Isto significa que se não pode descansar sobre a recordação de um passado recente, mas se impõe trabalhar a sério com os olhos postos no futuro.»

Eng. Correia da Cunha in «Portugal e a Defesa do Meio Ambiente»

PROGRAMAS DO ENSINO

Continuação da pag. 4

dade local onde fosse possível armazenar, sem graves inconvenientes para a saúde pública, cerca de 700 toneladas diárias de lixo. Este problema encontra-se em vias de solução com a construção de uma moderna estação de tratamento em Cabo Ruivo, transformada em fábrica de fertilizante orgânico para a agricultura. Assim seja possível montar e manter um sistema eficaz de recolha domiciliária.

O QUE ESTE ANO SE FARÁ (OU NÃO)

O programa de actividades da Comissão Nacional de Ambiente para o ano que corre, viu-se encarregado pelo facto das tarefas planeadas para 1972 e que ficaram por concluir (elaboração do Atlas Nacional do Ambiente, inven-

tários de fontes poluidoras, outras iniciativas programadas de lado, e reportando-nos concretamente à «Luta contra a poluição» destaca-se as que se referem à instalação de indústrias na área de Sines, melhorias em esgotos urbanos, em várias localidades, combate às depredações originadas nas praias por derrame de hidrocarbonetos junto à costa; defesa do estuário do Tejo cujas praias estarão este ano em melhores condições que no passado e o inventário e estudo da recuperação dos locais depredados. Deverão ainda limitar-se os efeitos da poluição atmosférica em certas zonas da cidade de Lisboa, proceder-se-á atenuação dos ruídos de veículos motorizados, preservação e ampliação dos espaços verdes e à melhoria da recolha dos lixos e da distribuição de instalações sanitárias.

A CELEBRAÇÃO DA VIDA

A 5 de Junho de 1972 começou em Estocolmo a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. Reuniram-se ali 116 nações para examinar um problema comum e adoptar medidas práticas e imediatas com o fim de proteger e melhorar o meio ambiente mundial. As nações participantes reconheceram sem reservas que a vastidão do problema exigia de cada cidadão e de cada país o decidido esforço em alcançar um equilíbrio mais dinâmico com o mundo natural e nas relações humanas.

Para comemorar essa histórica reunião, pela qual o homem ingressou numa nova era no que respeita ao conhecimento do meio, a Assembleia Geral das Nações Unidas designou o dia 5 de Junho como Dia Mundial do Meio Ambiente. Todos os anos, neste dia, se pedirá às populações e aos Governos de todos os países que manifestem de maneira activa o seu interesse em proteger e melhorar o meio ambiente, em adquirir maior consciência dos problemas com ele relacionados e em retirarem o compromisso por todos adquirido na Conferência de Estocolmo.

A vida de cada ser humano e de cada sociedade dependem inteiramente do meio ambiente mundial. O Dia Mundial do Ambiente destina-se à celebração dessa vida. Se queremos disfrutar um presente mais pleno e se queremos abrir aos nossos filhos um futuro viável neste planeta teremos que deixar de destruir para começar a conservar e a criar.

Tais são as razões por que peço aos leitores desta publicação que participem activamente na celebração desde primeiro Dia Mundial do Meio Ambiente.»

Maurice F. Strong, director executivo do Programa das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente.

EMISSORA NACIONAL

PAGAMENTO DE TAXAS

AVISO

Devem ser pagas durante o mês de Junho, as taxas das licenças de rádio e de televisão que têm indicado este mês na capa do livrete e que correspondem às licenças anuais com números terminados em 4 (quatro) e semestrais em 8 (oito) ou 9 (nove).

O pagamento pode ser efectuado em qualquer estação dos correios do Continente ou Ilhas Adjacentes, na Tesouraria da Emissora Nacional, Rua Castilho, 30-A, em Lisboa, e nos Emissores Regionais, às horas normais do expediente.

Também até final deste mês ainda podem ser pagas na Emissora Nacional as taxas das licenças que deviam ser satisfeitas no mês de Maio, acrescidas de 25%. Decorrido este prazo, segue-se a cobrança através dos juízos fiscais.

Os vales de correio devem mencionar o número da licença, sem o que não poderão ser recebidos.

Sociedade «ESTORIL»

Na noite de 6 para 7 do corrente, por necessidade imperiosa de trabalhos na linha aérea, não se efectuam os comboios n.ºs 18 e 15, que partem, respectivamente, de Cascais às 4 horas e de Cais do Sodré às 4-30 horas da manhã.

CASCAIS

Pavilhão dos Desportos



dias 16 e 17 de Junho
às 21,30 h.

Blood & Sweat & Tears

VINEGAR
JOE

AO VIVO!

grupo B-10 anos

CURSOS DE FÉRIAS NO REINO UNIDO?

A nossa organização tem nada menos de 21 centros funcionar durante o Verão - desde LONDRES ATÉ AYR NA ESCÓCIA E BANGOR EM GALES.

Cursos para adultos ou pessoas jovens de 2, 3 ou 4 pessoas
PREÇOS, TUDO INCLUÍDO, DESDE 8.140\$00.

Informações e inscrições:



Central School of Languages
International House

Rua Marquês Sá da Bandeira, 16
T. 51496; 534054; 534062

O CLUBE (CIENTÍFICO) DOS ACONTECIMENTOS DE VIDA BREVE

Assim se poderia chamar, romaneamente, o Centro para Fenómenos de Curta-Vida da Instituição Smithsonian. Oficialmente foi inaugurado em 2 de Janeiro de 1968 sob a direcção de Robert Citron. Nesse tempo, o pessoal, além do director, era constituído por uma secretária. O seu equipamento, duas linhas telefónicas. Lembremos, no entanto, que estava localizado no Observatório de Astrofísica que tem ao seu dispor um sistema muito elaborado de comunicações com todas as partes do globo. Hoje, tem já sete colaboradores em tempo inteiro, dois em parte de tempo e um orçamento anual de cerca de três mil contos. Tem ao seu dispor uma estação de rádio para receber e enviar mensagens, sete circuitos de teletipo e pode utilizar o sistema de comunicações do Ministério da Defesa americano que o põe em contacto com qualquer instalação do Governo americano, em qualquer parte do mundo.

Qual o objectivo deste Centro? Acontecem em todo o mundo fenómenos transitórios que são de interesse para os cientistas. O Centro procura receber notícias prontas desses acontecimentos para que estes possam ser estudados antes que desapareçam rapidamente algumas das suas características mais interessantes.

Por exemplo, em certos meteoritos existe Al 26, um radioisótopo do alumínio, com uma vida muito curta. Se o meteorito só chega a um laboratório que possa realizar uma análise radioquímica uns dias depois de cair na Terra, já nenhuma radioactividade se poderá detectar. O Centro pretende receber notícias rápidas sobre um desses acontecimentos de forma a informar com igual rapidez os cientistas interessados no estudo desse fenómeno em particular.

Já tem mais de 3 mil observadores em quase 150 países que lhe enviam por via aérea qualquer acontecimento de que tenham notícia. Em troca esses correspondentes recebem também notícias de acontecimentos que ocorrem próximo da parte do mundo em que habitam.

Já por três vezes o Centro recebeu notícias da existência de tribus primitivas desconhecidas como a dos Tasaday Manobo nômadas que vivem nas Filipinas como se estivessem na Idade da Pedra. Nunca provaram sal nem açúcar e desconhecem a agricultura. Naturalmente que os antropólogos tem o maior interesse em estudar estas tribus (ver figura), antes que contactos com outros humanos alterem aspectos da sua cultura.

O acontecimento de vida breve pode ser um fogo numa floresta, a morte misteriosa de baleias varadas às dezenas numa praia australiana, o misterioso desaparecimento do Lago Linda no Alaska (figura) uma invasão de caracóis em Miami (figura) um vulcão em erupção, uma ilha que se forma etc., etc.

Com os acrescentados meios ao seu dispor como, por exemplo, o Satélite dos Recursos Tecnológicos da Terra e agora, mais recentemente, do Skylab, a sua eficácia vai sendo cada dia maior. Pretende alistar a ajuda das crianças das escolas de forma a cobrir cada metro quadrado pelo menos das zonas habitadas.

Se alguns cientistas estão interessados, o Centro envia os seus cartões de acontecimentos diários custando a assinatura 100 dólares por ano. Por 15 dólares por ano, pode receber-se uma pilha de cartões semanais.

A CIÊNCIA (ÀS VEZES) NOS JORNAIS

Foi com prazer que lemos há dias neste jornal a entrevista que realizou com Severo Ochoa o jornalista Nuno Rocha. Do escrupulo com que foi feita dá conta o seu comentário final de que se esforçou em reproduzir fielmente o que escutara e que lamentaria se o não tivesse conseguido. Creio que Ochoa não teria encontrado qualquer motivo para se arrependar em receber o jornalista como o fez. Isto, infelizmente, não é sempre assim, mas a justiça manda acrescentar que nem sempre o sensacionalismo é pecado do jornalista... E antes caso de polícia... científica, claro está.

J. B. S. Haldane, em 1932, contou, esta entrevista imaginária feita a um geólogo eminente:

Jornalista De que é feita a Lua?

Geólogo Não sei. A julgar pela sua densidade e, de acordo com as hipóteses feitas sobre a sua origem, provavelmente a parte mais superficial é constituída por silicatos.

J. — E que são os silicatos?

G. — A maioria das rochas, excepto o gesso, o calcário e as pedras arenosas, são silicatos. O vidro, por exemplo, é um silicato.

J. — A superfície da Lua é sólida?

G. — Bem. Sobre ela existem grandes rochas.

Esta entrevista, bem corriqueira na verdade, provavelmente será anunciada, dizia Haldane, da seguinte forma, em grandes letras:

«A Lua é feita de vidro partido. Teoria espantosa dum eminente cientista...»

Há meio século, Charles Péguy, pensador e doutrinário francês, escreveu: «Não há nada de mais contrário às funções da Ciência do que as funções do ensino pois as funções da Ciência exigem uma investigação perpétua ao passo que as funções do ensino exigem uma convicção imperturbável».

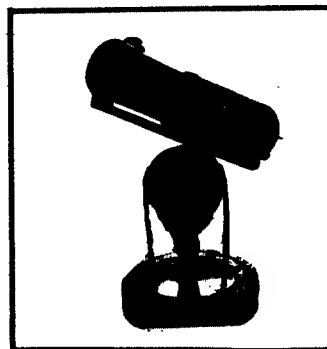
Não creio que muitas vozes, se afinadas com as realidades do nosso tempo, façam coro com Péguy. Os que mantêm que os professores universitários se devem ao ensino partindo da sua função de investigadores, é precisamente no ensino que pensam. Lá dizia o Sá de Miranda: «Os que mais sabem do mar fogem de ouvir as sereias».

O que a investigação científica, com a sua ascensão própria, diariamente praticada, forma nos homens é, precisamente, esse sentido dos dogmatismos a evitar, das convicções aporquadas por dúvidas, da falta de ilusão num canto fácil e gratuito. Esta formação dá-lhe um tom desejável no que comunica, ensinando quer matéria sua, como professor, quer comunicando matéria alheia, como Lente.

Pode acontecer, e acontece certamente, que uma das funções se desenvolva mais do que outra mas não se deveria falar de professores que lecionam e de professores que investigam. É certo que certas pressões do mundo actual levam muitos a pensar que será inevitável uma distinção no futuro: por uma parte, nos países mais desenvolvidos, uma relativa diminuição dos meios destinados à investigação científica e o aumento do número de estudantes arrastando, consequentemente, a necessidade de maior número de docentes, parece que impõe uma solução desse tipo. Não há dinheiro para financiar as investigações de todos esses professores, logo, alguns deles, devem aceitar dedicar-se apenas ao ensino. Apressam-se a acrescentar os que se resignam a esta opção, que continua a ser indispensável que os trabalhos dos investigadores influenciem a atmosfera intelectual no departamento a que pertencem os docentes puros. A nosso ver o que não está, nem muito me-

DAS INQUIETAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA ÀS QUIETAÇÕES DO ENSINO

Por António M. Baptista



A CIÊNCIA E O HOMEM

por ANTÓNIO BAPTISTA

nos, e demonstrado que se não há dinheiro para pagar a todos os professores impostos pelo número de alunos; os países terão necessidade de tão numeroso contingente de alunos. Precisamente os trabalhos realizados pelos investigadores contribuem para um progresso que torna justificável a formação superior de maior número de indivíduos. Aqui, suspeitamos que sabemos bem onde começa a história, se no ovo se na galinha.

É indispensável que exista essa atmosfera intelectual que devem respirar os alunos e a luz, aqui infelizmente para os defensores da separação do ensino e da investigação, não pode ser emprestada. O que deve existir é aquilo que com algum exagero reflectia naquele aluno da Universidade de Princeton que, quando interrogado sobre o que se tinha discutido num seminário sobre teorias físicas a que acabara de assistir, respondeu: «Foi formidável. Demonstramos que tudo aquilo que tínhamos dado como assente na semana passada estava completamente errado...»

Que maior educação do que, estando preparado para ir além das palavras proferidas, ouvir Niels Bohr, depois deste escutar uma teoria física arrojada de Wolfgang Pauli, dizer: «quase que poderia acreditar nessa ousada teoria se ela fosse um pouco mais ousada. Mas não. Ela não é completamente louca para que possamos, sem mais acreditar nela.»

Aliás, os sinais mais recentes que apontam para o sentido duma evolução do ensino, ainda mais acentuam a importância da investigação científica no sistema educacional. Recentemente, os professores Soloukhin e Balyeav, dois dos principais responsáveis da extraordinária experiência educa-

cional em que participam a recente Universidade de Novosibirsk fundada há 15 anos juntamente com o novo centro científico de Akademgorodok, depois de se referirem à reorganização do ensino que se tem levado a cabo numa colaboração estreita das duas instituições, escrevem: «... devemos chamar a atenção para a alteração da imagem do professor universitário durante a reorganização que descrevemos. Em vez do supererudito «fonte de todo o conhecimento», capaz de fornecer respostas exaustivas a qualquer questão que apoquento os seus jovens estudantes a característica marcante dum professor com autoridade é agora a da sua capacidade de mostrar com o seu exemplo pessoal como se «faz» a Ciência e de como se realizam as descobertas científicas. O professor, como os seus alunos, também estuda todo o tempo acrescentando o seu conhecimento total e a experiência de investigação. «Novamente o Frei Exeplo a ser, como dizia Cisneros, o melhor professor».

E não falemos só do professor universitário. As responsabilidades do professor de outros graus de ensino são idênticas. Aqui também iremos buscar exemplos recentes, agora na Grã-Bretanha, onde a prestigiosa Royal Society de Londres iniciou um programa de ajuda a professores do ensino secundário concedendo-lhe bolsas de estudo e subsidiando a compra de aparelhagem

científica. Um meio de incrementar a investigação científica? Não só isso; um processo, também, para activar o ensino reactivando os professores. E os leitores que tenham alguma paciência com este meu insistente regresso a este tema. E que, mal tiro os olhos do papel em que escrevo e olho em volta, e vejo o que vejo, tenho de continuar a escrever. E, em de continuar a escrever. E a única, forma que tenho de diminuir a tensão interna imposta pelo espectáculo. E, em certa maneira, o meio a que recorria a aquele japonês que tinha junto do local onde trabalhava uma pequena sala com um «punching ball». Sempre que alguma pessoa ou coisa o irritava dirigia-se para a sala e furiosamente, sobre a «punching ball», em violentos socos, descarregava a sua ira. Depois, calmamente, regressava ao local de trabalho, até à próxima crise.

A outra explicação poderia ainda ser dada por aquele conto famoso de Saroyan da sua velha pátria onde fala daquele violinista que, com desespero dos seus vizinhos só tocava uma única nota do violino. Quando estes, um dia, se reuniram e foram perguntar-lhe porque tamanha insistência, o violinista explicou: já repararam nos outros violinistas? Já assistiram ao seu desespero, febrilmente dedilhando todas as cordas e todos os pontos destas? É que estão à procura da nota certa e não a descobrem. Pois bem, eu já a encontrei...

ANTOLOGIA

George Thomson, que foi físico como seu pai, John Joseph Thomson e como ele conquistou o Prémio Nobel da Física escreveu um dia que o problema mais profundo do Universo era o da relação entre a mente e a matéria. Daqui, talvez, as dificuldades da chamada Ciência Social que muitos, ainda, se recusam a considerar uma ciência. O grande ensaísta Gilbert Chesterton ilustrou bem essas dificuldades num trabalho intitulado «A Ciência e os Selvagens» onde colhemos o seguinte trecho:

«A verdade evidente é de que, no momento em que qualquer assunto passa através da mente humana fica definitivamente perdido para todos os objectivos da ciência. Tornou-se numa coisa incuravelmente misteriosa e infinita. Embora coisa mortal ficou revestida de imortalidade. Mesmo aquilo a que chamamos os nossos desejos materiais são espirituais porque são humanos. A ciência pode analisar uma costeleta de porco e dizer qual o seu teor em fósforo e proteínas mas a ciência não pode analisar o desejo que o homem tem dessa costeleta e dizer quanto desse desejo é fome, ou quanto hábito, quanto imaginação nervosa, quanto obsessão de beleza. O desejo dum homem por uma costeleta de porco permanece literalmente tão místico e etéreo como o seu desejo de ir para o céu. Todas as tentativas pois, para fundar uma ciência de qualquer das ciências humanas, uma ciência da história, uma ciência do folclore, uma ciência da sociologia, são, pela natureza, não somente desesperadas mas loucas. Não podeis estar mais certos na história económica de que o desejo de dinheiro de um homem era apenas o desejo dum homem por dinheiro do que em hagiologia podeis estar certos de que o amor dum santo por Deus era apenas amor de Deus de um santo. Esta espécie de incerteza nos fenómenos fundamentais de estudo é um golpe derradeiramente final em algo com a natureza duma ciência. Os homens podem construir uma ciência com muitos poucos instrumentos ou com instrumentos muito simples mas ninguém no mundo pode construir uma ciência com instrumentos sem precisão. Um homem pode resolver todos os problemas matemáticos com um punhado de seixos mas não com uma mão cheia de argila cujos fragmentos se desintegram constantemente para formar novas combinações. Um homem pode medir o céu e a terra com uma cana mas não com uma cana que cresça constantemente».

Até aqui, seriamente, do nosso Chesterton. Noutra via um daqueles humoristas que pululam no mundo da ciência, traduziu a mesma ideia doutra forma. Dizia ele: «Do ponto de vista químico uma mulher pode ser pouco atraente mas do ponto de vista físico muito desejável...»

AZAMBUJA - LISBOA

HORÁRIO:

AZAMBUJA - LISBOA																																	
	6.00	▲	7.00	3.30	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲	▲							
Assembleia	6.12	7.12	7.30	7.44	8.12	8.00	8.52	8.50	9.00	10.40	10.22	11.00	11.33	12.00	13.32	14.30	15.00	15.25	15.37	16.00	16.45	—	17.37	17.45	18.45	19.00	19.30	19.52	20.45	21.20			
Vila Nova de Rainha	6.12	7.12	7.30	7.44	8.12	8.00	8.52	8.50	9.21	10.12	10.34	11.00	11.34	12.00	14.04	14.51	15.12	15.35	15.49	16.12	16.57	17.49	17.40	17.57	18.57	19.14	19.41	20.41	20.55	21.49			
Carregado	6.20	7.12	7.30	7.44	8.00	8.12	8.20	8.20	8.44	9.12	9.30	10.42	11.18	11.42	12.12	13.10	14.12	14.50	15.20	15.43	15.57	16.00	17.05	17.27	17.49	18.35	19.05	19.22	19.48	20.12	21.00	21.49	
Castanheira	6.28	7.18	7.26	7.56	8.01	8.15	8.26	8.35	8.46	9.35	10.36	11.48	11.23	11.46	12.18	13.18	14.18	15.05	15.36	15.48	16.03	16.30	17.11	17.33	17.55	18.31	19.11	19.22	19.53	20.15	21.01	21.49	
Póvoa	6.31	7.23	7.31	8.01	8.10	8.19	8.24	8.31	8.40	9.32	9.40	10.31	10.53	11.23	12.23	13.21	14.21	15.10	15.31	15.53	16.03	16.31	17.13	17.33	18.13	19.13	19.23	19.53	20.13	21.03	21.49		
Vila Franca de Xira	6.34	7.26	7.34	8.04	8.13	8.27	8.34	8.43	8.56	9.38	9.45	10.34	10.58	11.31	12.36	13.30	14.36	15.17	15.34	15.56	16.11	16.34	17.19	17.41	18.53	19.19	19.19	19.36	20.01	20.25	21.19	22.03	
Alhandra	6.40	7.34	7.40	8.10	8.24	8.34	8.43	8.49	9.34	9.50	10.40	11.33	11.28	12.03	12.34	13.30	14.30	15.14	15.40	16.01	16.19	16.40	17.22	17.46	18.10	18.25	19.43	19.43	20.06	20.33	21.25	22.10	
Alverca	6.47	7.41	7.47	8.17	8.21	8.31	8.47	8.56	9.41	9.56	10.47	11.11	11.42	12.11	12.41	13.37	14.41	15.17	15.47	16.07	16.25	16.46	17.28	17.53	17.56	18.16	18.32	19.42	19.51	20.14	21.11	22.02	22.46
Póvoa de Santa Iria	6.55	7.49	7.55	8.25	8.39	8.49	8.55	9.04	9.19	10.01	10.40	11.10	11.45	12.25	13.05	14.00	15.05	15.15	15.35	15.54	16.15	16.35	16.56	17.40	18.04	18.24	18.40	19.49	19.59	20.20	21.05	22.41	22.44
Sacavém	7.13	8.15	8.17	8.47	8.51	9.01	9.11	9.20	9.35	10.15	10.40	11.10	11.45	12.25	13.05	14.00	15.05	15.15	15.35	15.54	16.15	16.35	16.56	17.40	18.04	18.24	18.40	19.49	19.59	20.20	21.05	22.41	22.44
Entroncamento	7.21	8.15	8.17	8.45	8.50	9.01	9.13	9.25	9.40	10.10	10.25	11.15	11.40	12.10	12.40	13.10	14.10	15.10	15.55	16.15	16.35	16.55	17.15	18.00	18.25	18.45	19.00	20.00	20.40	21.40	22.10	22.45	
Lisbª	7.29	8.25	8.30	9.00	9.15	9.25	9.30	9.40	9.55	10.25	10.43	11.30	11.55	12.15	12.55	13.25	14.25	15.25	16.00	16.30	16.50	17.10	17.30	18.15	18.40	19.00	19.15	20.15	21.15	22.15	22.40	23.00	

LISBOA - AZAMBUJA

LISBOA - AZAMBUJA																																		
	A				B				C				D				E				F				G									
	1.10	1.00	0.00	7.00	7.30	7.50	8.20	8.30	8.50	9.00	9.50	10.15	10.45	11.15	12.30	12.50	13.20	14.00	14.10	14.40	14.55	15.15	15.35	16.05	16.15	17.05	17.35	17.50	18.15	18.20	18.40	1.2.1.1	1.2.50	2.1.10
Linhas	1.25	0.15	0.15	7.15	7.45	8.05	8.35	8.45	9.05	9.15	10.10	10.30	10.55	11.30	12.35	12.45	13.15	14.15	14.30	14.45	14.55	15.15	15.35	16.05	16.15	17.05	17.35	17.50	18.15	18.20	18.40	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10
Encarnação	1.30	0.20	0.20	7.20	7.50	8.10	8.40	8.50	9.10	9.20	10.10	10.35	11.05	11.35	12.40	12.50	13.20	14.20	14.35	14.50	15.20	15.40	16.10	16.20	17.10	17.40	18.00	18.20	18.40	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10		
Sacavém	1.40	0.30	0.30	7.30	8.00	8.20	8.50	9.05	9.25	10.20	10.50	11.20	11.50	12.25	13.25	13.40	14.30	14.55	15.05	15.25	15.55	16.20	16.30	17.20	17.45	18.05	18.25	18.45	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10			
Póvoa de Santa Iria	1.54	0.44	0.44	7.44	8.13	8.34	9.04	9.13	9.34	9.43	10.34	10.58	11.28	11.58	13.03	13.13	14.14	14.55	15.13	15.13	15.43	16.04	16.34	16.43	17.34	17.45	18.05	18.25	18.45	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10		
Alverca	2.11	0.51	0.51	7.51	8.21	8.41	9.11	9.21	9.41	9.50	10.41	11.05	11.35	12.05	13.09	13.40	14.21	14.52	15.09	15.20	15.48	16.01	16.31	16.41	17.31	17.45	18.05	18.25	18.45	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10		
Almada	2.07	0.58	0.58	7.57	8.26	8.47	9.17	9.26	9.47	9.56	10.47	11.11	11.41	12.11	13.14	13.46	14.27	14.57	15.14	15.25	15.56	16.17	16.47	16.56	17.47	17.55	18.15	18.35	18.55	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10		
Vila Franca de Xira	2.12	0.73	0.73	8.02	8.29	8.52	9.22	9.29	9.51	9.59	10.52	11.14	11.44	12.14	13.17	13.49	14.32	15.02	15.17	15.29	15.59	16.22	16.32	16.59	17.32	17.42	18.02	18.22	18.42	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10		
Póvoa	2.17	0.78	0.78	8.07	8.34	8.57	9.27	9.34	9.56	10.04	10.57	11.19	11.49	12.19	13.22	13.54	14.37	15.07	15.22	15.34	16.04	16.27	16.37	16.57	17.34	17.57	18.27	18.56	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10			
Castanheira	2.23	0.73	0.73	8.11	8.41	9.03	9.33	9.40	10.02	10.10	11.03	11.25	11.55	12.25	13.27	14.00	14.43	15.11	15.27	15.40	16.11	16.33	16.43	17.23	17.47	18.33	18.73	19.12	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10			
Carregado	2.23	0.73	0.73	8.11	8.41	9.03	9.33	9.40	10.02	10.10	11.11	11.33	12.03	12.33	13.35	14.08	14.53	15.19	15.35	15.48	16.30	16.53	17.11	17.28	18.11	18.41	19.11	19.20	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10			
Vila Franca da Rainha	2.35	0.72	0.72	8.19	8.50	9.11	9.39	9.46	10.18	11.11	11.33	12.03	12.33	13.35	14.35	15.07	15.39	15.55	16.00	16.30	16.53	17.23	17.33	18.13	18.43	19.13	19.20	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10				
Almada	2.35	0.73	0.73	8.21	8.50	9.22	9.53	10.03	10.30	11.23	11.45	12.15	12.45	13.45	14.35	15.07	15.39	15.55	16.00	16.30	16.53	17.23	17.33	18.13	18.43	19.13	19.20	1.2.1.1 <td>1.2.50<td>2.1.10</td></td>	1.2.50 <td>2.1.10</td>	2.1.10				

Observações: Efectuam-se A - As 2^{as} feiras B - Excepto Domingos C - Excepto Domingos e Feiras 1^{as} e 2^{as}

Almoço de confraternização do pessoal da Mocar, S.A.R.L., e da Santomar S.A.R.L.

No restaurante Montes Claros realizou-se no dia 26 do mês passado o almoço de confraternização de todo o pessoal das firmas MOCAR, S.A.R.L. e SANTOMAR S.A.R.L. a que estiveram presentes os Srs. Eng.º Fernando Moniz Galvão,

Presidente da Mesa da Assembleia Geral das duas empresas, Dr. Manuel Ricardo Espírito Santos Silva e Miguel Horta e Costa, respectivamente Presidente do Conselho de Administração e Administrador

das duas firmas, Cap. Francisco Soares da Cunha e Carlos Alzina Seruya, Vice-Presidente e Secretário da Mesa da Assembleia Geral da Mocar, e Bernardo Espírito Santo Silva, Administrador da Santomar.



Para esta agradável reunião, foram convidados os Srs. Fortunato Barros Leite e Manuel Avides Moreira. Presidentes do Conselho de Administração da GAMOBAR, SARL e ROLMETA, SARL, ambas do Porto, e de que a Mocar é associada, assim como os Corpos Gerentes destas duas sociedades. Srs. Jaime de Oliveira Azancot, Rolando Avides Moreira, Luís Barroso e José Horta e Costa, e ainda o Director Geral da Fábrica de Montagem Movauto, Eng.º Octávio Oliveira.

Presidiu ao almoço, o Sr. Eng.º Fernando Moniz Galvão, ladeado pelos Srs. Fortunato Barros Leite e Manuel Avides

Moreira. Em nome do pessoal, usou da palavra o Sr. Alfredo Fialho, um dos mais antigos colaboradores da Mocar, que disse estar muito grato pela oportunidade que a Administração lhes dera de se reunirem em tão simpático convívio.

O Sr. Miguel Horta e Costa, em nome dos seus colegas de administração, agradeceu a presença de todos e dirigiu palavras de muito apreço e incentivo a todos os companheiros de trabalho que constituem o elemento humano das duas firmas. O Sr. Manuel Avides Moreira, da Rolmeta, usou seguidamente da palavra para agra-

decir o convite que lhes tinha sido feito, e referiu-se também em amáveis termos sobre a possibilidade que estas reuniões oferecem de estreitar os laços de amizade entre todos os que trabalham em prol das mesmas empresas.

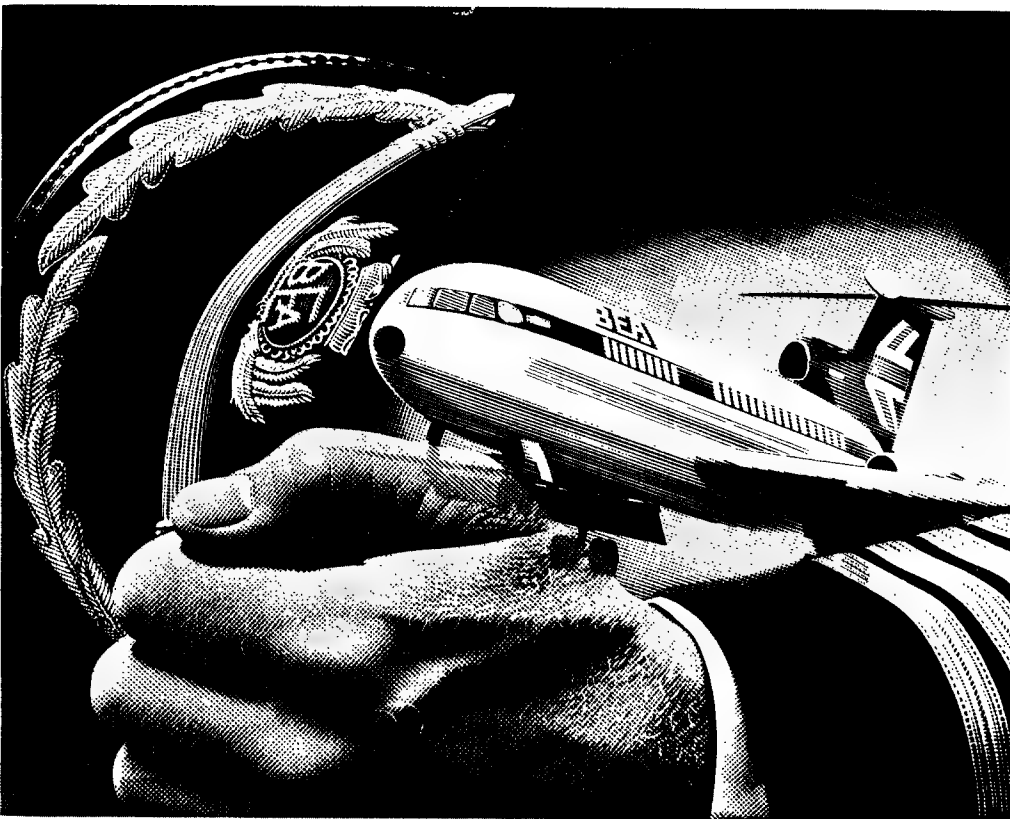
Seguidamente, os Corpos Gerentes procederam à distribuição de medalhas de prata a 19 colaboradores que neste ano completaram 20 anos de serviço.

Por fim, foram entregues aos Srs. Eng.º Moniz Galvão e Cap. Soares da Cunha, duas medalhas como prémio de mais de 25 anos de inextinguível dedicação à Mocar.

A BEA vai mais longe que Londres (e parte diariamente de Lisboa às 14,05)

Sabemos o que o tempo significa para si. Por isso partimos agora de Lisboa às 14,05. Por isso o levamos a Londres em apenas duas horas e vinte minutos. E se você está no centro de irradiação dos voos BEA para mais de 80 cidades da Europa, a uma hora ótima para apanhar qualquer voo de ligação. Ou para ver Londres e partir no dia seguinte. E, se o seu destino é a Escandinávia, poderá parar em Londres sem aumento no preço do seu bilhete.

A BEA proporciona-lhe ainda mais de 1000 voos semanais dentro de Inglaterra. E um dos melhores serviços de bordo do mundo. Consulte o seu Agente de Viagens. O Comandante deseja-lhe um voo agradável.



O carro dos que esperam de si a exigência e o bom gosto que definem a sua classe!

Espaço, conforto, segurança, resistência.

PEUGEOT oferece-lhe uma completa e variada possibilidade de escolha: **204, 304, 404, 504, BERLINA, BREAK, FAMILIAR e COMERCIAIS** — a gasolina e diesel.

PEUGEOT — A QUALIDADE QUE SE MANTÉM!

MOCAR, S.A.R.L. — Salão de Exposição e Venda: Av. António Augusto de Aguiar, 19-A — Tel 53 91 31 — LISBOA

SAPATARIA OLIVEIRA

«que calça Lisboa inteira»

Rua do Loreto, 38

SAPATARIA RECORDE

«a da porta amarela»

Rua das Portas de St. Antão, 163

DESDE 1 DE JUNHO — NOVO HORÁRIO

ABERTURA — 9 HORAS ENCERRAMENTO — 20 HORAS (ABERTOS NA HORA DE ALMOÇO)

Em JULHO, AGOSTO e SETEMBRO, encerrados às Segundas-Feiras de manhã, reabrindo às 15 horas.



1 DOMINGO

Depois das grandes manifestações populares de apoio ao acesso ao poder de Hector Campora — isto é, dos peronistas — o novo governo civil da Argentina proclamou uma amnistia total para os presos políticos, bem como a dissolução dos tribunais especiais que, durante os últimos anos, julgaram e condenaram mais de mil activistas dos movimentos armados. Este gesto, a quem ninguém nega um objectivo conciliador, não resolveu o problema levantado pela actividade desses agrupamentos. Já apelidados por muitos peronistas de «provocadores», os movimentos extremistas afirmam que continuarão as suas actividades violentas contra o grande capital, o imperialismo e as forças armadas. Sem se voltarem directamente contra o novo governo e contra o peronismo, esses grupos — dos quais o mais importante parece ser o do Exército Revolucionário Popular (ERO), ao que se diz de inspiração trotskista — insistem na necessidade de se criar imediatamente um exército, ao estilo das milícias populares, capaz de «defender os interesses dos trabalhadores».

Opondo-se evidentemente a uma medida destas — pelo menos no imediato — o governo adopta uma atitude que pode ser defendida com argumentos tácticos. Na verdade, a poucos dias da tomada do poder constitucional, o novo governo dificilmente pode extremar as posições com as forças armadas. E nada pior para um exército do que o conhecimento de que os seus dias estão contados como tal. Por outro lado, a permanência das forças armadas, tal como sempre têm existido na Argentina, constitui uma permanente ameaça ao programa de governo, na base do qual o peronismo regressou ao poder. Ao contrário do que se passa no Chile, onde as forças armadas são tradicionalmente neutras, na Argentina elas têm uma longa história de golpes de Estado.

2 SEGUNDA

Abba Eban, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Estado de Israel, manifestou a preocupação do governo a que pertence pelo facto dos Estados Unidos tencionarem fornecer grandes quantidades de armas modernas à Arábia Saudita e ao Kuwait. Segundo o que foi publicado, o governo de Israel estaria na disposição de rever a sua política no que respeita aos territórios ocupados durante a guerra dos seis dias, caso tais fornecimentos de armas se viessem a efectivar. Entretanto, anunciou Eban, Tel-Aviv estava a pressionar com esperanças de ser bem-sucedida, os governantes de Washington no sentido de estes não levarem por diante tais fornecimentos. Porém, por muito que Nixon — especialmente neste momento de dificuldades internas — queira ser agradável ao eleitorado judeu dos Estados Unidos, a verdade é que dificilmente pode satisfazer os desejos de Tel-Aviv, uma vez que o fornecimento de armas ao Kuwait e à Arábia Saudita se insere dentro das negociações a respeito do petróleo que tanta falta está a fazer à grande nação americana. O que surpreende nesta questão é o barulho que o sr. Eban e a Imprensa israelita têm

feito à volta do assunto. Pois temer-se-á em Israel que o Kuwait e a Arábia Saudita alguma vez utilizem as suas armas — fornecidas ou não pelos americanos — na luta contra o Estado Sionista de Israel? Não é perfeitamente claro para toda a gente que essas armas só serão eventualmente utilizadas contra os sauditas ou contra o Yemen do Sul, por parte da Arábia Saudita, ou contra os iraquianos por parte do Kuwait? Mesmo que isso não estivesse perfeitamente garantido, os Estados Unidos poderão sempre, através de pressões fáceis, conseguir-lo de Governos como os de Riad e do Kuwait.

3 TERÇA

O Canadá decidiu retirar-se da comissão internacional de controlo das tréguas no Vietname do Sul. Enquanto se não descobre um governo disposto a substituí-lo e que tenha o acordo dos litigantes, ficam na comissão apenas a Polónia, a Hungria e a Indonésia. Esta comissão, pelo seu trabalho e pela sua própria constituição, constitui o reconhecimento de que não existem neutrais em questões como a do Vietname. Anteriormente, depois dos acordos de Genebra de 1954, formou-se também numa comissão com atribuições semelhantes. Era essa comissão composta por indianos, canadianos e polacos, nunca chegou a funcionar devidamente porque a «independência» era impossível, tal como hoje continua a ser. A composição de quatro elementos evita o incómodo de haver um «desmancha prazeres», quando os outros dois estão de acordo. Tal como foi escolhida, esta comissão encontra-se, normalmente paralizada pelo empate. Algumas vezes sucedeu, no entanto, em que o empate se não verificou. Foi em algumas alturas em que um oficial subalterno assinou relatórios, para mais tarde ser admoestado pelos superiores, com o decisivo argumento de que «não se assina nada que venha dos húngaros ou dos polacos». Os canadianos, evidentemente, deitam as culpas para cima da Frente de Libertação e do Vietname do Norte, dando claramente a entender que polacos e húngaros favorecem essas duas partes. E, no entanto, perfeitamente possível, que os representantes dessas duas potências da Europa de

Leste possa acusar os canadianos de favorecerem o governo do sr. Thieu. A verdade, neste caso, é muito difícil de determinar. Mas isso não tem grande importância, pois trata-se de política e não de um romance policial.

4 QUARTA

Pompidou e Nixon voltaram a encontrar-se numa ilha do Atlântico. Os problemas, por estranho que possa parecer, continuam a ser fundamentalmente os mesmos: isto é, os económicos e monetários. O dólar, tal como por alturas do encontro dos Açores, continua fraco e aproximam-se negociações cruciais sobre as relações económicas entre a Europa e os Estados Unidos. Nessas negociações, os EUA pretendem arrancar dos europeus concessões que estes estão cada vez menos dispostos a fazer. Esta (má) disposição europeia deve-se à conjuntural fraqueza dos EUA e ao vigor com que se apresentam as economias de aquém Atlântico. O grande argumento americano parece continuar a ser o dos encargos com a defesa da Europa que o contribuinte americano continua a pagar. Para contrabalançar esses encargos, Nixon quer algumas concessões. Contudo, como ainda há poucos dias dizia o primeiro-ministro Edward Heath, a defesa da Europa «interessa vitalmente aos Estados Unidos» e é por isso que os americanos contribuem para ela. Por outro lado, salientou também Heath, a esmagadora maioria das tropas, dos navios e dos aviões que defendem a Europa (de quê, pode perguntar-se), são europeus, pagos por europeus. Nixon, no entanto, tem pressa. Vem aí a conferência de segurança e cooperação europeias. O que de lá sair pode contribuir para tirar triunfos aos americanos nas suas negociações com a Europa Ocidental. Ele quer, por todas as razões — pessoais e de interesse dos grandes grupos económicos do seu país — fazer valer a presença das tropas americanas na Europa enquanto é tempo. É assim, que no fundo, as tropas destinadas à defesa de um continente se começam agora a voltar contra ele.

5 QUINTA

Filho de um inglês morto pelos IRA, morto pelos ingleses, Erskine Childers, um protestante, foi eleito presidente da República da Irlanda. Por estranho que pareça, este facto não é de modo nenhum surpreendente, pois é conhecida a importância dos poucos protestantes que restam na Irlanda do Sul. Segundo dizem alguns, eles estão, ao contrário dos católicos no Norte, completamente integrados. Outros dirão que eles detêm, ainda, grande parte do poder económi-

co do país. Além disso, o próprio país, no seu todo, depende economicamente da vizinha Grã-Bretanha, país protestante por excelência. É por estas razões que o facto de haver na Irlanda católicos e protestantes, não explica as discriminações. Se os católicos tivessem no Norte a posição que os protestantes têm no Sul, poderíamos todos estar certos de que não haveria o tal problema irlandês.

6 SEXTA

Segundo revelou o senador Sam Erwin, presidente da comissão que anda a investigar o escândalo Watergate, reinava nas mais altas esferas da Casa Branca uma «mentalidade de Gestapo». Estas graves afirmações foram feitas com base nos documentos secretos que o antigo conselheiro do presidente Nixon, John Dean, trouxe da Casa Branca no dia em que foi sumariamente despedido. Esses documentos contêm os planos elaborados pela administração Nixon para a criação de uma «rede» destinada a vigiar e a espiar, os americanos, naturalmente com especial incidência sobre aqueles que não estão de acordo com a política governamental. O senador Erwin afirmou que o povo americano ficaria «fortemente chocado» caso viesse a ter conhecimento do tal plano. No entanto, está a estudar-se a possibilidade de ele ser publicado. O escândalo, mais ou menos preterido e em favor de outras notícias, vai-se alargando e as revelações são cada vez mais graves. Como mais grave é a situação do presidente que se vê na obrigação de negociar com estadistas estrangeiros a partir de uma posição pessoal de extrema fraqueza, tendendo, assim, para fazer grandes concessões, na esperança de poder apresentar sensacionais acordos que levanten a sua imagem aos olhos do público.

7 SÁBADO

Oito países da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) obtiveram das companhias petrolíferas internacionais que operam nesses países um substancial aumento no preço de venda do ouro negro. Esse aumento destina-se a compensar a desvalorização do dólar e ascende a 11,9 por cento. As consequências deste aumento serão, segundo um informador das companhias, muito mais graves nos países de moeda fraca do que nos de moeda forte. Por moedas fortes, entendeu-se, neste caso, aquelas em relação às quais a desvalorização do dólar foi maior. Nos países possuidores de moedas fortes é possível que o aumento do preço do petróleo na origem não se venha a reflectir imediatamente no consumidor. Nos outros países esse aumento é fatal.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL DELICIOSO PARADOXO

Os coronéis de Atenas proclamaram a república. Porém, os republicanos de todo o mundo não batem palmas com o furor devido à queda de uma monarquia. Muitos não batem mesmo quaisquer palmas. Na verdade, só quem erga, acima de todas as coisas, o seu ódio às instituições monárquicas pode apoiar sem reservas e sentir-se contente com a criação desta nova república que em nada vem alterar a situação do povo grego.

Feitas bem todas as contas, no entanto, a república é de acolher como uma coisa boa, qualquer que seja a opinião que se tenha sobre o que é bom para a Grécia.

Para os saudosos da monarquia pura e simplesmente, a institucionalização da república obrigá-los-á a pensar em levar a cabo alguma coisa mais consequente que infantis tentativas de golpe de Estado para fazer regressar a Atenas o jovem Constantino. Para os partidários dos coronéis, a situação jurídica fica definitivamente resolvida, não se pensando mais no rei, incómodo permanente. Para os partidários de uma democracia na Grécia, bem como para aqueles que queiram ir além da democracia formal existente antes de 1967, o desaparecimento do rei como tal permitirá unir os adversários do regime dos coronéis numa base mais duradoura, onde o «sebastianismo» dificilmente pode agora vingar e, portanto, dividir.

O dia 1 de Junho passa a ser um dia de festa na Grécia, não pela instauração da república em si, mas pelo que contribuiu para o esclarecimento de uma situação institucional que ainda permitia ilusões a alguns.

Alguns republicanos apressar-se-ão a proclamar alto e bom som que antes a monarquia de Constantino do que a república de Papadopoulos. São os empedernidos liberais que rapidamente esquecem o papel do monarca e de sua mãezinha na luta contra os Paandreu. Na verdade, a monarquia abriu o caminho (com participação activa) ao golpe de Abril de 1967, não podendo portanto ser ilibada de culpas nem colocada esotericamente em oposição ao regime dos coronéis. Basta lembrar, por exemplo, que o comandante Nicholas Pappas do contratorpedeiro «Velos» justificou a sua acção com uma afirmação inacreditável que diz bem da inteligência de quem apoia o regresso do rei: «O Governo grego está cheio de comunistas». Tal como o golpe de 1967, a tentativa de golpe de 1973 tinha na origem o anticomunismo. Diga-se em abono da verdade que, anticomunismo por anticomunismo, o dos coronéis é muito mais eficiente e, se a base é essa, então que fiquem os mais eficientes.

Claro está que, para quem vai sofrendo na carne a existência do actual regime, uma mudança — qualquer que ela fosse — sempre poderia trazer algum alívio e a ilusão de uma solução para os seus problemas. Soluções, no entanto, não serão encontradas em homens como o anafado Pappas. E quando digo soluções nem sequer me refiro àquelas que se podem considerar de algum modo duradouras. Com Pappas, e o mesmo é dizer com qualquer golpe inspirado por Constantino ou os seus amigos mais chegados, nenhuma mudança de governantes constituirá solução.

A segunda república grega vem colocar o povo grego perante problemas mais verdadeiros e mais claros e constitui um delicioso paradoxo para muitos republicanos.

A. VILLASVERDE CABRAL



Como parte de um «negócio» concluído entre o Exército Revolucionário Popular da Argentina e a Ford Motor Company, funcionários da grande empresa americana entregam pastas novas a crianças das escolas de Buenos Aires. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

O.U.A.: 10 ANOS DE UNIDADE AFRICANA

A Organização da Unidade Africana comemorou o seu 10.º aniversário. Enquanto os ministros dos Negócios Estrangeiros dos 41 Estados membros da O. U. A. começaram a chegar a Addis-Abeba, importantes festividades comemorativas desenrolaram-se em 24 e 25 de Maio na capital etíope, onde teve lugar em 26 de Maio a conferência dos chefes de Estado.

Antes de a organização pan-africana abordar o seu segundo decénio, Nzo Ekwangaki, que sucedeu o ano passado a Diallo Telli no lugar de secretário-geral, fez um balanço pormenorizado da acção da O.U.A. e traçou as perspectivas futuras da organização.

Todavia, as cerimónias solenes que deveriam dar azo a abraços espectaculares, a discursos entusiastas, a encontros eufóricos, foram precedidas de discretas «grandes amonobras»: vários ministros etíopes, enviados especiais do imperador Hailé Selassié, percorreram o continente negro, encontrando-se com os vários chefes de Estado, fazendo pressão para que assistissem pessoalmente às sessões de Addis-Abeba. Com efeito, no princípio do mês, o coronel Kadhafi, chefe do Estado líbio, havia convidado os seus iguais a boicotar o 10.º aniversário da criação da O.U.A. e propos-

to que a sede da organização fosse transferida de Addis-Abeba para o Cairo «devido à manutenção de uma presença diplomática israelita na Etiópia». Esta iniciativa teve, de uma forma geral, um acolhimento bastante frio, e Akoi Arikpo fez saber, a 16 de Maio, em Lagos, que o seu país se opunha à transferência da sede da O.U.A., pois, a escolha de Addis-Abeba foram feita em 1963 por unanimidade dos Estados membros.

Assim, o décimo primeiro encontro dos chefes dos Estados membros da Organização da Unidade Africana abriu, como a maior parte daqueles que o precederam, num clima de relativa incerteza. Após uma série de «crises de crescimento» que a O. U. A. experimentou, sem abalar seriamente os seus alicerces, o pessimismo e o desencantamento pairavam ainda antes da abertura do décimo primeiro «mais alto nível». No entanto, na medida em que estes deveriam, sobretudo, ser consagrados às questões de descolonização e à exaltação dos temas unitários, apresentados sob uma forma suficientemente vaga para congregar a maioria dos participantes, as controvérsias poderiam ser limitadas.

A luta contra o colonialismo e a discriminação racial, o combate contra o subdesenvol-

vimento e o analfabetismo, a adopção de uma «carta económica» comum, constituem, por certo, outros tantos assuntos sobre os quais o acordo geral pôde ser facilmente conseguido. Sobre estas questões, parece possível harmonizarem-se os pontos de vista sensivelmente divergentes, mas raramente antagonistas. Contra ventos e marés, a união pode, portanto, afirmar-se perante uma opinião mundial que continua a mostrar-se bastante indiferente à evolução do continente africano.

No entanto, aparecem desde já assuntos de discussão cujo carácter é mais polémico. Na primeira fila figuram as relações entre os Estados africanos e Israel. Esta questão divi-

de não muçulmanos, mas, ainda, os países situados ao Norte do Sahará e os seus vizinhos do Sul. A atitude do coronel Kadhafi, que tomou a chefia da «cruzada anti-israelita», é significativa, e receia-se que não tenha o valor de um exemplo para outros dirigentes árabes.

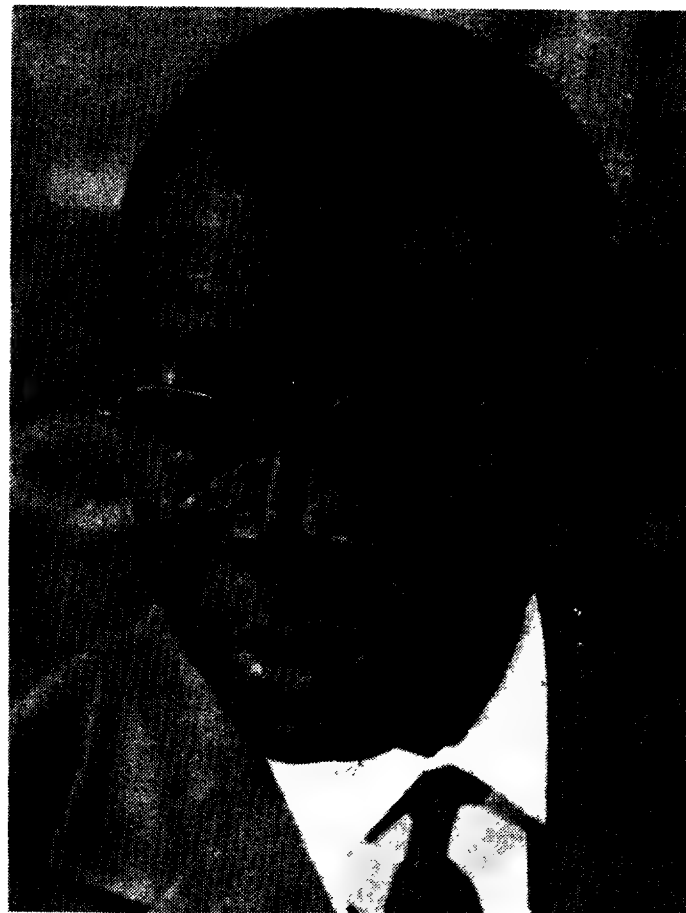
Assim, no fim deste decénio, a principal clivagem que se desenha no seio da Organização é menos entre «reformistas» e «moderados» ou entre anglófonos e francófonos do que entre «negros» e «brancos».

PREOCUPAÇÕES PERMANENTES E NOVOS CENTROS DE INTERESSE

Desde a criação da O. U. A., duas questões jamais deixaram de preocupar todos os dirigentes dos Estados membros: a realização da unidade africana e a aceleração do processo de descolonização do continente negro. Os representantes dos 32 Estados fundadores da Organização, já estavam animados de uma certa fé nas aspirações pan-africanas e pela ideia de que a independência das suas próprias nações não teria verdadeiro significado senão no dia em que todos os territórios de África, ainda colocados sob dependência, houvessem tido acesso à soberania internacional. Hoje, ainda, estes dois desejos apresentam um carácter obsessivo para a maioria dos chefes de Estados membros da Organização, cujo círculo enriqueceu com nove novos membros em dez anos. No entanto, dois novos centros de interesse fizeram a sua aparição no decurso dos últimos anos: a evolução da situação no Próximo Oriente, sobretudo depois do conflito israelo-árabe de 1967, e a busca da independência económica do Terceiro Mundo africano.

A história da Organização da Unidade Africana foi marcada, durante este último decénio, por vários conflitos fronteiriços de uma certa gravidade. Graças à acção da O. U. A., alguns destes conflitos foram regulados de uma forma pacífica. Foi o caso da «pequena guerra das areias» que eclodiu entre a Argélia e Marrocos em 8 de Outubro de 1963 e que devia terminar em 31 de Outubro do mesmo ano por um cessar-fogo e pela criação de uma comissão mista encarregada de estabelecer uma zona desmilitarizada entre os dois Estados beligerantes.

Os conflitos somalo-etíope e o somalo-keniano estão em vias de apaziguamento, se não mesmo de regularização definitiva, a despeito de alguns ressaltos passageiros. Igualmente



LEOPOLD SEDAR SENGHOR presidente do Senegal

neste domínio, a mediação da O. U. A. foi decisiva, evitando que se agravasse consideravelmente uma querela que tem a sua origem na vontade de reagrupamento unicamente no seio da República da Somália das tribos dispersas sob a administração francesa, no território francês dos Afars e dos Issas, queniano na parte setentrional do Quênia e etíope nas províncias do Haud e do Ogaden.

PARALISIA E SILÊNCIOS

Em contrapartida, ficar-se-á surpreendido quer com a ineficácia da organização pan-africana na resolução de determinados conflitos, quer com a sua indiferença, pelo menos aparente, perante as crises sobrevindas em diversos pontos do continente africano.

O caso mais típico de parali-

sia com que foi atingida a O.U.A. desde a sua criação é fornecido pela guerra civil nigeriano-biafrense, que dividiu a África em dois campos. Com efeito, a Costa do Marfim, o Gabão, a Tanzânia e a Zâmbia reconheceram o regime separatista do general Ojukwu e retiraram a sua representação diplomática em Lagos.

Certamente, por ocasião das reuniões de Kinshasa, em Setembro de 1967, os chefes de Estado, na sua maioria hostis à secessão biafrense, haviam conseguido o envio de uma missão de mediação a Lagos: em Argel, em Setembro de 1968, foi lançado um apelo aos dirigentes biafrenses a fim de os incitar a procurar uma base de cooperação com as autoridades federais. Porém, desde o Verão de 1967 até Janeiro de 1970, isto é, até à capitulação biafrense, o funcionamento da O. U. A. foi em parte



JOSEPH MOBUTU president

AOS EXPORTADORES DE PRODUTOS ALIMENTARES

ANUGA — SALÃO INTERNACIONAL DE ALIMENTAÇÃO

COLÓNIA
de 22 a 27/9/73

Vai realizar-se em Colónia, de 22 a 27 de Setembro próximo, mais uma edição da ANUGA — Salão Internacional de Alimentação, o maior e mais importante certame alimentar do mundo.

A indústria alimentar portuguesa, que pela oitava vez estará representada na ANUGA, conta para o efeito com todo o apoio do Fundo de Fomento de Exportação, o qual, seguindo a linha que se propôs em prol da economia nacional via exportação, vai organizar a participação portuguesa no certame. Para tal, precisamos da sua cooperação, senhor exportador! Inscreva-se. Exponha ao mundo o que Portugal tem de melhor no campo alimentar. Faça o País crescer — e com ele a sua empresa!

Contacte o F. F. E. — existimos para o servir.

Inscrições até 25 de Junho.



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Direcção de Serviços de Feiras e Exposições
Av. Duque de Loulé, 97-2.º — T. 561743/4 — Lisboa 1
Delegação no Norte:
R. Gonçalo Cristóvão, 128-1.º-E.º — T. 380214 — Porto



HAILLÉ SELASSIÉ Imperador da Etiópia



YAKUBU GOWON presidente da Nigéria

A EUROPA E AS EMPRESAS MULTINACIONAIS

A acreditar nos porta-vozes governamentais, a «cimeira» europeia realizada em Paris no passado mês de Novembro teria sido um grande sucesso, quer para o presidente Pompidou, quer para a construção da Europa. Acontece que, menos de seis meses mais tarde, os Nove enfrentaram dispersamente a recente crise monetária internacional; os projectos de elaboração de uma política regional coordenada continuam no reino das veleidades; o Fundo europeu de cooperação monetária não pôde ser criado na data prevista; a fixação dos preços agrícolas (único campo onde é aplicada uma política digna desse nome) esteve ainda recentemente à beira de uma grave crise; o novo equilíbrio de preços será também posto em causa pela próxima manipulação monetária; também recentemente, a renúncia da Alemanha e da França conduziu ao abandono da política espacial europeia; e, ao tratar da nossa política industrial, um jornalista intitulava sugestivamente o seu artigo: «A miragem».

Neste assunto, o acaso desempenha um papel muito secundário e seria honrar demasiado os dirigentes da V República atribuir esta sucessão de malogros ao seu nacionalismo estreito, à sua incompreensão do problema ou à sua incompetência. A causa do mal é outra, e bastante mais profunda.

Uma comunidade humana não se cria por encomenda: é preciso que corresponda a uma realidade sentimental, psicológica, mas sobretudo económica, antes de o ser política. A lógica do sistema capitalista, e da actividade de empresa que ele pressupõe, faz com que não possa haver uma Europa política se não houverem empresas de dimensão europeia, solidárias entre si na partilha do mercado interno e servindo-se de instituições políticas comuns que lhes facilitem o abastecimento no além-mar, a preços de pura exploração, das matérias-primas e da mão-de-obra de que têm necessidade, elaborando ao mesmo tempo uma política comercial comum que lhes permita eliminar os seus adversários nos mercados externos.

Era, aliás, nestes termos que os autores do tratado de Roma conceberam as coisas em 1957. Na sua opinião, bastava suprimir as antigas políticas protecionistas correspondentes a uma época ultrapassada (a do capitalismo nacional) para que surgissem firmas de dimensão europeia, capazes de concorrer com as japonesas e americanas e que, para protegerem o seu mercado, teriam posteriormente necessidade de instituições políticas também europeias, compreendendo tanto estruturas do Estado, como uma moeda e, talvez, um sistema de defesa comuns. Infelizmente para eles, mal este esquema começava a ser aplicado, logo o embrião de uma Europa capitalista era abafado pelos efeitos conjuguados do «Kennedy round», do eurodólar e do ordenador.

Com o «Kennedy round», e agora o «Nixon round», os Estados Unidos opunham-se a que o Mercado Comum se protegesse da indústria americana através de uma barreira alfandegária muito elevada. Ao mesmo tempo, as técnicas do eurodólar davam às firmas americanas meios financeiros consideráveis, o que lhes permitia adquirir o controlo de um número cada vez maior de empresas europeias. A médio prazo, como se viu recentemente, isso deveria contribuir largamente para a crise do dólar e o enfraquecimento do capitalismo americano, mas só depois de ter possibilitado a constituição de empresas multinacionais. Estas firmas, com efeito, começam a possuir na Europa e na Ásia bens que chegam a ser iguais ou superiores aos que detêm nos próprios Estados Unidos. E a sua política geral é uma estratégia de domínio inerente

a cada firma, cada vez mais alheia à política deste ou daquele país, mesmo até dos Estados Unidos.

O desenvolvimento das telecomunicações e do ordenador desempenharam um papel análogo, concedendo aos dirigentes destas firmas multinacionais os meios técnicos de gestão de empresas situadas em vários continentes, de um modo coerente, rápido e eficaz. A aplicação espontânea das regras da livre concorrência não veio senão acelerar o desenvolvimento destas empresas multinacionais, que tendem a fazer do conjunto do mundo capitalista um vasto e único mercado, no qual os grupos industriais ou financeiros se combatem ou partilham a clientela, mas sem que isso corresponda a uma rivalidade entre nações ou entre continentes: pode haver concorrência entre a General Motors e a Ford, mas a I. B. M. francesa não é rival da I. B. M. americana, do mesmo modo que a filial europeia da Westinghouse não o é da mesma firma nos Estados Unidos. E esta integração das empresas de um mesmo grupo no interior de uma mesma estratégia comercial é ainda reforçada quando, em cada país, a empresa não fabrica senão uma parte do produto final, como se torna cada vez mais frequente. Nessas condições, não se descortina que tipo de autonomia poderá caber a cada empresa em relação à direcção do grupo.

Assim, as actividades económicas europeias não podem senão fundir-se num vasto conjunto capitalista ocidental, onde as decisões são tomadas em função do desenvolvimento das grandes empresas multinacionais e onde o papel dos Estados Unidos parece ser apenas o de polícia.

Evidentemente, está fora de questão que elas possam vir a constituir as bases económicas de um pólo político rival dos Estados Unidos, e é esse, na verdade, o significado do discurso de Henry Kissinger sobre a necessidade de reformar a natureza e a estrutura da aliança atlântica.

Numa época em que as técnicas conduzem ao desenvolvimento de empresas de dimensão mundial, na hora das comunicações via satélite e dos ordenadores, construção europeia e capitalismo tornam-se duas noções antieconómicas. A Europa é a recusa dessa evolução, é a afirmação decidida dos povos da Europa da sua resolução de serem capazes de aplicar uma política que eles muito bem escolheram, quer dizer, que estão decididos a retirar às grandes empresas o seu poder de decisão. Permanecer no regime da livre concorrência e ausência de planificação é renunciar à Europa. A construção da Europa só é um objectivo para o socialismo.

Michel Rocard

«bloqueado».

Foi por causa das suas divergências de pontos de vista a propósito do «drama bialfrense», que muitos chefes de Estado boicotaram o «alto nível» de Addis-Abeba de Setembro de 1969, no qual não participaram senão uma dúzia deles. A capital etíope, que parecia dever servir de local de encontro entre representantes da federação da Nigéria e enviados bialfrenses, não acolhera, então, senão o general Gowon, chefe do Estado nigeriano, e o apelo lançado a ambas as partes, convidando-as a suspender imediatamente as hostilidades, ficara sem consequências.

A derrota dos separatistas apaziguou as querelas abertas desde 1967 a propósito deste assunto, e, tendo o imperador Haile Selassie sido um dos principais artífices da reconciliação nigeriano-bialfrense, o «alto nível» de Setembro de 1970 foi o da unidade encontrada.

Noutras circunstâncias, principalmente a propósito da

guerra civil que opôs no Sudão as províncias separatistas do Sul ao Governo central de Cartum, e durante as perturbações de uma gravidade excepcional que afectaram por diversas vezes o Ruanda e o Burundi, em que se enfrentaram Hutu e Tutsi, a O. U. A. adoptou uma atitude de expectativa que lhe valeu muitas críticas. É verdade que a «carta» adoptada em 1963 estipula que à Organização fica interdita toda e qualquer ingerência nos assuntos internos dos Estados membros, e que é invocando este princípio que a O. U. A. se recusa a toda a intervenção oficial.

AS DIFICULDADES DA DESCOLONIZAÇÃO

No domínio da descolonização propriamente dita, a acção da O. U. A. nunca deixou de ter de se haver com dificuldades importantes. Estas devem-se, talvez, a determinadas divergências de pontos de vista quanto aos métodos de

acção a adoptar para triunfar das resistências espanholas, portuguesas, rodesianas ou sul-africanas. Porém, os principais obstáculos provêm da falta de recursos financeiros e dos meios militares dos Estados membros. A este propósito, alguns dirigentes africanos lamentam que a proposta feita em Maio de 1963 pelo dr. Kwame Nkrumah, de criar um comando militar africano único, tenham ficado sem efeito. A personalidade do principal zelador da ideia pan-africana, morto em 27 de Abril de 1972 na Roménia, deveria, aliás, ser saudada pelos delegados presentes este mês na capital etíope.

A comissão de libertação que, a partir de Dar-Es-Salaam, coordena a ajuda aos movimentos de libertação reconhecidos pela O. U. A., tem falta de fundos, e a sua eficácia sofre com o facto de a cobertura das quotizações junto dos Governos africanos nem sempre ser fácil.

Por outro lado, a importância do dispositivo militar português na Guiné, em Angola e em Moçambique, o considerável peso do aparelho repressivo na Rodésia e na África do Sul não permitem aos nacionalistas fazer triunfar o seu ponto de vista. Os Estados Unidos e as grandes potências europeias continuam, aliás, a manter estreitas relações com Lisboa, Salisbúria e Pretória, e a boicotagem decidida pela O. N. U., encorajada activamente pela O. U. A., é desprovida de efeito real.

Finalmente, os debates conducentes à oportunidade da abertura de um diálogo com Pretória suscitaram vivas polémicas. Hoje já apaziguadas, estas últimas deram lugar a violentos confrontos entre africanos «moderados» e «progressistas».

Em conclusão, nada permite entrever uma solução rápida do problema colonial na África Austral, e um quarto da superfície do continente africano continua sob o domínio branco. Em contrapartida, perspectivas mais sérias de descolonização desenham-se desde já nos territórios espanhóis de África, principalmente em Rio do Ouro e em certos arquipélagos, entre os quais os Comores.

A LINHA AZUL DO SUEZ

Entre os novos temas de preocupação da Organização, é necessário fazer uma obser-

vação particular ao conflito do Próximo Oriente. A ocupação, pelas tropas israelitas, de uma parte do território egípcio e as sugestões de alguns países do Magreb a favor de uma rotura de todas as relações com Israel aparecem como desafios sérios quanto ao futuro de uma unidade africana.

Efectivamente, o Egipto pertence à O. U. A., assim como vários Estados árabes, e estes podem assistir como espectadores à degradação da situação no Próximo Oriente desde a Guerra dos Seis Dias.

Há já vários meses, os diplomatas árabes conduzem uma vigorosa ofensiva destinada a isolar o Estado de Israel. Esta já deu os seus primeiros frutos, pois, o ano passado, cinco Estados da África negra romperam as suas relações diplomáticas com Jerusalém: o Uganda, o Chade, o Níger, o Mali, a República Popular do Congo, e, desde 16 de Maio, o Burundi.

OS CINCO PRINCÍPIOS DA CARTA

Os cinco princípios da carta da O. U. A. que regem as relações interafricanas são os seguintes:

- 1) Igualdade absoluta entre os Estados africanos;
- 2) Não ingerência nos assuntos internos;
- 3) Intangibilidade das fronteiras herdadas da colonização;
- 4) Regularização dos diferendos africanos no interior de um quadro estritamente africano, mediante negociações, mediação, conciliação ou arbitragem;
- 5) Reconhecimento do pluralismo regional que permite a existência de agrupamentos regionais.

SEIS ENCONTROS EM ADDIS-ABEBA

E a sexta vez que os chefes dos Estados membros da O. U. A. se reúnem na capital etíope. Já se encontraram, com efeito, em Addis-Abeba para a conferência constitutiva da Organização, em Maio de 1963, e, depois, por quatro vezes: em Novembro de 1966, Setembro de 1969, Setembro de 1970 e Junho de 1971. As outras conferências de Chefes de Estado tiveram lugar, sucessivamente, no Cairo (Julho de 1964), em Acra (Outubro de 1965), em Kinshasa (Setembro de 1967), em Argel (Setembro de 1968) e em Rabat (Julho de 1972).



te da República do Zaire

**SERVIÇOS
MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL
DE LOURES
AVISO AOS SENHORES
CONSUMIDORES
DE ÁGUA**

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de água será interrompido das 22 horas do dia 5 às 8 horas do dia 6 de Junho em curso, nas seguintes localidades: Olival Basto, Quinta da Várzea, Bairro da Barrosa, Estrada do Desvio, Casal do Figo Passado, Casal da Rocha, Casal do Privilégio, Bairro Simões Vitor e toda a zona da Póvoa de Santo Adrião.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 1 DE JUNHO DE 1973.

O Engenheiro
Director-Delegado
Casimiro Martins
Neves Cabaço

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r/c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

Tornar a justiça acessível a todos é preocupação do dr. Almeida Costa

Depois da inauguração do Palácio da Justiça de S. João da Pesqueira a que ontem presidiu o ministro da Justiça, dr. Almeida Costa, deslocou-se hoje a S. Pedro do Sul para a inauguração do novo tribunal desta localidade. Do discurso que nesta vila proferiu, transcrevemos as seguintes passagens:

«Tem o Governo rigorosa consciência de que as normas jurídicas e as instituições judiciais devem corresponder à complexidade e ao ritmo da vida moderna. Nesta ordem de ideias se intensifica a actualização legislativa, impulsionando até a autonomização de novos ramos do direito, e o aperfeiçoamento da administração da justiça.

Hão-de ser os tribunais um instrumento seguro, que garanta a rectidão das decisões, pelo que se deseja antes de tudo a sua idoneidade e independência. Vendo insistindo em tais aspectos e na correlacionada importância de se perseverar na melhoria da preparação técnica dos magistrados, profissionais do foro

e funcionalismo judicial, assim como das condições de exercício da nobre missão que lhes pertence. Nem se desconhece nem se aliena esse dever indeclinável de defesa da dignidade e prestígio intrínseco da judicatura.

Mas não basta a perfeição do aparelho judiciário encarado pelo referido ângulo. Interessa também que represente um instrumento aberto, pronto e cómodo a quantos a ele careçam de dirigir-se em demanda de justiça.

Só tornando os tribunais acessíveis a todos se efectiva, na verdade, o princípio da igualdade jurídica. Pois a afirmação desse princípio não se reduz ao momento da criação normativa do direito. Urge, ainda, que para defesa dos seus direitos possam os cidadãos ir a juízo em condições idênticas — designadamente, que a diversidade de recursos económicos não destrua na prática aquela igualdade perante a lei.

Proclama-se algumas vezes

que a justiça é entre nós demasiado onerosa. Não versarei aqui esse aspecto, cuja exacta análise supõe uma apreciação realista das várias jurisdições, a destinação das custas devidas ao Estado e dos honorários satisfeitos aos profissionais do foro, e ainda a ponderação da inexistência de actualizações desde há largos anos, apesar do aumento do teor de vida e do nível geral dos preços. Salientarei, entretanto, que a preparação em curso de um novo Código das Custas Judiciais permitirá uma revisão do problema, considerando a lição da experiência, as directrizes seguidas pelos melhores sistemas estrangeiros e o interesse público de franquear decididamente as portas da justiça. Convém um sistema de contagem dos processos que evite dificuldades práticas do dia-a-dia, mas afigura-se sobretudo oportuna a definição de uma lei de custas que traduza preocupações sociais».

Depois de referir o andamento do anteprojecto de um novo Código de Processo Penal, o ministro indicou as implicações do projecto de uma «justiça pronta e cómoda», e continuou:

«Desaconselha a experiência, por outro lado, o crescimento desmedido dos tribunais, visto que dificulta ou impossibilita a formação entre magistrados e funcionários de um espírito solidário propício ao trabalho de grupo, particularmente em sectores tão melindrosos. Reconhece-se que os tribunais de grandes quadros e de esmagadores volumes de serviços, a que acorrem multidões, se tornam quase indiscutíveis, constituindo mais «fábricas» de processos do que lugares de serena actividade e reflexão.

É inviável uma contínua sobrecarga dos tribunais com sucessivos aumentos de trabalho. Frequentes vezes se encontram magistrados e funcionários esgotados pela profissão. Ora impõe-se que os julgadores não se sintam escravizados à sua tarefa, mas que tenham ensejo de criar em relação a ela o misticismo e a possibilidade de perfeição — que não corram o risco de que um esforço desmedido os leve a passar pela justiça sem a reconhecer.

Eis sucintamente indicadas as razões que determinaram a actualização da rede judicial. Essa

melhor distribuição dos serviços de justiça, reclamada pelo progresso das diversas regiões e núcleos populacionais metropolitanos, e apta ainda a estimulá-lo, envolveu: a criação ou restauração de julgados e comarcas, a reclassificação das comarcas existentes, a reorganização e acréscimo dos círculos judiciais, o alargamento da competência territorial da Polícia Judiciária — órgão auxiliar do Ministério Público em defesa da sociedade contra o crime —, a ampliação dos quadros dos tribunais superiores e do número de juízes de 1.ª instância, onde não se mostrou inconveniente, e a instituição de mais um distrito judicial e da paralela Relação».

E, a seguir:

«Não se ignoram ou desvalorizam as exigências impostas pela execução do extenso programa sancionado, e em especial no capítulo dos recursos humanos. Assevero que tudo se fará para que nunca diminua, antes melhore, a qualidade da justiça dos tribunais portugueses. As dificuldades e os meios de as superar foram rigorosamente estimados».

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

Faz-se público que nos Serviços de Aprovisionamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontra aberto o Concurso Público seguinte:

Concurso N.º	Aquisição de:	Abertura das propostas	
		Data	Hora
1 / 73 - F	Medicamentos — Matérias-primas — Produtos pró-análise — Ampolas de vidro neutro — Bisnagas de chumbo — Rolhas de cortiça	19 / 6 / 73	15.00

As propostas devem ser entregues nos Serviços de Aprovisionamento até às 16 horas do dia 18 de Junho de 1973. No subscrito deve mencionar-se o número deste Concurso. O respectivo Caderno de Encargos pode ser consultado nestes Serviços, todos os dias úteis, das 9.30-12.30 das 14.00-17.30, e aos sábados das 9.30 às 13.00 horas.

Coimbra, 31 de Maio de 1973.

Pel'O Director de Serviços de Apoio Geral
(Aprovisionamento)
Gilberto Pinto Ângelo

Paulo VI aos jornalistas A Imprensa e a Liberdade

Celebra-se hoje em todo o mundo o 7.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, por iniciativa da Santa Sé, à semelhança do que tem acontecido nos seis últimos anos. Numa mensagem de Paulo VI, explica-se o sentido do tema do presente ano: «Os meios de comunicação social ao serviço da afirmação e da promoção dos valores espirituais». O documento foi enviado aos jornais de Lisboa pelo arcebispo de Milene, que saudou «todos quantos se esforçam por servir verdadeiramente o crescimento dos homens em liberdade, em verdade e em comunhão», encorajando os jornalistas a lutarem pela afirmação dos valores que promovem a dignidade e a responsabilidade, no meio das carências, limitações e dificuldades de toda a ordem.

A importância do Dia Mundial foi também explicada ontem pelo Cardeal-Patriarca numa reunião com os directores dos jornais, como noticiamos.

Transcrevemos seguidamente as passagens que nos pareceram mais significativas do documento do Papa.

«Não há desenvolvimento do homem e progresso dos povos senão na realização, pelos valores espirituais, das mais nobres aspirações humanas.

De facto, a Igreja recebeu a missão de afirmar sem desfalecimento todos os valores da mensagem cristã. O Senhor encarregou-a de levar esta mensagem até aos confins do mundo. Os Apóstolos deviam pregar o amor de Deus e dos homens, o perdão e a reconciliação, e proclamar a todos uma mensagem de paz. Deviam ir pelo mundo inteiro e fazer sua causa dos doentes e dos oprimidos. A exemplo do seu Mestre, deviam anunciar aos pobres a Boa Nova que liberta (Cfr. Lc., 4,8).

E é certo que a Igreja não cessou de difundir estes valores humanos e espirituais, de promover iniciativas para o progresso dos povos, as quais têm

em vista o desenvolvimento de todo o homem e do homem todo. Compete à Igreja continuar a afirmar com energia todos aqueles valores que asseguram o êxito da vida humana, lembrando sempre que os nossos corações não encontrarão pleno e definitivo descanso senão em Deus.

A nossa época beneficia da vantagem de um imenso progresso técnico, que caracteriza de modo muito particular os meios de comunicação social.

CONTRA OS DESVIOS

Hoje, mais do que nunca, os valores espirituais podem e devem encontrar nesses meios, instrumentos que lhes facilitem a afirmação e a difusão, de um extremo ao outro da terra. Sob este aspecto não se pode deixar de ver neles um dom maravilhoso da Divina Providência para o nosso tempo.

Mas não é sem apreensão que os homens de boa vontade verificam que os meios de comunicação social são frequentemente utilizados para negar ou alterar os valores fundamentais da vida humana, ou até para suscitar a incompreensão e a perversão entre os homens (Communio et Progresso, n.º 9). Tais abusos, e o mal que deles se segue, são demasiado conhecidos. A difusão de falsas ideologias e a excitação do desejo imoderado de bens materiais afastam muitas vezes do interesse genuíno pela verdadeira sabedoria e pelos sólidos valores. Porém, hoje, é para uma acção positiva que nós solicitamos todos os católicos, de modo particular aqueles que, havendo como profissão os meios de comunicação social, têm maiores obrigações. Com eles insistimos em que difundam, na sua plenitude, os valores da mensagem vivificante de Cristo, e façam vibrar o universo com a voz das próprias convicções, com o grito da própria fé, com a palavra de Deus. Aí está uma missão importante e

um grande serviço a prestar a humanidade. Nós, os convidados a uma colaboração sincera e plena com todos os nossos irmãos cristãos e com os homens de boa vontade de todos os países, para afirmar com energia e de maneira eficaz os princípios que fundamentam o valor da dignidade do Homem. Pedimos a todos aqueles que trabalham nas comunicações sociais, que informem sobre os actos de abnegação e de dedicação que se verificam no mundo que dêem a conhecer o bem imenso, que se faz, dia após dia; que levem até ao público os testemunhos de dinamismo, de entusiasmo e de desinteresse, tão frequentes hoje, particularmente entre os jovens.

ESTÍMULO AOS PROFISSIONAIS

Sabemos serem numerosos os profissionais dos meios de comunicação que desejam ardentemente colocar estes instrumentos, neutros por si mesmos, ao serviço do progresso dos seus semelhantes (Cfr. Communio et Progresso, n.º 72). Convidamo-los instantaneamente a renovar a sua resolução e a transformarem as comunicações sociais em fontes de intensa luz que ilumine o caminho da única felicidade verdadeira. O mundo de hoje tem necessidade de ver os valores espirituais afirmados em testemunhos, concretos. Aqueles que dispõem dos meios de comunicação social, devem utilizá-los de modo que assim aconteça. A linguagem da imagem e do impresso, das cores, do som e da música, deve contribuir para a difusão das mensagens que exprimem a bondade, a beleza e a verdade. Imprensa, rádio, e televisão, cinema, teatro e publicidade, devem ser utilizados com todos os seus recursos, na tarefa de levar ao mundo a mensagem de que o mundo necessita para acertar com o próprio caminho.

ANDARES

2 e 3 casas assoalhadas, alcatifadas, forradas a papel, acabamentos de luxo, aquecimento eléctrico.

DESDE 200
CONTOS

FACILIDADES
ATE 10 ANOS

SÃO SEBASTIÃO DE GUERREIROS

2 km após Loures

a 15 km do Marquês de Pombal



Sociedade Portuguesa de Obras de Construção, S.A.R.L.

Rorrio 74-3º telfr. 35438-35521-366257 LISBOA

O PROCESSO DA MARIJUANA

CONTESTADA A PERITAGEM CIENTÍFICA

«Consideram-se estupefacientes (...): «Cannabis», sumidades, floridas ou com fruto, da planta «Cannabis sativa L.» (à excepção das sementes e das folhas não unidas às sumidades), das quais não se tenha extraído a resina, qualquer que seja a designação que se lhe dê» (Decreto-Lei 420/70).

Na investigação do «caso da marijuana», a Polícia Judiciária apreendeu a alguns dos réus pequenas quantidades da «substância botânica de cor verde», muito fragmentada, em que o Laboratório de Polícia Científica de Lisboa veio a encontrar o **cannabinol** que é o princípio activo da marijuana.

Requisitado para depor em tribunal, o director-substituto do L.P.C. e perito químico dr. Mário Silva Santos foi interrogado durante cerca de três horas pelos juizes, pelo acusador e por sete dos advogados de defesa. Esteve sobretudo em causa o grau de precisão científica e jurídica dos relatórios das análises a que procedeu sobre a «erva» apreendida e que estão apensos aos autos do processo.

O **cannabis** é um arbusto que pode atingir dois metros e em que se distinguem as folhas inferiores e sementes por um lado, e as sumidades (flores e frutos) e resinas, por outro. O teor de **tetrahydrocannabinol** ou THC (cannabinol que é o

princípio activo — «estupefaciente» — da planta) é baixíssimo ou inexistente nas sementes e muito pequeno nas folhas inferiores: por isso a lei as exceptua expressamente da lista de estupefacientes. O teor de THC é muito elevado nas sumidades e nas resinas, que constituem portanto substâncias proibidas.

O dr. Silva Santos declarou que na marijuana vulgar, tal como a que lhe foi entregue para exame, não pôde distinguir as sumidades das folhas inferiores, isto é, as substâncias autorizadas das substâncias proibidas. Embora o exame botânico e químico permitisse afirmar que se tratava de **cannamo** e assegurar a presença de **cannabinol**, o método usado no L.P.C. (cromatização de Duquenois-Levine) não permite qualquer rigor na avaliação da quantidade do princípio activo. Efectivamente, o resultado da análise seria positivo ainda que a amostra fosse constituída exclusivamente por folhas inferiores (não proibidas), embora a

Dr. Silva Santos, do Laboratório de Polícia Científica: «nunca experimentei fumar a marijuana que cultiva para as minhas investigações»

velocidade e intensidade da reacção seja maior — mas este **maior** não é medida científica e depende da observação **subjectiva** do analista — se a amostra contiver as flores e frutos proibidos.

Ora, dos relatórios do Laboratório só constava que o analisado era **cannabis**, o que é insuficiente para o enquadramento penal. Meses depois das análises é que, num mero **esclarecimento**, o dr. Santos Silva afirmou que, dado ser forte a reacção observada, o teor de **cannabinol** devia ser alto, pelo que as amostras teriam contido as tais sumidades proibidas... «**Isto assim não é nada**», declarou então o juiz Godinho de Matos, «é **extremamente grave** que a Polícia Científica tenha tratado deste modo exames de que dependia o enquadramento dos factos».

O julgamento prossegue às 14 horas de amanhã.



"BEST-SELLER" BRASILEIRO EM LISBOA JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS VEM LANÇAR EM PORTUGAL UM DOS SEUS ORIGINALS

O escritor José Mauro de Vasconcelos, um dos maiores êxitos de livreria dos últimos tempos no Brasil — só o seu livro «**Meu Pé de Laranja Lima**», atingiu a tiragem de mais de oitocentos mil exemplares em edições sucessivas — encontra-se em Lisboa, a convite do Centro do Livro Brasileiro, para estar presente ao lançamento feito em primeira mão no nosso país, de um original seu a que pôs o título de «**O veleiro de Cristal**», que será publicado por aquela editora no dia 14 ou 15 deste mês. À sua chegada ao aeroporto da Portela, fizemos com ele um rápido «bate-papo», procurando trazer a público, através das suas declarações, um pouco da personalidade e da estatura deste homem que, como autor, tem sido tão enaltecido como atacado, pelo menos no Brasil.

Sabemos que porventura os seus livros mais importantes, dos dezassete que escreveu — começamos por perguntar-lhe — são «**Rosinha minha canoa**», «**Barro branco**», «**Doidão**», «**Confissões de Frei Abóbora**», e, segundo o êxito de venda obtido, «**Meu Pé de Laranja Lima**». No entanto, alguma crítica brasileira considera que enquanto o Mauro de Vasconcelos deu dois excelentes livros com «**Barro branco**» e «**Doidão**», acabou por desambar para a facilidade criativa com «**Meu Pé de Laranja Lima**» e que o êxito desse livro se deve, precisamente, a essa facilidade? O que pensa disto?

Mauro é do Rio, embora viva em S. Paulo desde 1941. Sabe sorrir quando quer sublinhar uma palavra de mais efeito. E foi a sorrir que nos respondeu:

«**Eu não acho que o «Meu Pé de Laranja Lima» seja um livro fácil. De resto, não é bem isso que lhe chamam. No Brasil dizem que é um livro delecioso, ágil com açúcar. Mas o que na realidade acontece é que a verdadeira razão porque me atacam, vamos encontrá-la no simples facto de eu estar a ganhar muito dinheiro com os meus livros e de poder viver só da literatura e para a literatura. Isso é coisa que acontece a todos que obtêm êxito bastante para poderem optar. Não creio, pois, que seja outra a razão. E de resto repare-se que a crítica aos meus livros nos jornais europeus, sobretudo em França, tem sido altamente favorável, sem que se me apontem os defeitos que me apontam no Brasil.**»

José Mauro de Vasconcelos teve uma infância accidentada, uma adolescência cheia de laivos romanescos, uma vida larga de aventuras. Foi desportista emérito — praticou natação e pugilismo — e, para sobreviver, visto que foi filho adoptivo de gente pobre, teve de exercer vários ofícios, carregador de banana no interior do Brasil, pesquisador de diamantes, modelo de artistas.

«**Alas** — diz-nos ele com o seu sorriso bonachão — aproveitaram bem a minha plasticidade (uma breve ironia no olhar gozão e explica): «**A estátua da Juventude no Rio de Janeiro, sou eu. Foi eu que servi de modelo.**»

Quando pôde estudar frequentou medicina até ao 2.º



José Mauro de Vasconcelos

ano. Mas a sua vocação não estava com Hipócrates. A sua febre era escrever. O sertão brasileiro, essa gigantesca e exultante Amazônia, fascinava-o.

E apaixonou-me por o que o **Amazonas** tem de grandioso e de fantástico. Aprendi vários dialectos índios e ganhei mesuma certa mentalidade de índio. De resto, estou agora a terminar uma trilogia que é um pouco a saga do sertão brasileiro. Estou a fazer o ciclo da selva, como Jorge Amado fez o do café.

Mauro publicou o seu primeiro livro em 1946, embora o tivesse escrito em 1942, livro a que deu o título de «**Banana Brava**». É um homem forte, inteiro, de pele tsnada pelo sol dos trópicos. Faz lembrar na figura clara, um pouco a Hemingway.

— Ao publicar «**Meu Pé de Laranja Lima**» pensou alguma vez que este livro iria obter o enorme sucesso que obteve? — Inquirimos.

«**Nunca fiz planos sobre os meus livros. A coisa aconteceu porque o livro agradou e isto independente da vontade do autor.**»

— E quanto ao livro que vem publicar a Portugal, em primeira mão, que espécie de livro é?

«**Pois um dos personagens é português. Trata-se de um romance todo passado na cabeça de um garoto atrasado mental. É o drama do que ele é frente ao mundo e também a tragédia do que ele gostaria de ter sido e que imagina ser, chegando a viver intensamente, como realidade, esta sua perturbante e perturbada falsa personalidade.**»

— Quanto tempo vai ficar em Portugal? — quisemos saber.

«**Isso depende dos meus patrões** — responde-nos Mauro, no seu sorriso de bom humor constante, ao mesmo tempo que lança interrogativamente os olhos para Alvaro Gonçalves, um dos directores do Centro do Livro Brasileiro, que também o aguardava no aeroporto. — Para já, vou à Feira de Santarém. Depois veremos. Entretanto é provável que faça

O «**DIÁRIO DE LISBOA**» é vendido por Eusébio Ferreira Carvalheiro — MARINHA DAS ONDAS

uma viagem à Itália e à Alemanha.

E agora surgiu-nos a pergunta formal:

— Qual o escritor brasileiro que mais admira?

— Jorge Amado.

— Edos portugueses?

«**Bom... poderia falar dos clássicos, não é? Mas dos modernos prosadores portugueses, o único que conheço bem é Ferreira de Castro.**»

Josué da Silva

DEBATE SOBRE A REFORMA DO SISTEMA MONETÁRIO

«**Nas sociedades modernas não é possível sacrificar o pleno emprego e outras considerações económicas. Os meios de que dispõem os bancos centrais para combater a inflação são inadequados, porque a sua aplicação arrastaria um aumento de desemprego que a sociedade recusaria. Para combater a inflação, é necessário que os parlamentos, os governos, as organizações patronais e as centrais sindicais participem activamente na orientação e na direcção da política financeira e da política económica**», declarou o dr. Guido Carli, governador do Banco de Itália, durante o debate que travou ontem, no grande anfiteatro da Fundação Gulbenkian, com o prof. Jacques Rueff, um dos mais célebres economistas contemporâneos.

O debate, realizado no quadro do XV Congresso da Associação Internacional dos Cambistas, foi presidido pelo ministro da Economia e Finanças.

Segundo o prof. Rueff, o descalabro do regime monetário do Ocidente deve-se ao facto do estalão de «**cambio-ouro**», ao contrário do estalão-ouro, permitir aos bancos de emissão nacionais criar moeda contra divisas estrangeiras pagáveis em ouro, ou seja, contra dólares. Para solucionar os problemas actuais e instituir um sistema monetário internacional eficiente, o prof. Rueff considera necessária a revalorização do ouro e o regresso à convertibilidade do dólar, que deixaria de funcionar como co-

bertura para a emissão de moeda pelos bancos nacionais. Aos que têm como impossível o regresso à convertibilidade do dólar, por faltarem aos Estados Unidos os meios necessários, o prof. Rueff responde que estes recursos existem, mas estão dissimulados na absurda subavaliação das reservas de ouro do ocidente. Propõe um «**Plano Marshall** para os Estados Unidos». Os Estados não americanos ofereciam aos Estados Unidos sob a forma de empréstimos a longo prazo e a uma taxa de juro muito baixa, os suplementos de disponibilidades que retirariam da reavaliação das suas reservas de ouro a um preço que deve ser, pelo menos, de 70 dólares a onça. Tal empréstimo e os recursos que os Estados Unidos retirariam da reavaliação do seu próprio stock de metal criariam uma disponibilidade de 41 mil milhões de dólares. Seria, mais do que suficiente para se poder restabelecer a convertibilidade do dólar.

O dr. Guido Carli sublinhou no decorrer da sua exposição que os problemas económicos e financeiros ultrapassam, nas sociedades modernas, o domínio económico e financeiro, põem em causa a própria concepção da sociedade. Declarou-se favorável à valorização do ouro e ao regresso à convertibilidade do dólar, embora não considere estas medidas como panaceia para todos os males do sistema monetário internacional. Defendeu a exis-

tência de paridades fixas no interior de grandes zonas geográfico-económicas (os Estados Unidos, a Comunidade Europeia, o Japão, os países produtores de petróleo e os países socialistas) e a existência de cambios flutuantes entre estas diferentes zonas económicas. Preconizou uma mais estreita regulamentação do mercado dos euro-dólares e dos direitos de tiragem especiais de modo a manterem-se os benefícios que têm produzido e a abolirem-se os prejuízos a que têm dado lugar.

O debate que se seguiu, entre Jacques Rueff e Guido Carli, evidenciou algumas convergências entre as posições dos dois economistas, mas revelou também o seu profundo desacordo quanto às soluções para a actual situação do mercado monetário internacional. O prof. Rueff confia sobretudo na ordem financeira para solucionar o caos monetário actual. O dr. Guido Carli considera que essa ordem depende essencialmente de decisões político-económicas e da participação dos parlamentos, dos governos e dos patrões e dos trabalhadores na solução dos problemas económicos e financeiros.

O XV Congresso da Associação Internacional dos Cambistas encerra-se esta tarde. De manhã, os mil e duzentos congressistas e cerca de meio milhão de acompanhantes deslocaram-se à Azambuja, onde lhes foi oferecido um almoço típico numa herdade.

viagens apolo 73

CANÁRIAS

VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS ESPECIALMENTE FRETADO.

Partidas todas as 5.ª Feiras de Julho a Setembro.

PREÇOS A PARTIR DE **2.770,00**

Estadia em regime de pensão completa ou quarto com pequeno almoço. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

MAIORCA

VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS ESPECIALMENTE FRETADO.

Partidas todas as 3.ª e 5.ª Feiras de Junho a Setembro.

PREÇOS A PARTIR DE **3.400,00**

Estadia em regime de pensão completa. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

TORREMOLINOS

VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS VIAGEM EM AUTOCARRO COM AR CONDICIONADO.

Partidas todos os domingos de Junho a Setembro.

PREÇOS A PARTIR DE **2.320,00**

Estadia em regime de pensão completa.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

HAVAS EXPRESS

Uma carta da Oficina de Teatro da Universidade de Coimbra

Recebemos da Oficina de Teatro da Universidade de Coimbra o pedido, ao abrigo da Lei de Imprensa, da publicação da seguinte carta:

1. Afirmou-se a certa altura que o T.E.U.C. e o T.U.P. são os únicos agrupamentos de teatro universitário que ainda existem em actividade».

Porque não é verdade e para que não se suscitem dúvidas, sobrebrevo no espírito de todos quantos puderam assistir, ao longo dos últimos anos, aos espectáculos da Oficina de Teatro da Universidade de Coimbra, entendendo esta direcção conveniente esclarecer, em traços gerais, o que tem sido a actividade da Oficina de Teatro:

A Oficina de Teatro da Universidade de Coimbra é o mais jovem organismo autónomo da Academia, tendo sido fundado em 1966.

Logo no início, e até 1969, foi seu director artístico Goulart Nogueira, que, através da sua marcante personalidade, impôs um estilo próprio à orientação da Oficina. Ainda no primeiro ano se fez um curso de Teatro. Seguiu-se uma lenta ascensão iniciada em Aveiro com a representação de «A Bilha Partida» de Kleist e continuada pela apresentação em Leiria, Viseu, Setúbal e Évora de dois «entremeses» de Cervantes e de «O Médico apesar Dele» de Molière. Ascensão que veio a cul-

minar com a subida a cena, ainda nesse ano, em Faro e Tavira, da «Sonata dos Espectros», de Strindberg.

No ano lectivo de 1969/70, e já sob a orientação de António Manuel Couto Viana, montou e apresentou um espectáculo infantil, tendo como base uma pantomina de Esther de Lemos.

Nesse mesmo ano, assim como no seguinte, a Oficina de Teatro levou à cena, sucessivamente, em Nova Lisboa, Benguela, Luanda, Coimbra, Leiria, Ponta Delgada (por duas vezes), Funchal (também por duas vezes) e Lisboa, «O Livro de Cristóvão Colombo», de Paul Claudel, que, pela sua excepcional importância, constituiu a consagração definitiva do organismo dentro do teatro universitário português.

Em 1970/71, além de outras actividades de estudos e ensaio, formou, aproveitando a maior experiência de alguns dos seus membros, um grupo de poesia que apresentou espectáculos dramatizados em Coimbra, Lisboa e Porto.

Em 1971/72, a Oficina de Teatro volta a fazer Kleist, levando à cena, desta vez, «O Príncipe de Homburgo» na Guarda, em Viana do Castelo, Braga e Aveiro.

Neste ano lectivo, teve já ocasião de apresentar em Setúbal, pela primeira vez em Portugal,

«A Rainha Morta», de Henry de Montherlant.

2. Durante a entrevista, afirmou um dos elementos do T.E.U.C.:

«A Oficina de Teatro é um grupo que tem todo o apoio e subsídios, enquanto que nós sobrevivemos à nossa custa e com um subsídio da Gulbenkian».

Começamos por estranhar desde logo que os elementos entrevistados digam, de um organismo que acusam de inexistência, «quem tem todos os apoios e subsídios».

Aliás, o carácter irresponsável de tal afirmação evidencia-se, perfeitamente, quando se tenha em mente a escassez de apoios e incentivos ao teatro universitário em Portugal. E tanto mais quanto é o T.E.U.C. que, em Coimbra, recebe desde há longos anos e hoje em exclusivo aquele que é talvez o mais poderoso de todos os apoios e incentivos — o da Fundação Gulbenkian.

Deve notar-se, além disso, que, em geral, os subsídios são concedidos em função das actividades (desenvolvidas e a desenvolver) e não dos organismos em si. Razão por que a existência de um mais diversificado apoio à Oficina de Teatro só poderá indicar a sua maior actividade.

Em geral (dissemos), porque algumas entidades há que subsi-

diam organismos e não actividades. Mas dessas não terá o T.E.U.C. razão de queixa.

3. Na mesma entrevista, afirmaram ainda os referidos elementos do T.E.U.C., em resposta à pergunta «que espectáculos tem apresentado a Oficina de Teatro»: — «Deu um espectáculo em 9 de Maio de 1970. É uma data histórica (sorrisos). Pois, desde aí, nunca mais se atreveu a dar espectáculos em Coimbra...»

Como resulta do resumo de actividades atrás esboçado, e contrariamente ao que se pretende fazer crer (aliás de forma fanfarronante e infantil), a Oficina de Teatro continuou a desenvolver, a partir de Maio de 1970, a sua actividade normal, e apresentou, mesmo em Coimbra, o seu grupo de poesia em 14 de Maio de 1971.

Esperamos, assim, que fique, também agora, claro para todos aquilo que até aqui, pelos vistos, só o era para alguns.

Saudações académicas.

PROGRAMAS
politur
73
4 EUROPA EM AUTOPULLMAN
VIAGENS ACOMPANHADAS
POR GUIA PORTUGUES

MADRID — 4 dias

Partidas: 10 e 24-5, 7, 10 e 21-6, 5 e 19-7, 12 e 23-8, 6 e 20-9, 4 e 18-10 e 1-11.

1.750\$00

ANDALUZIA — 8 dias

Partidas: 19-5, 9 e 16-6, 1 e 14-7, 1 e 12-8, 1 e 15-9 e 1-10.

3.800\$00

GALIZA E COSTA CANTABRICA — 9 dias

(Visitando Covadonga e Grutas de Altamira)
Partidas: 12 e 26-5, 2 e 23-6, 7 e 21-7, 11 e 25-8 e 1 e 22-9.

4.600\$00

LOURDES, ANDORRA E MADRID — 9 dias

Partidas: 2, 16 e 30-6, 21-7, 4 e 18-8 e 1, 15 e 29-9.

4.250\$00

LOURDES, ANDORRA, BARCELONA, VALÊNCIA E MADRID — 12 dias

Partidas: 2, 16 e 30-6, 14-7, 1 e 15-8 e 1 e 15-9.

5.650\$00

MARROCOS — 13 dias

Partidas: 17-9 e 8-10.

9.000\$00

LOURDES, PARIS, ANDORRA E MADRID — 15 dias

Partidas: 1 e 16-6, 1, 7 e 16-7, 1, 11 e 17-8, 1, 8 e 16-9 e 5-10.

7.600\$00

PARIS, LONDRES E MADRID — 16 dias

Partidas: 16 e 30-6, 14-7, 1 e 17-8, 1 e 15-9 e 5-10.

9.950\$00

FRANÇA, BÉLGICA, HOLANDA, VALE DO RENO, SUÍÇA E ANDORRA — 20 dias

Partidas: 1-5, 11-6, 8-7, 5-8 e 2-9.

11.500\$00

ITALIA ROMÁNTICA — 21 dias

Partidas: 1-7, 5-8 e 2-9.

12.750\$00

ESPAÑA, FRANÇA, SUÍÇA E ITALIA — 23 dias

Partidas: 1-8 e 1-9.

13.950\$00

SUIÇA, ÁUSTRIA, HUNGRIA E ITALIA — 24 dias

Partidas: 1-7, 5-8 e 2-9.

15.000\$00

SUIÇA, ÁUSTRIA E ITALIA — 24 dias

Partidas: 1-6, 2-7, 2-8 e 2-9.

14.450\$00

UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CRÉDITO



A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
AV. DA LIBERDADE, 233 - TEL. 53 61 21 - LISBOA 2

SINTESES CRÍTICAS DE CINEMA

— **O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA** (Le Charme Discret de la Bourgeoisie), de Luis Buñuel (França-Espanha), com Fernando Rey, Delphine Seyrig, Stéphane Audran, Jean Pierre Cassel, etc. Cinema Londres-3.ª semana.

Depois de um Buñuel indispensável (Labirinto Infernal), outra obra indiscutível de um dos maiores cineastas contemporâneos. Uma panorâmica sarcástica e despiada sobre a burguesia e o seu «discreto encanto». As instituições a nu. Obrigatório.

— **CASA SEM FRONTEIRAS** (The House Without Frontiers), de Pedro Olea (Espanha, 1972), com Geraldine Chaplin, Tony Isberg, Viveca Lindfors, etc. Cinema Alvalade.

A «organização» vela pelo bem geral. Estamos em Espanha (ainda que alguns indícios tentem disfarçar). Um jovem (Pedro Olea) recupera a tradição buñueliana: da inquisição da polícia secreta, da violência sádica, da sociedade secreta. Um filme de terror que vem de Kafka até hoje. Obrigatório.

— **MASCULINO, FEMININO** (Masculino, Feminino) de Jean Luc Godard (França, 1965), com Jean-Pierre Léaud, Chantal Goya, Marlene Jobert, etc.. Estúdio 444-3.ª semana.

Mais um filme-colagem de Jean-Luc Godard. Uma das suas reportagens mais coerentes, sobre a sociedade francesa da V República. A juventude («os filhos de Marx e da Coca-Cola»), a política, o sexo, em França-1965. Um documento agressivo e provocante. Obrigatório.

— **PERDIDO POR CEM...**, de António Pedro Vasconcelos (Portugal, 1973), com Maria Marta, José Cunha, Nuno Martins, Ana Maria Lucas, etc.. Satélite-8.ª semana.

Retrato de uma «geração batida» ou auto-retrato de um tímido introvertido? Oscilando entre a imagem fluente, espontânea, um diálogo vivo e inteligente e um monólogo literário, pretensioso. «Perdido por Cem...» assinala a estreia de um novo autor português. Estreia a saudar. Apesar de algumas falhas (entre elas, toda a sequência final, com o destino, vindo de Angola, viajando de pistola e fotografia). A ver.

— **JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA** (The Disorderly Orderly), de Frank Tashlin (EUA, 1964), com Jerry Lewis — Estúdio Apolo 70 — 2.ª semana.

Uma das melhores comédias de Frank Tashlin, a que não deve ser alheia a presença de Jerry Lewis como actor (magnífica) e produtor. Um hospital e a psicanálise são o tema. Desopilante e indiscutível. Não perca.

L. A.

CRÍTICA DE CINEMA Lauro António

Tudo crimes na escuridão...

Título: **CRIMES NA ESCURIDÃO** (The Haunted House of Horror)

Realização: Michael Armstrong, 1969 (EUA)

Intérpretes: Frankie Avalon, Jill Haworth, Denis Pride, Mark Wynter, etc..

Distribuição: Distribuidores Reunidos

Estreia: Cinema Politeama (24.5.1973)

Título: **NOITE SEM FIM** (Endless Night)

Realização: Sidney Gilliat, 1972 (Inglaterra)

Intérpretes: Hayley Mills, Hywel Bennet, Britt Ekland, George Sanders, Per Oscarsson, etc..

Distribuição: Distribuidores Reunidos

Estreia: Cinema Império (25.5.1973)

Título: **DOM CAMILO E OS JOVENS DE HOJE** (D. Camilo I Giovanni d' Oggi)

Realização: Mário Camerini, 1972 (Itália)

Intérpretes: Gastone Moschin, Lioel Stander, Dolores Palumbo, Paolo Ginsi, etc..

Distribuição: Doperfilme;

Estreia: Cinema Roma (25.5.1973)

Quando, aqui há dias, passámos pela porta do Politeama e vimos enunciação para breve **Crimes na Escuridão** — Um filme de Edgar Poe — mal podemos conter a curiosidade. Mas, que remédio. Só alguns dias depois se estrearia a única realização cinematográfica do mestre do fantástico. A menos que a moda pegue e o mestre apareça aí a assinar, postumamente, toda a oA DE FANCIARIA QUE QUALQUER DEFICIENTE ACHEPOR BEM DIZER QUE FOI EXTRAÍDA DE UM CONTO OU NOVELA SEU. Enfim, pormenores, desanteções...

A verdade é que **Crimes na Escuridão** é um filme intra-

oável, uma historietta imbecil de um grupo de jovens imbecis, que resolve imbecilmente passar o tempo num castelo abandonado e, ao que consta, assombrado. A inépcia era tão grande que assombrados saímos nós. E fomos «morrer de medo» para outra sala. Agatha Christie prometia **suspense, frisson**, etc. A publicidade (e o inspector Varatojo) garantia que só 3, e em cada 100 pessoas, descobriam o desfecho. A publicidade (e o inspector Varatojo) confoessava tratar-se de um **clássico** no género. Ah, como temos saudades de um **clássico**, um daqueles de arrepiar os cabelos e roer as unhas de incerteza. Acontece que a expectativa foi, mais uma vez, iludida. **Noite sem fim** é, cinematograficamente, de uma pobreza confrangedora e, como obra policial, enfim... Até ao

intervalo, toda a gente julga que se enganaram nas bombas e estão a projectar **Este Difícil Amor**. Depois do intervalo, lá vem um misteriozinho para animar. Mas é tudo tão ténuo que só 3, em cada 100 pessoas, chegam à conclusão de que se trata de um filme policial.

Resta falar de **Dom Camilo e os Jovens de hoje**, que Mário Camerini dirigiu, com Caston Moschin no papel de D. Camilo, e Lionel Stander no de Pepone. Os **Jovens** dizem que são de hoje. O filme é que obedece às convenções de há quinze e anos bem puxados. Fernandel e Gino Cervi possuíam uma outra densidade humana. Além disso os tempos são outros e o diálogo entre um padre e um regedor comunista não se compadece com a ligeireza do trato que Camerini lhe impõe. As personagens de Giovanni Guareschi, adaptadas a novas situações por Camerini e Lucio de Caro, não conseguem ultrapassar a barreira da futilidade.



SURDOS CASA SONOTONE FÉRIAS!...

Que bom!... Poderem gozár-las com saúde, boa disposição e ouvir bem!... Aqueles que infelizmente ouvem mal, o caminho a seguir é ir fazer um exame e uma demonstração com os mais modernos aparelhos auditivos. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou de quaisquer marcas. LARINGS ELECTRONICAS para os que não podem falar. Pilhas de todas as voltagens de mercúrio e carvão. Esperamos a vossa visita com a qual ficaremos muito agradecidos em:

LISBOA — Poço do Borratim, 33 S/L — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 302-5602
LUANDA — Rua António Enes, 42-2.º — Apartamento 26

PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?

PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.

PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.

PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.

Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Demis Roussos continua em primeiro lugar. Manias... Entretanto, congratulemo-nos, ao menos, com a posição de Roberta Flack e de Cat Stevens e de Uriah Heep. Nenhum português nos "dez mais" de Lisboa, o que já vai sendo, infelizmente, hábito.

1	"Velvet Morning" (1) Demis Roussos	6	"Magician Birthday" (6) Uriah Heep
2	"Power to all Our Friends" (4) Cliff Richard	7	"Daniel" (7) Elton John
3	"Killing Me Softly" (2) Roberta Flack	8	"Tie a Yellow Ribbon" (-) Dawn
4	"Tu Te Reconnaistras" (5) Anne Marie David	9	"Catch Bul at Four" (-) Cat Stevens
5	"Part of the Union" (-) Strawbs	10	"Tommy" (9) Várias interpretações

No estrangeiro

Suzi Quatro gosta dos homens de barba dura, toca um rock endiabrado e é capaz de cantar com uma força assombrosa. Graças a esse conjunto de características Suzi aparece esta semana pela primeira vez nos «top ten» britânicos e contribui para reforçar a posição feminina no mundo pop, a qual estava a ficar um tanto por baixo.

A minha ideia não é fazer nenhuma revolução para a libertação da mulher — declara a minúscula americana de Detroit que veio apenas há um ano para Londres na esperança de se tornar famosa.

A minha revolução é pessoal e intransmissível e dedico-me a ela 24

horas por dia — diz Suzi, que pinta o cabelo com faixas cor de rosa.

O seu primeiro grande êxito foi obtido com o segundo disco que gravou, Can The Can», da autoria da célebre parêlha britânica Nikki Chinn e Mike Chapman.

Em Detroit Suzi fazia parte de um conjunto inteiramente feminino, que incluía as suas irmãs Patti e Nancy.

Nos «top ten» americanos é de destacar a subida de Paul McCartney and Wings para o primeiro lugar.

Seguem-se as posições nas principais capitais da música pop com a classificação da semana anterior entre parêntesis.

BONA

- (1) «Get Down»: Gilbert O'Sullivan
- (3) «Rock Me Baby»: David Cassidy
- (2) «Der Junge Mit Der ...» (The Boy With The ...): Bernd Cluever
- (4) «Power To All Our Friends»: Cliff Richard
- (5) «Dreams Are Ten A Penny»: Kincade
- (6) «It Never Rains In California»: Albert Hammond
- (1) «Hellraiser»: Sweet
- (7) «Woman From Tokyo»: Deep Purple
- () «Whisky In The Jar»: Thin Lizzy
- (10) «20th Century Boy»: T. Rex

AMSTERDÃO

- (1) «Tie A Yellow Ribbon»: Dawn
- (10) «Do You Love Me»: Sharif Dean
- () «We Were All Wounded At Wounded Knee»: Redbone
- (2) «Power To All Our Friends»: Cliff Richard
- (7) «Waikiki Man»: Bonny St Clair/Unit Glory
- (4) «Hell Raiser»: Sweet
- (3) «Eres Tu»: Mocedades
- () «Ginnie Come Lately»: Albert West
- (6) «Ik Ben Gerrit»: Gerrit Dekzeil
- () «Immer Weider Sonntags»: Cindy Und Bert

ESTOCOLMO

- (1) «Power To All Our Friends»: Cliff Richard
- (2) «Eres Tu»: Mocedades
- (6) «Mama Loo»: The Les Humphrey Singers
- (4) «Ding Dong»: Lars Berghagen
- (5) «I Am An Astronaut»: Ricky Wilde
- (3) «Ring Ring» (Swedish Version): Bjorn And Benny
- () «Hooked On A Feeling»: Bjorn Skifs And Blaablus
- (9) «Get Down»: Gilbert O'Sullivan
- (7) «Tale Of Maria»: José Feliciano
- (8) «To Te Reconnaistras»: Anne-Maria David

LONDRES

- (1) «See My Baby Jive»: Wizzard
- (2) «Tie A Yellow Ribbon»: Dawn
- (7) «One And One Is One»: Medicine Head
- (4) «And I Love You So»: Perry Como
- (3) «Hell Raiser»: Sweet
- () «Can The Can»: Suzi Quatro
- (8) «Also Sprach Zarathustra» (2001): Deodato
- () «Brokendown Angel»: Nazareth
- (6) «Giving It All Away»: Roger Daltrey
- (5) «Brother Louie»: Hot Chocolate

NOVA YORK

- (2) «My Love»: Wings
- (1) «Frankenstein»: Edgar Winter
- (6) «Daniel»: Elton John
- (8) «Pillow Talk»: Sylvia
- (4) «Tie A Yellow Ribbon Round The Ole Oak Tree»: Dawn
- (3) «Stuck In The Middle With You»: Stealers Wheel
- () «Hocus Pocus»: Focus
- () «I'm Gonna Love You A Little More Baby»: Barry White
- (9) «Wild Flower»: Skylark
- () «Steamroller Blues»: Elvis Presley

HONG-KONG

- (1) «Tie A Yellow Ribbon Round The Ole Oak Tree»: Dawn
- (2) «Sing»: The Carpenters
- (6) «If We Try»: Don McLean
- (3) «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
- (4) «Pinball Wizard»: The New Seekers
- (5) «Don't Expect Me To Be Your Friend»: Lobo
- (8) «Power To All Our Friends»: Cliff Richard
- (9) «Only Your Love»: Engelbert Humperdinck
- (10) «Saw A New Morning»: The Bee Gees
- (7) «Daniel»: Elton John

Discos novos

Sérgio Godinho tem novo disco na praça. Trata-se de «Pré-Histórias», um trabalho quase completamente seu, desde as letras aos arranjos, passando, evidentemente, pela composição. Um trabalho, obviamente, a não perder, o que se justifica, desde logo, pelos «Sobreviventes», seu primeiro LP que justficou, da crítica e do público, uma ampla aceitação.

Vicky Leandros, que já venceu o Festival da Eurovisão, está de novo no mercado português, com um «single» que inclui «Ich Hab die Liebe Gese'n» e «Augen Wie Feur».

«Sérgio e Madi: um disco recentemente lançado pela Phonogram que, segundo se diz, vai fazer um sucesso enorme. Esperemos pelos resultados e, entretanto, prestemos atenção a este lançamento.

Jorge Palma: o seu primeiro disco em português vem aí e vai ser, com certeza, bem acolhido pela crítica da especialidade. Daremos mais notícias.

Fernando Rebocho Lima gravou mais um LP de fados, que foi acompanhado pelo conjunto de guitarras de Chainho.

Wishbone Ash é o título de um LP que nos chegou há dias à mão e do qual apresentaremos, em breve, as respectivas notas críticas. Trata-se de um trabalho do grupo «Argus», que tem:



Martin Turner (viola baixo-vozes) — Nasceu em 1.10.47 na Turquia, Devon. Vem cantando em grupos desde os 13 anos. Martin é o mais activo do grupo, pois a maior parte dos poemas são da sua autoria.

Andy Powell (viola solo-vozes) — Nasceu em 19.2.50 em Stepney. Tocou em vários conjuntos antes de se juntar a Steve e Martin para formar Wishbone. É muito independente no que respeita a gostos musicais. No palco é uma presença dinâmica e curiosa.

Ted Turner (viola solo - vozes) — Nasceu em 2.8.50 em Birmingham. É o membro mais introvertido do grupo, e talvez o mais místico. Toca guitarra só há três anos, mas o seu talento revela-se muito maior. Ele vive e sonha com música e o seu maior amor é a sua «Gibson Les Paul».

Steve Upton (bateria) — Nasceu em 24.5.46 em Wrexham. O único elemento do grupo que estudou música, sendo por isso um músico a sério — que passa muitas horas por dia aperfeiçoando a sua técnica.



EXCURSÕES EM AUTOCARRO COM PARTIDAS DE SETUBAL E LISBOA

Madrid	4 dias	1.750\$00
Andaluzia e Costa Cantábrica	9 dias	4.600\$00
Lourdes — Andorra — Madrid	9 dias	4.250\$00
Lourdes — Andorra — Barcelona — Valencia e Madrid	12 dias	5.050\$00
Marracos — Paris — Andorra — Madrid	15 dias	7.600\$00
Paris — Londres e Madrid	16 dias	9.950\$00
Francia — Bélgica — Holanda — Vale do Reno — Suíça e Andorra	20 dias	11.500\$00
Itália Romântica	21 dias	12.750\$00
Espanha — Francia — Suíça — Itália	23 dias	13.950\$00
Suíça — Austria — Hungria — Itália	24 dias	15.000\$00
Suíça — Austria e Itália	24 dias	14.450\$00

Peça-nos programa detalhado
Informações e reservas em:
BELOS TURISMO — SETUBAL
— Av. 5 de Outubro — Telef. 23291 — EVORA — Rua da República — Telef. 24254

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

UMA DIVERTIDA COMÉDIA INGLESA

10 MESES NO CARTAZ

A CASA DOS COMUNS

com Simone, Armando Cortez, Fernanda Borsatti, Luís Alberto, Alda Pinto e Alice Carla à frente dum notável elenco, e a colaboração de Dário Barros e Joaquim Rosa

Todas as noites: às 21.45 horas
SABADOS, 2 SESSÕES: às 20.45 e 23 horas
Domingos, «matinéas» às 16 h. à noite, às 21.45 h.
2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

6.º MES

Grupo D M/ 18 anos

Uma divertida comédia com IRNE e OCTAVIO

SEXO, NUNCA SOMOS 4

RITA NÍCOS

No elenco:
Carlos Duarte, Carlos José Teixeira, Victor de Sousa, Maria Laurent, Mariano Franco, Fátima Miranda e Fernanda Franco

Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SABADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO «Matinéas» às 16 horas e à noite às 21.45 h.

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ» NO TEATRO VILLAREI um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

AMORTECEDORES

Reparo e reconstrução todas as marcas c/ garantia. Mendes — R. Capitão Ramires, 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).

TEATRO DE PARIS-5

AUTOCRÍTICA BRITÂNICA

«HONNI SOIT QUI MAL Y PENSE». de Peter Barnes. Adaptação francesa de Claude Roy. Encenação: Stuart Burge. Cenografia e figurinos: John Napier. Coreografia: Eleanor Fazan. Interpretes: Maurice Teynac, Hubert Deschamps, Pierra Bertin, Raymond Gerome, Patrice Alexandre, Françoise Christophe, Claude Rich, Alain Mottet, Catherine Rich, etc. Produção de Alain de Leseleuc e Lars Schmidt. Théâtre de Paris.

Um dos maiores êxitos da temporada parisiense atravessou o canal da Mancha e insere-se naquele tipo de teatro que sendo comercial (no sentido, de poder congregar vários públicos) não deixa de conter motivos de interesse, embora parte desse interesse tenha mais a ver com o tema tratado, e com o perfume de escândalo que dele se evolva, do que do resultado final desse tratamento (caso de «Adriano VII», embora a peça de Barnes vá muito mais longe na exploração crítica do pretexto cómico).

Dois nomes prestigiosos ligados a este espectáculo: o do escritor Claude Roy e o do actor Claude Rich. Vejamos de que maneira a sua presença se justifica na ficha de «Honny soit qui mal y pense».

Desde a primeira cena, a peça de Barnes adopta um tom abertamente satírico. Trata-se de pôr em causa a alta sociedade britânica (o «establishment» propriamente dito), com os seus vícios, as suas taras, as suas ruínas, sem, no entanto, esgravatar tão fundo que a caricatura possa pôr em causa os seus inamovidos fundamentos.

O prólogo constitui uma cena modelar como amostragem ao mesmo tempo do chamado humor britânico e do tom da peça: o 13.º duque de Gurney, primo de Sua Majestade, sozinho em palco faz um brinde: **A Inglaterra construiu o maior dos Impérios não pela força das armas ou da inteligência, apenas porque bastou aos ingleses estar lá. Ouve-se o God save the king.**

A cena muda para o quarto do duque. No centro, uma cama imponente com o respectivo brasão e muitas figuras de mulheres nuas. O duque despe-se ajudado pelo criado. O duque é juiz. Todas as noites, treina-se como uma espécie de ginástica, aos enforcados. Para isso tem uma colecção de laços onde enfia o pescoço para sentir as voluptuosas sensações da morte que ele próprio impõe aos outros. Mas nessa noite qualquer coisa funciona mal, a escada escapa-se, e eis o duque enforcado como um qualquer criminoso.

Cena macabra e burlesca, define a concepção barroca do teatro inglês em que a peça se inscreve.

Morto o duque, surge o problema da herança, que vai, inteira, para o filho, Jack, 14.º duque, o que escandaliza fortemente a restante família, incluindo o

bispo Campon. É que há um pequeno problema com o novo duque: não regula lá muito bem da cabeça. E-lo que surge, vestido como um padre franciscano, supostamente regressado de uma comunidade religiosa, mas de facto evadido de uma clínica particular onde estava internado. O duque começa por impor à família uma pequena oração em que diz com uma candura

Por
CARLOS PORTO

sido brutalmente rejeitado pelos pais quando tinha onze anos, ou seja: **Jack fora enviado para uma comunidade bárbara de diplomatas e condecorados!** Por outras palavras: para Eton, a melhor escola inglesa!

O médico explica ainda: **É necessário compreender**



formidável: **Orai. Vós falais a Deus. Exprimi os vossos desejos. Não temais porque já os conheço. Eu sou o Criador e o Mestre do Universo, Khoda, o único Ser Supremo, o Ser Infinito (...)** Sim, o Primeiro Imutável que deu ao mundo movimento, fui eu. Sou o Ser Eterno absolutamente perfeito. Sou o Senhor dos hospedeiros, o Rei dos Reis, o Senhor dos Senhores, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, o único Deus verdadeiro, o Deus do Amor, o «Naz».

O duque é, portanto, um paranóico esquizofrénico. Pior do que isso: **É um Gurney paranóico e esquizofrénico que se crê Deus.**

Na opinião do médico que o trata, a perturbação de Jack deve-se única e simplesmente ao facto de ter

a estranha situação do duque que faz dele um caso bastante interessante. Tem a mania das grandezas. É duque e par do reino, aristocrata britânico. Não podia deixar de pensar que só havia mais alguém acima dele: o próprio Deus.

Escusado será acrescentar que o médico não é inglês!

Um diálogo saborosíssimo, por vezes de uma irreverência cáustica, faz da versão de Claude Roy uma sátira que não falha as setas envenenadas: **A Inglaterra é uma ilha imaginária submergida ao regime dominante dos ventos do quadrante Oeste. Uma caganita de mosca no mar do Norte, um país sem importância cósmica, na minha opinião. Acabou-se!**



Temos, pois, de um lado o duque perfeitamente incapaz, embora inofensivo, herdeiro de um nome da primeira nobreza e de uma colossal fortuna (essas coisas são correspondentes, não é?); do outro lado, os tios, incluindo o bispo, que cobicam sobretudo a fortuna.

— Como sabe o duque que é Deus?

— É muito simples. Quando rezo a Deus, verifico que estou a falar a mim mesmo.

Simplesmente, o duque não é tão louco que assine

arranjar alguém que finja ser Marguerite Gautier, o que, aliás, não é difícil: não tem Sir Charles uma amante que até é actriz? E ainda necessário conseguir a cumplicidade do médico, o que também é viável: nesta peça tudo se compra, tudo se vende.

O bispo celebra, pois, o casamento de acordo com as necessidades da família.

A maternidade de Grace vem dar novas esperanças. O médico resolve, antes de o internar, fazer uma nova

criado da família, e uma das mais curiosas personagens da peça, que é preso, acusado pelo próprio duque. Tucker, aliás, preparava-se para fugir, levando os bolsos cheios de talheres de prata (simples recordações) e na mala três livrinhos estranhos: «O Estado e a Revolução», «A Revolução permanente», «O Pequeno Livro Vermelho». Algemado, o criado ainda pode gritar: **Excrementos da sociedade, fazeis-me esta patifaria porque eu sei muitas coisas.**

O duque revela sintomas cada vez mais evidentes de perigosidade, começa mesmo a falar com sotaque germânico! Na última cena, estamos em plena Câmara dos Lordes. Bonecos de tamanho natural, cobertos de teias de aranha, e, entre eles, dois ou três actores quase com o mesmo aspecto. Aqui o espectáculo pratica um corte mais fundo em que a realidade nos surge com uma imagem de horror e de grotesco. No epílogo, vemos o duque, doutra vez transformado em «Jack, o Estripador», e já depois de ter ocupado o seu lugar na Câmara, onde defende o implacável castigo dos prevaricadores, esfaqueando a mulher.

São várias as leituras que se podem fazer deste texto que chega, por vezes, a ser brilhante. O espectáculo é semi-francês, semi-britânico, pois tanto a encenação como o dispositivo cénico pertencem ao espectáculo original inglês. O encenador sublinhou mais os aspectos paródicos do que os aspectos críticos do texto, mas a utilização de alguns sinais, quase ferozes, ajuda a criar a atmosfera «barroca» que define a peça.

A interpretação é naturalmente dominada por Claude Rich, num papel feito à sua medida. Marcando perfeitamente a ambiguidade que caracteriza a personagem, não se chega a saber onde acaba a sua loucura e começa a sua lucidez, o que é nela falso ou autêntico, o que é real e fantástico. Com uma colocação de voz admirável, Claude Rich consegue um trabalho realmente excepcional. Catherine Rich, sua mulher, foi para mim uma revelação na personagem de Grace, a que dá a necessária ambivalência. Aliás, o nível geral é bastante satisfatório com relevo para Hubert Deschamps no papel do criado, bem como Raymond Gerome, Pierre Bertin e Françoise Christophe. (1)

(1) A noticia-se que este espectáculo virá a Lisboa na próxima temporada integrado no habitual Ciclo de Teatro Francês.

experiência no duque. A criança nasce: o duque deixa de pensar que é Deus. Tem-se, agora, por Jack... o Estripador!

Chegou a altura de o internar e de lhe apanhar a fortuna. Contudo, os médicos não estão de acordo, e Grace também recusa o internamento do marido.

Curiosamente, a evolução do duque leva-o a defender ideias retrógradadas: **Já não há nada de sagrado, mas o carasco é o cimento da sociedade, o símbolo do Grande Castigador, num mundo que repousa na punição e na morte.**

A primeira vítima de Jack é a própria tia que ele apunhala como se fosse Jack, o Estripador e ela uma prostituta do século XIX.

Contudo, é Tucker, velho

Uma inglesa nervosa em "Domingo à Noite"

A vedeta estrangeira do «Domingo à Noite», gravado quarta-feira, no Maria Matos e que chega, hoje, junto dos telespectadores foi uma inglesa nervosa de gestos abundantes que cantou acompanhada pelo conjunto de Thilo Krasman. Ainda que o público (habituado?) não regateasse aplausos à vivacidade de Penny Lane (é este o seu nome artístico) ela não ultrapassou o trivial de uma voz adaptada ao jeito do romantismo com umas «popices» à mistura.

«Durante um certo tempo fui considerada uma pop-singer mas resolvi enveredar por um estilo mais maleável», disse a mulher que usa o nome de uma das canções dos Beatles. Para quê?

Talvez por uma questão de oportunismo comercial. Apesar de não ser, de maneira nenhuma, uma «star» da canção, pelo menos já conseguiu um programa semanal da TV inglesa.

Entre o elenco convidado figurava uma outra subdita do reino de Sua Majestade Isabel.

No entanto não tivemos oportunidade de confirmar os dotes de Ester Philips rotulada «cantora de Jazz». Ficámos na dúvida se não seria esta atracção a limpa nódoas do «Domingo à Noite». Mas paciência... enquanto há vida a esperança nunca morre.

O RESTO: POUCO MAIS OU MENOS:

Tirando a inglesa que ria no



palco do Maria Matos por tudo e por nada e o incidente da outra inglesa que não veio, pouco mais pano para mangas deu espectáculo. Aliás, o costume. Começou, atrasado como sempre, com a angolana

Lili Tchiumba e o conjunto «Ritmo Africano» na interpretação de umas coisas classificadas de folclore. Certamente adulterado. Depois vieram Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo com outro folclore. Este, dos Açores.

L.F.

“Onda Nueva” na Europa

«Onda Nueva», o ritmo lançado por Aldemaro Romero e que emprestou o seu nome a um dos mais importantes festivais da América do Sul, vem à Europa. Efectivamente, o seu criador acaba de anunciar uma série de espectáculos no Vleho Continente, tendo como escale inaugural Paris: durante todo o mês de Junho, e como promoção do Governo venezuelano, Aldemaro Romero e o seu grupo actuarão na «Torre Eiffel». Depois, e durante toda a primeira semana de Julho, estarão em Barcelona, seguindo depois para Atenas, onde actuarão numa das noites das «Olimpiadas da Canção».

Aldemaro Romero faz deslocar 14 pessoas, entre cantores (6) e músicos (3). Os restantes componentes do grupo são Ro-

salia Zerpa («manager»), Fernando Gonzalez (iluminista), Alejandro Perez (encarregado do som) e ainda Juan Rogers (assistente do director musical).

Recordamos que o «DL» já publicou uma entrevista com Aldemaro Romero, onde o tema tratado foi exactamente a «Onda Nueva», e a aceitação que o novo ritmo teve em todo o mundo.

Já que o agrupamento de Aldemaro Romero tem programada uma série de actuações na Europa (e Barcelona já está no seu roteiro) talvez não fosse despropositado a RTP providenciar no sentido de nos oferecer uma audição desse novo ritmo que «está a invadir todo o Mundo», segundo se diz. Poderíamos ficar a fazer uma ideia.



A família que vem na «onda»

Inglês em Inglaterra

ANGLO-CONTINENTAL SCHOOL OF ENGLISH
(Reconhecida oficialmente)

CURSOS PRINCIPAIS INTENSIVOS
CURSOS PREPARATORIOS PARA EXAMES DE CAMBRIDGE
CURSOS DE VERÃO

CURSOS ESPECIAIS para:
pessoal em Viagem e Turismo,
Secretárias, Executivos, Professores
de Inglês, Funcionários de Banco,
pessoal de Hotel e Restaurante

Documentação pormenorizada das escolas e cursos em Bournemouth, Londres e Oxford sem compromisso para
INTERSCHOOL INFORMATION SERVICE, Ellen F. Broom,
Rua Castilho, 38 - 1.º E. Lisboa, Telef. 45698

INTERLINK School of English
CURSOS INTENSIVOS
CURSOS DE VERÃO

ACSE International School
CURSOS DE FÉRIAS
para menores, 10 — 16 anos

Nome _____ Sr. _____
Rua _____ Sra. _____
Cidade _____ PP11A

engenheiro CIVIL

Pretende admitir organismo oficial em Lisboa. Deve ser apresentado «curriculum vitae».

Resposta a este jornal ao n.º 823.

AFRODITE / ARTE DE FURTAR

STAND 44

MÉDICO

Precisa Hospital Alcácer do Sal, Montepio e Posto Caixa Previdência. Entrada imediata. Possibilidade clínica particular. Informações Telefone 62452, A. Sal.

TÉCNICOS PARA MANUTENÇÃO

Organismo oficial necessita para os seus quadros do seguinte pessoal:

- Agente técnico de engenharia electro-mecânica
- Encarregado geral (electromecânica)
- Electricistas
- Serralheiros
- Canalizadores
- Fogueiros

Local de trabalho permanente: Funchal, Ilha da Madeira.

Resposta detalhada por escrito, para refe. TMF, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, 3.º — LISBOA.

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES · SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A TODOS OS DIAS
MAIORES DE 21 ANOS DAS 15 AS 3 HORAS

SAMANTHA JONES

★ VEDETA DA RADIO E DA TV INGLESA

RUDI HORN "OSCAR" RASTELLI 1973
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

HELENA TAVARES
com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

BLUEBELL GIRLS' SHOW

★

SYDNEY SET **ORPHEU'S QUARTET**
FERRER TRINDADE e sua orquestra

POUPÉE LA ROSE só no WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

O Salão Restaurante está reservado no dia 2 de Junho próximo para o Forex Clube. Por este motivo, os outros clientes serão servidos no «Wonder-Bar», onde às 0,15 se efectua o «show» habitual e à 1,30 se exhibe apenas a artista Poupee La Rose

ESPECTÁCULOS

O TEP (Teatro Experimental do Porto)

TENTA SAIR DO MARASMO

«O Teatro Experimental do Porto está numa situação financeira desesperada. Vive quase exclusivamente do subsídio do Fundo de Teatro que por ora é de 60 contos. Não podemos contar com a quotização, porque o número de associados é baixíssimo. Temos cerca de 1200. Quando assumimos o cargo da direcção a despesa mensal era quase de 90 contos. Isto multiplicado por 8 meses de temporada e ainda acrescido às inúmeras dívidas que vão sendo arrastadas de direcção para direcção, representa um encargo muito grande.» Disse Fernando Martins, um dos actuais directores do T. E. P. que traçou um panorama desolador sobre a situação económica daquela associação teatral nascida em 1953, do impulso de um punhado de intelectuais. Numa cidade onde a vida cultural se define como fraca a criação de um teatro experimental seria a forma de mostrar à população do Porto outro tipo de espectáculos que não fossem os boulevards e as revistas transportadas de Lisboa.

Uma das primeiras preocupações dos corpos gerentes do Círculo de Cultura Teatral onde o T. E. P. está incluído foi uma sensível redução dos gastos na tentativa de caminharem para um equilíbrio entre a receita e despesa.

«Por isso recorremos à dispensa de alguns actores. Até dizíamos por graça que a nossa folha de pagamentos a artistas e técnicos superava a do Nacional. No entanto a caricatura não era assim tão grande. Havia um fundo de verdade nessa imagem. Porém, mesmo reduzindo as despesas é difícil encontrar o equilíbrio na medida em que somos responsáveis pelas dívidas das direcções anteriores.»

Abordámos um dos pontos que puseram o T. E. P. em foco

ainda recentemente, nas páginas dos jornais e revistas: a polémica entre a direcção e o grupo António Pedro liderado pelo espanhol Angel Facio que na época teatral transacta criou uma magnífica encenação da «Casa de Bernarda Alba». Uma controvérsia que deu origem a cartas, manifestos insultos, e ataques verbais.

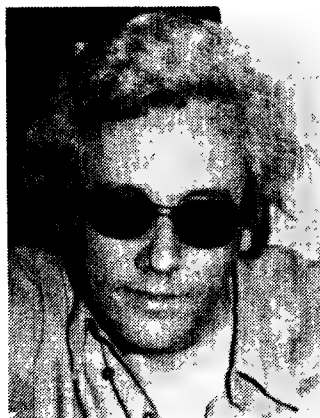
UMA CARTA INSULTUOSA

«Fala-se muito em dissidências no Círculo de Cultura Teatral e diz-se que elas foram o motivo da expulsão do grupo de teatro independente. Ora isso não é certo. Nem sequer houve divergências. A situação económica do T. E. P. era má e não podíamos aguentar outra companhia. A direcção desde logo se apercebeu disso mas

como havia um documento chamado projecto de constituição do grupo de teatro independente assinado pela anterior direcção e uns tantos actores resolvemos, através de consultas junto do advogado, saber qual a legalidade desse projecto. Entretanto numa conversa mantida entre elementos do tal grupo e eu disse-lhes abertamente na altura e em resposta a uma pergunta deles, que o grupo de teatro independente não podia continuar den-

cariamos responsáveis pela dívida. Todavia a direcção não podia aceitar o nome de António Pedro para o grupo. Aí a nossa posição era irredutível. E porquê? Como toda a gente sabe o nosso teatro de bolso já se chama António Pedro. Pretendíamos evitar confusões porque mais tarde ou mais cedo o grupo seria dissolvido.

Uma primeira carta do grupo de teatro independente chega às mãos da direcção do T. E.



José Cayola, o encenador de «O Espertalhão»

tro do T. E. P. E mais: avisei-os de que procederíamos à sua dissolução quando nos sentíssemos suficientemente apolados no aspecto legal».

Uma circunstância precipitou o desenrolar dos acontecimentos. A partir daí clarificaram-se as posições de ambas as partes.

«Algumas das pessoas do grupo de teatro independente vieram ter comigo dizendo que precisavam de certa importância para levarem à cena o espectáculo que preparavam (aquele que apresentaram posteriormente) e afirmando que haviam escolhido para o seu grupo o nome de António Pedro.

Decidimos que não tínhamos dinheiro para lhes dar. Pois claro. Estávamos a tratar com de. Até lhes pedimos para arranjar a quantia mediante um empréstimo que, depois, nós fi-



Alcino de Sousa, membro da direcção do C.C.T.

P. A partir daí desenrola-se uma troca epistolar que dava para publicar um livro.

«Eles dizem que a direcção não tinha nada que se pronunciar sobre o nome do grupo. A atitude deles estava tomada e limitavam-se a uma mera informação».

A direcção «desrespeitada e desobedecida agiu imediatamente. Corta o mal pela raiz...»

«Decidimos dissolver o grupo. Eles enviaram-nos uma carta subscrita por todos os elementos que a direcção considerou como insultuosa. Então ao abrigo dos estatutos resolvemos demitir de sócios do Círculo de Cultura Teatral aqueles que assinavam a carta. Em seguida eles publicaram (nos jornais) um manifesto que não correspondia à verdade e nós, ao abrigo do direito de resposta, refutámos as acusações que nos foram dirigidas. Mais nada. Evidentemente que tudo isto provocou discussão na imprensa».

QUEBRAR O MARASMO DO CÍRCULO

A propósito do «insucesso» do espectáculo «pela Boca Morre o Peixe» dirigido por Angel Facio, os dirigentes do T. E. P. expõem as suas considerações fúnebres.

«Acreditávamos no Facio e lamentamos o seu fracasso. Há tão poucas companhias de teatro que se propõem fazer espectáculos válidos que o insucesso comprometedor da subsistência de mais um grupo não nos pode deixar indiferentes.»

Que propõe a actual direcção do T. E. P. para sair do impasse artístico em que está neste momento?

«Pensámos que era tempo de acabar com o vício de se continuar a viver à sombra de um grande êxito obtido pelo T. E. P. com «A Casa de Bernarda Alba», numa brilhante encenação de Angel Facio. O C. C. T. deixara-se adormecer à sombra dos louros e nada mais fizera a partir de então. Quisemos quebrar o marasmo em que o Círculo havia caído. Por isso pusémos imediatamente em cena uma peça que talvez não fosse bem aquilo que desejávamos mas contendo o mínimo de qualidade in-

dispensável para o prestígio do T. E. P.»

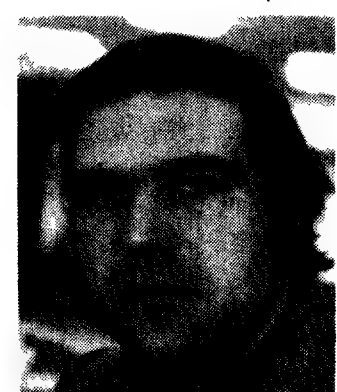
Apresentaram «O Espertalhão», de Angelo Beloco (um italiano do séc. XVI), encenada pelo José Cayola, que parece não ter alcançado grande sucesso.

«Atacaram-nos com os argumentos de que o original estava ultrapassado. Em boa verdade não sabemos até que ponto isso é equivalente à verdade. Por acaso essa peça até está presente em cena em Paris e foi motivo de um número especial do «Avant-Séne». Para além do mais, os «Boncrellos» montaram também esse espectáculo e com um êxito que se equipara ao nosso.»

Todavia o T. E. P. montou um outro espectáculo, que possivelmente trará a Lisboa com o de José Cayola. Uma encenação de Júlio Castronuovo sobre «As Vítimas do Dever» de Ionesco.

«Não temos qualquer dúvida em afirmar que «As Vítimas do Dever» constitui um motivo de orgulho para o C. C. T. Um espectáculo muito digno.

Mas nós não queremos só apresentar espectáculos. Assim, entendemos que seria útil dirigirmo-nos para outro tipo de acção. Dentro desta linha já promovemos seis colóquios. Num deles aproveitámos a presença no Porto de algumas companhias vindas de Lisboa, inclusivamente a da brasileira Ruth Escobar. Com os princi-



Fernando Martins, vice-presidente do C.C.T.

pais responsáveis dessas companhias discutimos os seus espectáculos. Pusemos em questão a gente de teatro numa postura de isenção pois também abrimos a discussão para os trabalhos que temos apresentado. Porém tivemos um desgosto porque as pessoas que criticavam «O Espertalhão», nos cafés e aqueles que, durante o espectáculo o patearam não tiveram a ombridade de vir junto de nós fazer, directamente, a crítica à peça de Ruzante segundo a nossa versão».

OS CEM ESPECTÁCULOS DO T. E. P.

Mas concretamente qual a linha teatral traçada pelo T. E. P.?

«Pretendemos essencialmente servir o teatro da melhor

maneira dentro das limitações existentes. Como é evidente o nosso desejo seria fazer teatro de vanguarda, desbravar os caminhos que ainda estão fechados ao teatro em Portugal. No entanto não convém afastarmo-nos da realidade: esquecer que somos uma companhia subsidiada e o escasso auxílio que as autoridades do Porto dão à única companhia permanente do Norte e Centro do país. Gostaríamos de levar o teatro aos lugares mais recônditos, aos meios rurais, que não têm acesso a manifestações culturais válidas.

Daí a nossa recente preocupação em fazer montagens fáceis que tanto possam ser representadas numa sala vulgar como numa eira ou no adro de uma igreja. Estamos a tentar conseguir um subsídio que nos permita realizar essa importante tarefa de divulgação cultural através do teatro. E um facto que as dificuldades surgem a cada passo e por vezes nos causam sombras de desânimo».

«As Vítimas do Dever» são o 98.º espectáculo do T. E. P. Qual será o nonagésimo?

«Ainda esta época temos ideia de apresentar uma representação do mimodrama a cargo de Júlio Castronuovo. Trata-se do espectáculo que ele levou à cena, em Barcelona e Madrid, e que teve as melhores referências da crítica espanhola».

Para a época de 73/74 qual o vosso programa?

«Em Outubro próximo teremos o nosso centésimo espectáculo. Isto será assinalado como acontece em todas as companhias do mundo. O acontecimento a nível nacional merece celebração condigna. Vamos comemorar a efeméride. Para tal preparamos celebrações de grande nível nas quais estão incluídas uma exposição retrospectiva da actividade do C. C. T. um ciclo de colóquios, um congresso de críticos de teatro, uma homenagem pública a António Pedro a que deve associar-se a C. M. P. que vai dar o nome do mestre a uma artéria da cidade.

Por outro lado faremos um espectáculo único no palco de uma das principais casas de espectáculo do Porto onde apresentaremos um repertório de cenas das principais peças do T. E. P. ao longo dos seus 20 anos de existência. Para isso já contactámos os actores das diferentes épocas e muitos deles anuíram a estar presentes no espectáculo. Paralelamente estaremos a preparar uma outra peça que será um original português».

LOURDES FÉRIA

CORREIAS — MANGUEIRAS — COLAS

GOODYEAR

MELHOR QUALIDADE

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CANELAS & FIGUEIREDO, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 46 — LISBOA — Telef. 866116

ANDARES

2 e 3 casas assoalhadas, alcatifadas, forradas a papel, acabamentos de luxo, aquecimento eléctrico.

DESDE 240 CONTOS

FACILIDADES ATÉ 10 ANOS

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

junto à placa da Flamenga



Sociedade Portuguesa de Obras de Construção, S.A.R.L.

Rosrio 74-3º telr. 35438-35521-366257 LISBOA

INFORMAÇÕES NO LOCAL — LOTE 6 — TEL. 2531002

1 SEMANA LONDRES

SÓ **abreu**

LHE OFERECE ESTAS VANTAGENS:

- 1) PARTIDAS AOS DOMINGOS (TODOS OS DOMINGOS ATÉ OUTUBRO)
- 2) MODERNOS JACTOS «TRIDENT»
- 3) CHEGADAS E PARTIDAS AO AEROPORTO CENTRAL DE LONDRES (HEATHROW)
- 4) MELHORES PREÇOS
- 5) A TRADICIONAL QUALIDADE **abreu**

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

FUNDADA EM 1940

LISBOA — Av. Liberdade, 160
Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207
Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Seta, 2
Telef. 27001/27002

Vende-se apart. 5 divisões, Rua do Sol ao Rato, enorme terraço, resp. ao n.º 821.

DESPORTO

...A duas jornadas do fim do presente campeonato, e independentemente dos resultados que venha a conseguir, uma certeza têm os adeptos «azuis»: a sua equipa de honra tem desde já lugar na disputa da próxima «Taça U. E. F. A. E o contacto internacional e oficial que volta para as boas gentes do Restelo, o justo prémio para o trabalho desenvolvido pela secção de futebol do clube.

Voltar à «Taça U. E. F. A.» representa muito para o clube de Belém: para além da garantia de (pelo menos) uma receita muito agradável no jogo que lhe caberá efectuar no Restelo, é o seu nome projectado por essa Europa fora, que não raro reclama a presença de equipas portuguesas para jogos particulares. Embora de outra forma, é dinheiro que se semeia e pode vir a dar bons frutos...

Foi brilhante (a todos os títulos) a carreira de «Os Belenenses» esta época. Sofrendo as consequências de um trabalho de renovação que só lhe emprestou grandeza e robustez, a turma do Restelo veio a conseguir, este ano, aquilo por que aspirava há muito: um lugar entre os maiores do nosso futebol e a consequente presença na corrida europeia.

Certo que a equipa da Cruz de Cristo contou com alguma sorte na disputa deste campeonato que está quase na hora de encerramento: a sorte de ter ressuscitado no exacto momento em que outras (igualmente do primeiro plano) sofriam crises graves de forma, cedo deixando de concorrer para o título. No entanto, a posição agora ocupada pelo conjunto de Scopelli foi cavada com o esforço próprio, não tendo beneficiado de terceiros: ele foi simplesmente admirável na conquista dos pontos indispensáveis para assegurar um lugar no «comboio» do velho continente.

Não chegou (nunca) a regatear com o Benfica o lugar cimeiro da classificação: mas, logo a seguir ao campeão antecipado, foi a que durante a época revelou maior regularidade, sossobrando apenas (claramente) no confronto com o guia do torneio maior. Em todos os outros jogos, «Os Belenenses» souberam impor a disciplina do seu futebol, amalhando os pontos necessários para agora respirarem tranquilamente.

O Belenenses está já na «Taça U. E. F. A. - 73»: que a sua presença não seja efémera e que o sorteio lhe seja favorável, são os votos de todos os portugueses, pois que a alegria do azul das suas camisas bem merece passar por fora das nossas fronteiras.

A RENOVAÇÃO

Foi há menos de um ano que se anunciou a reviravolta no futebol belenense: desde há muito que a sua equipa principal não correspondia aos anseios da massa associativa, não conseguia amellar os êxitos necessários para classificar o clube na zona a que, por direito, tinha lugar. Há um ano, novos homens decidiram tomar conta da grande nau azul e projectá-la para o primeiro plano nacional. Foi o major Baptista da Silva quem decidiu tomar sobre os seus ombros a indispensável tarefa de

renovação, tendo chamado (na circunstância) um homem de futebol para a concretizar.

Ao princípio, houve quem duvidasse da capacidade actual de Scopelli, um nome desde sempre ligado ao futebol: falava-se da sua idade e da lei que tenta afastar do mundo dos válidos os homens com mais de 50. Mas, contra a ideia de alguns, Scopelli veio e aceitou a tarefa: e não pediu muito. Apenas algum tempo que «material humano» tinha-o ele. Quem duvidava da sua (actual) capacidade, sorriu incrédulo: pois, seria possível, com os mesmos jogadores, conseguir a tão almejada reviravolta? Seria possível, com os mesmos Ernestos, Laurindos e Godinhos, levar a turma ao lugar por todos sonhado e nunca alcançados?

À interrogação, respondeu Scopelli com trabalho: chamando a si um excelente operário de campo Peres Bandeira, começou a trabalhar em silêncio: os frutos acabariam por mostrar a todos que a razão estava com ele. Para reforçar o «onze» principal foi a Tomar buscar Calado e à América do Sul um extremo esquerdo denominado Gonzalez. Com o conjunto trabalhado e como nunca dantes unido, os sucessos começaram a chegar num ritmo impressionante. Que fizeram calar quem ao princípio sorria-



Scopelli e Peres Bandeira: a dupla dos comandos

OS FRUTOS

Mercê da excelente época no campeonato nacional, o clube do Restelo começou já a colher os frutos da aplicação do investimento processado na renovação: esta semana esteve em França e no final da época viajará pelo Atlântico, rumo ao Canadá. O major Baptista da Silva revela pormenores:

«Como todas as grandes equipas, também o Belenenses tem necessidade de procurar, extra-fronteiras, aquilo que no plano nacional não consegue: amellar divisas que possam recompensar (um pouco) o investimento que fizemos no princípio da época. Nesse sentido, tivemos ocasião de receber diversas pripostas, que foram devidamente estudadas pela direcção do clube. Na posse de todos os dados, resolvemos aceitar não aquela que melhores condições oferecia, mas sim a que nos propunha um roteiro sentimental de bastante apreço. Contrariando a lei infalível da verdade dos números, acabámos por aceitar visitar, no final da presente temporada, os muitos portugueses que labutam no Cana-

Reportagem
por
ORLANDO DIAS
AGUDO

O BELENENSES NA HORA EUROPEIA



Qual o segredo desse triunfo? Scopelli não esconde a verdade:

«O êxito do Belenenses depende apenas e só do processo de organização imposto no sector do futebol, da responsabilidade atribuída a cada sector, e à consciência de todos quantos estão ligados ao futebol profissional do Belenenses. Numa palavra: todos encararam a sua missão com aquela seriedade indispensável para se alcançarem os objectivos previstos. Verdade, também, que 90 por cento do sucesso azul se fica a dever aos jogadores que cada domingo emprestaram o melhor do seu esforço para o resultado ser positivo. Quase no final da temporada, sabe bem dizer que todos souberam cumprir!».

SATISFAÇÃO EM VEZ DE EUFORIA

Peres Bandeira foi, durante toda a época, o operário de campo do «marechal» Scopelli, o homem que soube interpretar fielmente as ideias do «velho» senhor e conduziu os rapazes da camisola azul a uma preparação física invejável. Um «segundo» no quadro de técnicos, que esteve (todavia) sempre de braço dado com o «primeiro». São dele as seguintes palavras:

«O lugar que ocupamos, naturalmente que nos é bastante honroso. Há muitos anos que a turma do Restelo não se classificava tão bem, não dava tanta alegria aos seus sócios e simpatizantes. No entanto, não estamos eufóricos: estamos, isso sim, satisfeitos por termos cumprido cabalmente o nosso dever. Tivemos um grande «capitão» chamado Scopelli: foi ele o renovador do futebol belenense, o homem que elaborou e pôs em prática todo o esquema que nos conduziu a este excelente resultado».

MOURINHO: UM CASO

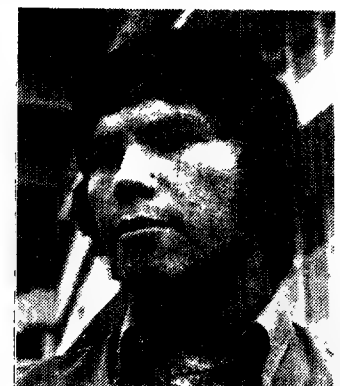
Já o deixámos escrito: na turma do Belenenses que acaba de conquistar um lugar no futebol europeu não há vedetas de primeiro plano, nem jo-

gadores fora do normal. Isto é: dentro da bitola do excepcional. Terá sido este, aliás, um dos grandes trunfos da equipa que, sabedora desta verdade, sempre soube jogar em conjunto, procurando cada qual cumprir com a sua missão

Luz. A propósito, julgo que terá interesse referir que, apesar disso (e ao contrário do que muita gente julga) não foi o ataque do Benfica aquele que mais trabalho me deu: dantes, quando o Benfica não era este Benfica, os seus avançados re-



Calado e Gonzalez: os reforços desta época



Quaresma, o «capitão»



Mourinho, o veterano

dentro do esquema traçado. Disso, nos dá prova o próprio «capitão» Quaresma: «O nosso grande segredo, em campo, foi a entrega total de cada um de nós. Cada jogo era um desafio que propunhamos a nós próprios. Desse espírito, nasceu o somatório de pontos que nos vai levar, agora, ao contacto com o futebol europeu».

Uma equipa sem vedetas, mas uma equipa com elementos «tradicionais». Como Mourinho, o guarda-redes que se internacionalizou no Brasil, pela mão de José Augusto:

«Gostei de ter cumprido esta época ao serviço do Belenenses. Foi uma temporada cheia de boas recordações, se esquecer aquela tarde negra na

matavam dez ou vinte vezes para alcançarem três ou quatro golos. Agora, isso não acontece: a verdade é que o ataque do Benfica desce até às balizas adversárias umas cinco ou seis vezes (apenas) para marcar os mesmos três ou quatro golos. Ora isso não é dar trabalho a um guarda-redes. Assim considero que os ataques que mais trabalho me deram esta época foram os do F. C. do Porto e o do Vitória de Setúbal. Esses sim, deram-me bastante que fazer. Quanto ao avançado de que tenho piores recordações (no bom sentido, evidentemente) esse terá de ser, forçosamente, Eusébio».

Belenenses na hora europeia: pois que o relógio não se atrase...



PEDRO GOMES: secretário

MINISTÉRIO
DAS COMUNICAÇÕES

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil

REPARTIÇÃO DE PESSOAL,
EXPEDIENTE
E CONTABILIDADE

CONCURSO PÚBLICO
N.º 5/73

PARA ARREMATACÃO DA
EMPREGADA DE «PRO-
JECTO E CONSTRUÇÃO
DA AEROGARE N.º 2
(1.ª FASE) DO AEROPORTO
DE LISBOA»

Depósito provisório: Esc.:
11 250 000\$00.
Prazo de apresentação das
propostas: 120 dias.

Alvarás exigidos aos concorrentes:

- 1.ª Categoria ou
- 2.ª Qualquer subcategoria da 1.ª Categoria abrangendo a solução proposta e classe correspondente ao valor apresentado para a efectivação da empreitada geral.
- 3.ª Os trabalhos relativos a instalações eléctricas deverão ser levados a efeito por outras empresas titulares de alvarás de classes correspondentes ao tipo de instalações que forem propostas e que cubram o valor dos trabalhos respectivos, mas de cuja coordenação o adjudicatário da empreitada geral será responsável.

Locais de consulta do processo:

Sede: Avenida da Liberdade, 193 Lisboa.
Direcção do Serviço de Obras: Avenida Sidónio Pais, n.º 8-5.º e nas instalações da Direcção do Serviço de Obras do Edifício n.º 4 do Arruamento B no Aeroporto de Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de cento e vinte dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas do expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 1 de Junho de 1973.

O DIRECTOR-GERAL.

ass.) Eng.º Victor Veres

SINDICATO DOS JOGADORES Eleições amanhã

A partir de amanhã, o Sindicato Nacional dos Jogadores Profissionais inicia o seu período regular de vida, uma vez que é eleita a primeira Direcção, constituída por Artur Jorge, Pedro Gomes, Simões, Barnabé e Almeida. Até aqui, o Sindicato tem sido gerido por uma comissão directiva, de que faziam parte, quase na sua totalidade, os indigitados para o próximo exercício anual.

A votação decorre na Rua da Palma, 278 - 2.º, estando a urna aberta para votos das 9 às 12 e das 15 às 19. A lista única proposta à votação inclui os seguintes elementos:

Assembleia geral — António Fernando Rodrigues BERNARDO (presidente); AGOSTINHO Vieira de Oliveira (1.º secretário); José ROLANDO Andrade Gonçalves (2.º secretário); António da Silva Lopes (RENDIÃO), (presidente suplente); Fernando Jorge da Costa MADEIRA (1.º secretário suplente) e ADRIANO Fernandes Tato (2.º secretário suplente).

Direcção — ARTUR JORGE Braga de Melo Teixeira (presi-

dente); Manuel PEDRO GOMES (secretário); António SIMÕES Costa (tesoureiro); João Pedro BARNABÉ dos Santos (1.º vogal); João Luís Pinto de ALMEIDA (2.º vogal); Vítor Manuel DAMAS de Oliveira, Joaquim Lucas Duro de Jesus (QUINTO), António José da Conceição Oliveira (TONI); José Joaquim FAGUNDES e Silva; OCTAVIO Joaquim Coelho Machado — todos suplentes.



SIMÕES (tesoureiro) e ARTUR JORGE (presidente): dois cidadãos cosmopolitas do futebol, na Direcção do seu Sindicato

VOLTA À FRANÇA

Delineado o percurso

O trajecto definitivo da Volta à França em 1974 não está ainda inteiramente decidido, mas já se conhecem as suas grandes linhas.

O prólogo — 10 km contra-relógio individual — decorrerá em Brest, no dia 29 de Junho. No dia 30 os corredores lançar-se-ão na primeira etapa de que levará de Brest a St. Pol-de-Leon, de onde alcançarão de avião Plymouth, onde decorrerá em circuito fechado a segunda etapa. A terceira será de St. Pol-de-Leon a St. Malo. A «Volta» tomará depois a direcção do Norte da França, através da Normandia, antes de se dirigir para os Alpes passando pelo Leste. Depois seguir-se-ão os Pirinéus e a grande avançada até Paris, depois dum pequeno desvio a Nantes do dia 19 de Julho. A chegada a Paris será no dia 2 de Julho.

A corrida será por equipas de marcas.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE PROPAGANDA MÉDICA

Av. Miguel Bombarda, 96 - 1.º Dt.º — LISBOA

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL CONVOCAÇÃO

De harmonia com o preceituado no Art.º 31.º e em conformidade com o estabelecido no n.º 4 do Art.º 25.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato Nacional dos Profissionais de Propaganda Médica, a reunir no próximo dia 16 de Junho de 1973, pelas 14.30 horas, na Sede do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa, Av. da República, 29, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — Despedimentos
- 2 — Delegados Sindicais e Vogais à Comissão Corporativa
- 3 — Congresso da Previdência
- 4 — Texto definitivo do C. C. T.

Não havendo à hora indicada número legal de associados, a Assembleia reunirá em 2.ª convocação, uma hora depois com qualquer número de sócios, de acordo com o estabelecido no Art.º 33.º dos Estatutos.

Para facilidade de identificação, e consequente admissão à Assembleia todos os associados deverão ser portadores da Carteira Profissional, revalidada.

Lisboa, 1 de Junho de 1973.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) Guilherme Fernando Almeida Moreira

O dr. Valadão Chagas no Norte do País

O dr. Valadão Chagas principalmente uma visita a diversas regiões do concelho do Porto, que se prolongará pelos dois dias seguintes. Trata-se da primeira visita oficial ao Norte depois de recentemente investido das funções de Secretário de Estado da Juventude e Desportos.

O dr. Valadão Chagas deslocar-se-á às instalações desportivas de numerosos clubes do Porto e arredores, bem como a escolas comerciais e industriais e liceus.

Amanhã, o Secretário da Juventude e Desportos principiará a série de visitas às 9 e 30, à Casa do Desporto, seguindo depois para a sede da Associação de Futebol, Centro de Medicina Desportiva, terrenos da Casa do Desporto, Estádio do Bessa, terrenos para

o pavilhão do Sport, Estádio Universitário, Fluvial (piscinas), posto náutico do Sport e posto náutico do Clube de Vela Atlântico.

De tarde, visita o Centro de Juventude do Liceu de Matosinhos, Liceu Nacional e Escola Comercial e Industrial da mesma vila, Estádio do Mar (pavilhão do Leixões), terrenos do pavilhão de Pedras Rubras, terrenos para o pavilhão da Atletica do Telheiro, terrenos para o pavilhão da Atletica de Aguiar e jantar de aniversário da Federação de Voleibol.

No dia 5 (terça-feira) às 9 e 30, visita à Escola de Instrutores de Educação Física (Liceu D. Manuel II), Liceu Carolino Michaelis, campo de jogos do Sagueiros, Liceu António Nobre e Académico Futebol Clube.

De tarde (15 horas) visita ao terreno para o pavilhão do

Sporting Clube Vasco da Gama, ao complexo desportivo do F. C. do Porto, terrenos para o pavilhão do Vigorosa, visita aos terrenos para o pavilhão da Câmara Municipal de Valongo (Ermesinde), pavilhão ginon-desportivo da C. M. de Valongo (em Valongo), Instituto do presidente Sidónio Pais, ao Lar dos Alunos do Instituto Comercial do Porto e jantar-convívio no Liceu Garcia de Orta.

Na quarta-feira (dia 6) as visitas do dr. Valadão Chagas iniciar-se-ão igualmente às 9 e 30, começando pelo Campo de S. Félix da Marinha, Vilanova, Escola Comercial e Industrial de Gaia, F. C. de Gaia, Liceu Nacional de Gaia, F. C. de Avintes, F. C. de Oliveira do Douro e pavilhão do BPM. Às 14 e 45, almoço e às 15 e 20, regresso a Lisboa, com partida de Pedras Rubras.

CHILENO NO R. MADRID

O avançado centro do Colo-Colo (do Chile) Caszally alinha na próxima época pelo Real Madrid — anunciam dois diários desportivos madrilenos, «Marca» e «As».

O primeiro, afirma que Caszally partirá para Madrid logo que esteja decidida a «final» da Taça dos Libertadores da América, que o clube chileno vai disputar com a Independiente, de Buenos Aires.

O «As», por seu turno, assevera que o Colo-Colo pede pelo jogador 240 mil dólares, mais 25 mil para Caszally, a parte um ordenado que esteja de acordo com a sua categoria.

Hoje na Tapadinha JUSTA HOMENAGEM A JOÃO MARQUES

Hoje, depois do jogo Atlético-Benfica, vai prestar-se na Tapadinha justa homenagem a João Luís Marques, um nome grande do andebol de sete pela dedicação e carinho que soube emprestar à sua modalidade preferida.

Para quem não conhece esta figura bem popular no Andebol, podemos esclarecer que se trata de um atleta que há 26 anos se entregou ao seu desporto favorito, sempre como puro amador, demonstrando, na sua longa carreira, os mais altos predicados morais, disciplinares e desportivos, o que lhe granjeou a admiração de todos os que com ele privaram, quer fossem directores, colegas ou adversários.

Iniciou a sua carreira no Be-

lenenses, onde se manteve durante 8 anos consecutivos, sempre como figura destacada e considerado um dos melhores «pivots» da sua época. Dali transitou para os Corporativos onde se manteve como jogador-treinador no G. D. da Carris, vários anos campeão durante 4 anos.

Ultimamente, foi jogador treinador da Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés, clube que promove a homenagem em estreita colaboração com «Os Belenenses».

O Festival comportará dois jogos de Andebol de 7 entre a Liga de Algés e o Atlético C. P. para disputa da taça «Jaimé Franco» e entre o C. F. «Os Belenenses» e o «Almada» para a taça «João Marques».

Esgrima: 50 anos em Portugal

Perfazem-se neste 1973, cinquenta anos sobre a data da fundação da Federação Portuguesa de Esgrima.

Cinquenta anos ao Serviço do Desporto, servida por homens que bem merecem que os lembremos, não em saudosismo estéril mas na busca da força que vêm num passado de meio século para a utilizarmos no presente pensando no futuro.

Bem merecia esta efeméride comemoração condigna porém, nem o tempo nem as posses federativas permitem fazer o que era devido e de justiça. Mesmo assim não pode a Direcção da Federação deixar passar em claro este aniversário de festa e de esperança da Esgrima Portuguesa e, com lástima por lhe não poder dar o relevo que bem merece, propõe-se festejá-la com humilde dignidade.

Assim, inscreveu no seu calendário de provas para o próximo dia 16 uma compe-

tição para maiores de 40 anos (prova por eliminação directa a 3 toques) onde espera ver ainda aqueles que tão alto elevaram a esgrima portuguesa, e a todos eles faz apelo para a sua presença, pois ela é a festa que se oferece ao futuro da esgrima, aqueles que agora começam e bem precisam de ver a tradição sempre apontada como caminho.

Em seguida, haverá um jantar de confraternização aberto a todos os esgrimistas e família e que se realizará (assim como a prova) no Grémio Literário.

A Secretaria da Federação e o Grémio Literário ficam à disposição de todos quantos se queiram inscrever e para as informações necessárias.

Entretanto no cumprimento do calendário de provas da F.P.E., realiza-se no próximo dia 9 a disputa da «Taça Carlos Dias» (espada) em homenagem a este atirador olímpico e internacional.

Esta taça recém-instituída pela Federação, destina-se a ser disputada por equipas, ficando na posse definitiva da Sala vencedora em 3 anos seguidos ou 5 alternados. As equipas serão constituídas por três atiradores e um suplente.

As inscrições fecham no próximo dia 5.

Perfumaria
Tires Javares
Rua 1.º Dezembro, 120-A
(a 40 metros do Parque de estacionamento dos Restauradores)

O BENFICA EM FRANÇA

O Benfica e a Agência de Viagens Mercury acabaram de fechar contrato para uma exibição dos campeões nacionais de futebol na cidade francesa de Reims, já na próxima 3.ª feira. O Benfica parte já amanhã para França, de frente o Stade de Reims no dia seguinte e regressa na 4.ª feira a Lisboa. Na imagem: Manuel Barbosa (proprietário da «Mercury») entregando a Jaime Graça um valioso troféu que os benfiquistas conquistaram em terras francesas, por ocasião de outra organização daquela agência de viagens.



MANUEL FERNANDES DE FARO PARA LISBOA

O nome do moço é Manuel Fernandes Domingues, joga futebol no Farense, tem 20 anos de idade e está em vias de justificar a transferência mais falada da época futebolística, depois do «assunto Moinhos» ter sido arrumado com alguns milhares de contos à mistura.

A mim ainda ninguém de outro clube veio perguntar se me quero transferir e quanto dinheiro pretendo. Mas os dirigentes do Farense já me informaram do interesse do Sporting e das negociações em curso. E, no fim de contas, por mim está tudo certo: só quero melhorar em relação ao que ganho no Farense.

Manuel Fernandes alinha no ataque e está a concluir o seu primeiro ano como profissional, portanto ainda sem revelar, totalmente o que poderá render num campo de futebol de primeira categoria. Mas os entendidos (no caso a crítica, os treinadores e encarregados de contratar elementos para os grandes clubes) já viram o suficiente. Por isso, não tardou que do Sporting (primeiro) e agora (também) do Benfica chegassem as propostas de mudança. Os dirigentes dizem que não, aos jornalistas, dizem que sim, ao jogador. E este confirma as negociações, além de acrescentar:

Vou para melhorar. Comparando o que se ganha nos clubes grandes qualquer mudança será vantajosa. Mas não se pense que estou mortinho por sair do Farense. Nasci em Vila Real de Santo António, estou perto da minha família e dou-me bem por cá. A profissionalização surgiu porque me acharam com valor para jogar futebol. Assim como me senti com capacidade para triunfar no Farense, abandonando os estudos no sexto ano industrial, também julgo que posso triunfar num clube maior. É só dar tempo ao tempo.

Aos 14 anos, Manuel Fernandes ingressou nas escolas do Lusitano de Vila Real de Santo António. Cedo chegou a senior, ainda com idade de junior. Actuou dois anos na equipa principal do clube da sua terra,

formando a linha dianteira com Piloto (do Barreirense), Vasques (do Atlético) e Almeida (contratado recentemente pelo Farense e de quem se dizem também maravilhas nos círculos futebolísticos algarvios). No Farense tem jogado de um lado e outro do ataque.

Quando Manuel Oliveira era o treinador explica Manuel Fernandes costumava jogar como extremo-direito; agora entro mais do lado esquerdo. Do que eu gosto é jogar na frente, seja na direita, na esquerda ou no centro. Mas tem que ser solto, com possibilidades de correr toda a zona da frente. Não gosto de lugares fixos e julgo que nem posso render tanto. Com o profissionalismo a sério acabarei por me definir em relação às funções que mais me convêm ou à equipa onde jogue.

Apenas com 20 anos e uma época incompleta de profissão, Manuel Fernandes passa por ser uma das grandes figuras da nova geração de futebolistas. Foi, inclusive, seleccionado para o último jogo da selecção de «Esperanças» (contra a Bulgária, no Porto), não tendo vestido a camisola de efectivo («Ainda estou muito a tempo», disse para ser internacional. Convocarem-me, desta vez, já foi muito bom»).

Pessoalmente vimo-lo jogar apenas uma vez, contra o Vitória de Setúbal, em Faro, no domingo passado. Ainda não é uma estrela mas dá indícios

de reunir qualidades para o ser. Rapidíssimo, a correr, a desmarcar-se e a rematar, falta-lhe fundo físico para aguentar todo o jogo ao ritmo que imprime às suas melhores jogadas; relativamente alto, mas franzino, só depois de «encorpar» poderá atingir o máximo. Para já, a sua velocidade, mobilidade em campo e inteligência de jogo são as necessárias para se destacar na profissão de futebolista. O resto só o tempo, as circunstâncias de integração noutra equipa, técnica que o orientar e vários pormenores de índole pessoal e de relações humanas o poderão definir.

Para já é, apenas, uma «esperança», bastante fundamentada, pretendido pelo Sporting (como é do domínio público e conforme Manuel Fernandes confirmou). É um menino bonito na cidade, de melenas compridas, ar «pop», com alguns problemas de origem sentimental e que o prendem a Faro. Os mesmos problemas que, talvez, o tenham apanhado a abandonar o estádio S. Luís, arrancando em boa velocidade ao volante do seu «mini» ainda com o «90» atrás.

Uma nota: Fausto Pires esteve no fim-de-semana em conversa com o dirigente farense José Custódio. Para além da organização do torneio internacional, em que participam Farense, Sevilha, Manchester United e outra equipa algarvia e a que a «Mercury» dá o seu apoio (Fausto Pires está ligado àquela agência de viagens, como prospector no sector desportivo), não terá igualmente sondado a possibilidade de o Benfica deitar a mão a mais este jovem futebolista? Não seria o primeiro a quem o Sporting demora em contratar para, de surpresa aparecer o Benfica, fechar o negócio e deixar os «leões» a ver...

D. R.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Farracha e Filhos, Rua do Comércio, 113 OLHÃO

JOGOS JUVENIS DE ABRANTES GRANDE FESTA PARA DOIS MIL

Em Agosto e Setembro vão realizar-se pela quarta vez consecutiva os Jogos Juvenis de Abrantes, iniciativa que bem merece o carinho e o apoio de todos os que de qualquer modo se interessam pela formação e desenvolvimento da juventude.

E o que são os Jogos Juvenis de Abrantes? São convívios desportivos que irão proporcionar aos jovens da região de Abrantes novas vivências psico-motrizas e uma consciencialização da actual vida em sociedade através da educação pelo movimento.

São os seguintes os escalões etários dos jogos:

Escalão A - 8 e 9 anos; Escalão B - 10, 11 e 12 anos; Escalão C - 13 e 14 anos; Escalão D - 15 e 16 anos. Este último escalão na categoria de meninas poderá ir até aos 18 anos numa medida que poderá ser oportuna para fomento do desporto feminino nas diversas modalidades.

As inscrições serão gratuitas e terão de ser feitas até ao dia 30 de Junho de 1973. Como idade de entrada será considerada a data do nascimento referente a 1 de Janeiro.

Os jogos constarão de actividades gimnodesportivas e de actividades culturais. Nestas últimas a participação será livre e os jovens terão a sua escolha Jogos Florais, Artes Plásticas, Colóquios, Exposições e Cinema.

As actividades gimnodesportivas são as seguintes:

1. Individuais:
a) ATLETISMO masculino e feminino: Escalão A - 40 metros e salto em comprimento. Escalão B - 50 metros, salto em comprimento e altura. Escalão C - 60 metros, 600 metros, salto em altura, salto em comprimento e peso 4 kg. Escalão D - 80 metros, 800 metros, salto em altura, salto em comprimento e peso 5 kg.
b) BADMINTON masculino e feminino.
c) CICLISMO masculino: Escalão A - 500 metros, Escalão B - 1000 metros, Escalão C - 2500 metros e Escalão D - 5000 metros.
d) JUDO masculino e feminino.
e) NATAÇÃO masculino e feminino: Escalão A - 25 metros livres, Escalão B - 25 metros bruços e crawl, Escalão C - 50 metros bruços e crawl e Escalão D - 50 metros bruços e crawl.
f) REMO masculino: Escalão D.
g) TENIS masculino e feminino: Escalão C e Escalão D.
h) TENIS DE MESA masculino: Escalão B, Escalão C e Escalão D.
i) XADREZ masculino e feminino.

Toda a actividade do Judo será orientada por Fernando Correia da Secção de Judo do Sporting Clube de Abrantes.

2. Colectivas:

a) ANDEBOL masculino: Escalão B Mini-Andebol, Escalão C Andebol de Juvenis e Escalão D Andebol de Juvenis.
b) BASQUETEBOL

masculino e feminino: Escalão B Mini-Basquetebol, Escalão C Basquetebol de Juvenis e Escalão D Basquetebol de Juvenis.

c) FUTEBOL masculino: 1. Futebol de 5 em locais onde haja ringue. 2. Futebol de 7 em locais onde só haja campo de futebol: Escalão A, B e C. 3. Futebol de 11: apenas no Escalão D.

d) HOQUEI EM PATINS masculino: Escalão C e D.

e) VOLEIBOL masculino e feminino: Escalão C e D.

Nestas actividades cada concorrente pode participar em duas modalidades individuais e duas colectivas.

Como habitualmente será entregue no final a cada participante inscrito um distintivo comemorativo da sua participação. Poderá ainda vir a ser constituído um prémio para cada um dos melhores trabalhos apresentados nas actividades culturais.

A organização dos Jogos Juvenis de Abrantes obriga a um dispêndio de quase centena e meia de contos assim distribuídos:

23 500\$00; 2. Utilização e preparação de recintos, 12 800\$00; 3. Propaganda, 7600\$00; 4. Expediente, 8300\$00; 5. Prémios, 12 000\$00; 6. Diversos, 5000\$00; 7. Material gimnodesportivo, 12 000\$00; 8. Equipamentos, 23 500\$00; 9. Remunerações, 20 000\$00; 10. Actividades culturais, 12 500\$00; 11. Equipamentos para secretaria, 7000\$00. Total: 144 200\$00.

Estas verbas serão largamente compensadas pela afluência da juventude cuja comparência se prevê dentro dos seguintes números:

Abrantes, 800; Alferrade, 150; Alvega, 50; Arrerica, 50; Bemposta, 50; Mouriscas, 80; Pego, 250; Rio de Moinhos, 200; Rossio ao Sul do Tejo, 200; S. Miguel do Rio Torto, 200; Sardoal, 200; Souto, 30 e Tramagal, 250. Total: 2510.

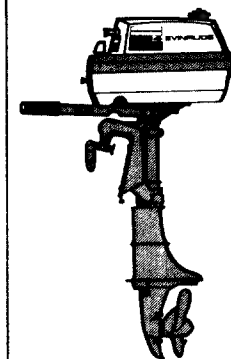
Com tudo quanto acima se disse parece que estes IV Jogos Juvenis de Abrantes passarão a constituir os melhores de sempre o que vale por dizer que está de parabéns toda a juventude da laboriosa região abrantina.

Transportes.

EVINRUDE



Vendemos potência segurança e economia



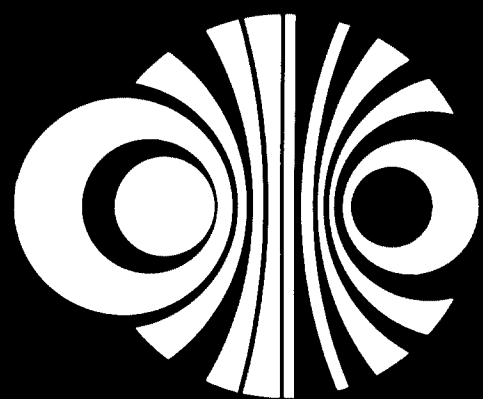
Vendemos a potência, a segurança, a economia dos motores Evinrude. Motores que a técnica e a experiência criaram e aperfeiçoaram. Motores que oferecem a mesma superior qualidade em todas as unidades, na mais diversificada das gamas, para profissionais e amadores. Desde o 2 HP ao 135 HP. E oferecemos-lhe uma total assistência técnica, um completo «stock» de peças.

LEO BURNETT



MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.

Av. 24 de Julho, 52 - LISBOA



BAR 2001

O BAR DO FUTURO

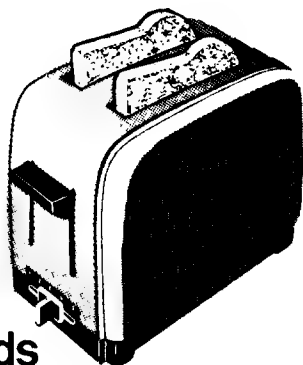
REUNA-SE COM OS SEUS
AMIGOS E DE-NOS
O PRAZER DA SUA
ESCOLHA!

AUTÓDROMO DO ESTORIL
Est. Nacional 9, Km 6 tel. 241 559
ALCABIDECHÉ



chá, simpatia... e torradas

A qualquer hora, a torradeira automática Morphy Richards está pronta para fazer torradas. Torradas quentes e torradas ao lanche para as suas amigas. Prática e funcional, coloca-se o pão, liga-se e esquece-se logo que prontas as torradas. A Morphy Richards apresenta a sua nova torradeira automática, a Morphy Richards.



morphy richards

soc. de rep. SIDA SUECA, LDA, * RUA DE S. NICOLAU 44 46 - LISBOA

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.ª Frente (Junto à Praça do Arceiro) - Telef. 724162 - LISBOA



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR — Período bastante equilibrado. Não altere os seus projectos, prossiga na sua realização, pois os resultados não se farão esperar. Terá oportunidade de fazer uma viagem agradável. Estabelecer-se-ão amizades e poderá revelar plenamente a sua aptidão para receber visitas e hóspedes.

DINHEIRO — Procure ter seqüências nas ideias e nas acções, pois isso permitirá-lhe atingir o objectivo fixado e da maneira mais favorável. Sucesso bastante apreciável no domínio pecuniário.

PROFISSÃO — Se tem alguma reclamação ou alteração a fazer sobre o seu trabalho, aproveite esta semana, pois terá sucesso. Não receie abordar os problemas que vos aborrecem, pois encontrará a solução adequada.

SAUDE — Seja prudente principalmente se pratica desportos algo violentos, pois corre o risco de quedas ou ferimentos na cabeça.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR — Ajudando os outros, isto lhe proporcionará uma sensação de profundo bem-estar. Seja original e tome a iniciativa sempre que possível. Receberá de pessoas da sua família benefícios que o farão muito feliz. Estimule os outros com jovialidade. Terá prazer em se misturar com pessoas de tipos de vida diferente da sua e poderá ter aventuras muito divertidas.

DINHEIRO — Pode continuar numa fase de gastos excessivos de tal maneira que uma completa revisão do seu orçamento se torne necessária no fim da semana. Será mais feliz se controlar as suas despesas e pensar que não é só no custo que está o valor real dos presentes.

PROFISSÃO — Não seria feliz se a sua vida significasse algo mais do que o simples divertimento. De facto as melhores alegrias deste período poderão vir do cumprimento dos seus deveres de uma maneira notável. Na verdade, a sua carreira profissional pede o máximo de sua atenção, nesta semana. Poderão ocorrer mudanças nas suas condições de trabalho, que aumentarão as suas alegrias.

SAUDE — Acautele-se com a saúde, nada de excessos alimentares ou outros. Ao menor sintoma de alteração de saúde consulte o seu médico.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR — Se surgirem aborrecimentos em sua vida sentimental, atribua a culpa somente a si; mostre-se mais indulgente, mais amável, mais conciliante, se quiser alcançar a felicidade.

DINHEIRO — Os planos agora estabelecidos terão um desenvolvimento favorável no futuro; no entanto são prováveis alguns contratempos, pelo que terá de dar provas de paciência.

PROFISSÃO — E de aconselhar que faça o melhor uso das suas qualidades profissionais, evitando a brusquidão ou a intransigência. O seu prestígio pessoal só terá a ganhar com isso, no futuro.

horoscopo pelo astrologo HORUS

PARA O PERÍODO DE 3 A 9 DE JUNHO

SAUDE — Verifique a sua tendência para a gulodice, que muito prejudicará o seu estômago.



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR — Satisfação de amor próprio, depois de uma mudança de opinião a seu respeito. O ambiente familiar evoluirá favoravelmente, depois da elaboração de novos planos a ele referentes. Procure distrair-se e esquecer por momentos as preocupações quotidianas.

DINHEIRO — Faça novos planos para o futuro e alguma inovação em seu trabalho lhe será muito favorável. Tome cautela nas despesas. E preciso agir rapidamente sempre que os seus interesses estejam em jogo.

PROFISSÃO — As suas iniciativas pessoais serão coroadas de êxito, sobretudo no quadro profissional. A sua situação tende a afirmar-se e a estabilizar-se graças à sua eficiência pessoal.

SAUDE — Não leia demasiadamente; não perca o controlo dos nervos e tudo será bem resolvido.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR — Não acredite em todas as promessas que lhe fizerem, e examine meticulosamente cada uma das situações em que se encontrar. Dê ouvidos à sua própria intuição, se quiser alterar seus planos.

DINHEIRO — A audácia e espírito resoluto proporcionar-lhe-ão o êxito num empreendimento que se propõe levar a cabo. Período importante e favorável para os problemas pecuniários. Boas probabilidades de ganhos por meio da lotaria, jogos, especulações.

PROFISSÃO — Progresso apreciável no desenvolvimento dos seus assuntos profissionais e pecuniários. Evite, na medida do possível, um litígio com superiores, mal entendidos a seu respeito poderão surgir. Evite-os!

SAUDE — Saúde, beleza, sedução, serão reforçados por cuidados e precauções para consolidar a energia vital.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR — Certifique-se de que está a par das coisas que lhe interessam. Haverá elementos favoráveis agindo para ajudar e ajustar satisfatoriamente assuntos sentimentais. A pessoa amada tudo fará nesta semana para vê-lo alegre e feliz; seja compreensivo e carinhoso.

DINHEIRO — Poderá progredir bastante, focalizando a atenção nas coisas importantes que precisam ser cuidadas este período. Concentre-se nos seus empreendimentos em curso, sem se deixar tentar por uma proposta nova que peca por falta de solidez e profundidade.

PROFISSÃO — Notícias importantes a respeito de uma grande viagem ao estrangeiro; faria bem em dar-lhe seguimento de

maneira positiva. Se é comerciante ou industrial a sorte sorrir-lhe-á particularmente.

SAUDE — Será satisfatória, com a condição de caminhar bastante ao ar livre, fazer respirações profundas para se desintoxicar.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR — O seu ambiente doméstico está bem influenciado durante o presente período. Isso quer dizer que as suas relações de família serão harmoniosas, agradáveis. Os astros favorecem esta semana, particularmente, tudo o que se refira a este sector. As perspectivas são brilhantes para os jovens em especial.

DINHEIRO — Seja prudente no emprego do seu dinheiro. As suas esperanças não se realizarão e virão um pouco abaixo das suas previsões. Portanto, não faça despesas fúteis, porque terá de enfrentar compromissos inadiáveis a que não deve furtar-se.

PROFISSÃO — Em certos momentos deste período reinará uma certa confusão no seu espírito, acompanhada de mau humor. Esforce-se para que tudo corra calmamente, não levante atritos nem faça modificações ou mesmo altere o seu procedimento habitual na sua vida profissional. Igualmente, não entre em desacordos com ninguém.

SAUDE — Não se exceda na sua vida social. Divirta-se, mas sem prejudicar a saúde.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR — A sua vida social é protegida por magníficas influências durante este período. Assim gozará de grande popularidade no círculo das suas relações. A sua disposição amável e espírito de conciliação criarão à sua volta um ambiente agradável e harmonioso.

DINHEIRO — Esplêndida oportunidade para realizar fundos. O dinheiro aparecerá onde e quando menos esperar. Por outro lado, há indícios de despesas exageradas, principalmente no capítulo das distrações e divertimentos. A sorte está do seu lado. Aproveite-a!

PROFISSÃO — Sua agilidade mental está sob o estímulo das boas radiações astrais. Aproveite para esclarecer situações duvidosas, encontrando para elas a solução desejada. O trabalho poderá ser realizado satisfatoriamente com rapidez e eficiência.

SAUDE — A boa saúde exige repouso e tranquilidade. Portanto, tenha cuidado com a sua vida social, para não cometer excessos. A moderação é o que lhe recomendamos.



SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR — O seu planeta-guia está em posição desfavorável, forçando-o a mudar de atitude em relação a certas coisas. Procure ceder diante da pessoa amada e trate de tomar novas orientações.

DINHEIRO — Cuide dos assuntos não resolvidos que estão exigindo atenção e use de cau-

tela nas despesas. Procure seguir, se possível, os planos previamente traçados. Não conte muito com o apoio alheio.

PROFISSÃO — Não se aborreça com uma pessoa influente da qual tem necessidade para manter um conhecimento socialmente interessante. Evite, no quadro profissional, dar demasiada importância aos detalhes.

SAUDE — Tenha cuidado com os resfriados no decurso das suas deslocações.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR — Fará bem em confiar plenamente na pessoa amada para as iniciativas e a cooperação de que necessita, pois ela saberá como realizar melhor as coisas. Se souber agir habilmente os resultados serão bons.

DINHEIRO — Boas perspectivas no domínio pecuniário, visto que as transacções e especulações estão bem influenciadas. Desconfie entretanto de uma certa tendência ao exagero.

PROFISSÃO — Durante esta semana seja prudente nos seus contactos com o meio profissional, para não provocar divergências inúteis e contrárias aos seus interesses. As outras pessoas poderão estar lentas em tomar decisões ou aceitar planos e propostas. Não as apresse, porém, e seja paciente.

SAUDE — Suprima por algum tempo a carne e salsicharia.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR — A sua vida sentimental poderá conhecer uma semana movimentada; evite ao máximo as discussões e sobretudo um rompimento. Aprenda a reagir convenientemente às sugestões no seu meio familiar. Procure ser mais caloroso na expressão dos seus sentimentos, dos seus afectos.

DINHEIRO — Conte sobretudo com os seus ganhos profissionais, porque as questões financeiras relacionadas com jogos e especulações não estão favorecidas. Desta forma, as despesas talvez tenham de ser diminuídas.

PROFISSÃO — Tendências favoráveis no domínio profissional. As suas qualidades são recebidas com entusiasmo, podendo portanto seguir em frente, na tarefa que empreendeu recentemente. Novas decisões depois de uma mensagem longamente esperada.

SAUDE — Terá necessidade de calma e tranquilidade, esta semana, para seu perfeito equilíbrio.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR — Não adie por mais tempo uma explicação necessária com pessoas de família; tem de saber impor-se no seu meio familiar, porque a realização dos seus projectos para o futuro depende disso.

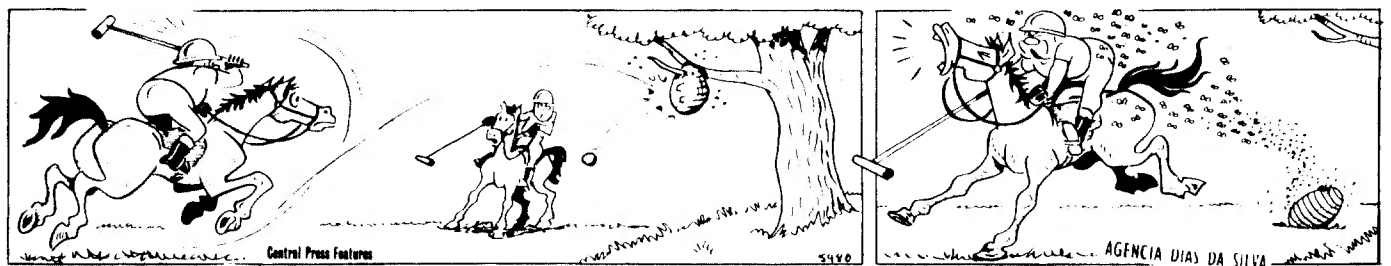
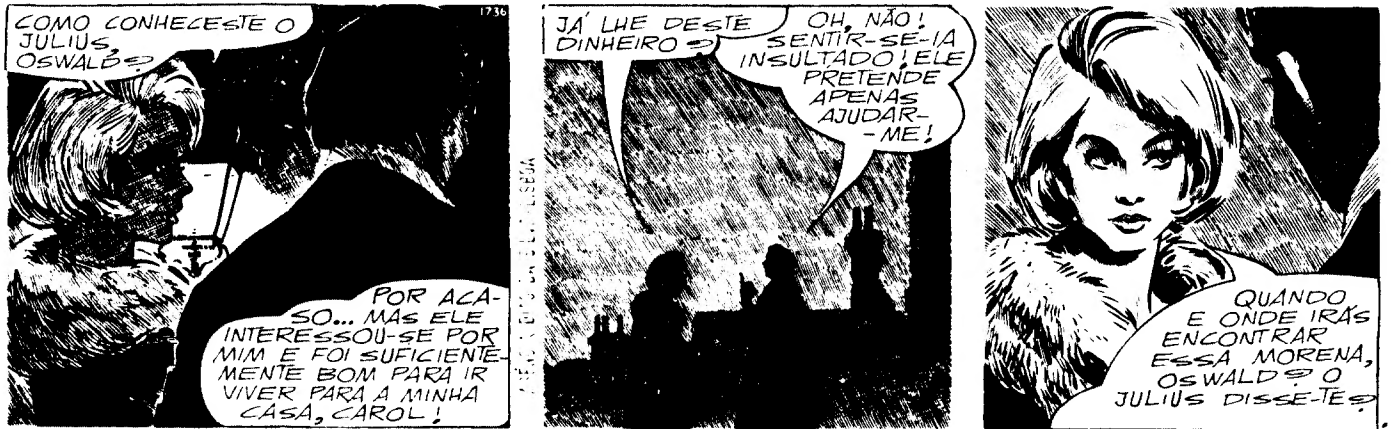
DINHEIRO — Concentre-se de preferência nos assuntos actualmente em curso; uma demora não é um revés, modere a sua impaciência; tudo terminará bem.

PROFISSÃO — Está em condições de conduzir uma acção destinada a aproximá-lo de uma pessoa que julga útil para as suas ambições profissionais. Sucesso, graças a uma atitude maleável e compreensiva.

SAUDE — Alguns riscos do lado dos rins; procure fazer uma cura de depuração adequada. Consulte o seu médico.



Os portugueses importam a fibra (sintética) e exportam o produto (tapetes). O circuito regularizou-se a tal ponto que estas jovens foram convidadas a representar-nos numa feira internacional recentemente realizada em Londres e incluída nas comemorações dos 600 anos da Aliança luso-britânica



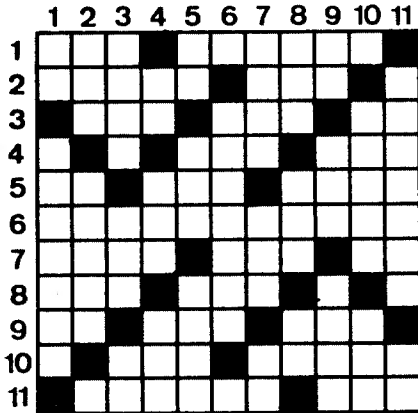
PROVERBOS

COM PROVÉRPIO

PROBLEMA N.º 10446

HORIZONTAIS:

- 1 Recusa. Desabrida.
- 2 Dar urros. Criminoso.
- 3 Ferro temperado. Figura que simboliza o povo americano. Tempo do verbo haver.
- 4 Pronome demonstrativo. Cidade de França.
- 5 Antes do meio-dia. Rio da Suíça. Ave galinácea.
- 6 Designarias.
- 7 De cobre. Orla. Curada.
- 8 Tempo do verbo ir. Anel.
- 9 Reis. Altar. Emas.
- 10 Raer. Enrubescer.
- 11 Momice. Para barlavento.



VERTICAIS:

- 1 Despido. Ilha portuguesa do oceano Atlântico.
- 2 Unidade das medidas de capacidade, na província de Damão. Simples.
- 3 Avalia. Catedrais. Batráquio.
- 4 Preposição e artigo definido. Prendo. Prefixo que designa ar.
- 5 Bromo (s. q.) Rio da Escócia. Apre!
- 6 Maçara (pop).
- 7 Rio da Rússia. Cidade da Finlândia. Aqui.
- 8 Preposição. Grande. Laço.
- 9 Cobre (s. q.). Patriota croata que tomou parte activa nos movimentos nacionalistas, dos Esclavos do Sul. Executará.
- 10 Poeta checo de rara sensibilidade que esteve em constante revolta contra a crueza da vida. Graça (fig.).
- 11 Pessoa astuta (pl). Letra grega.

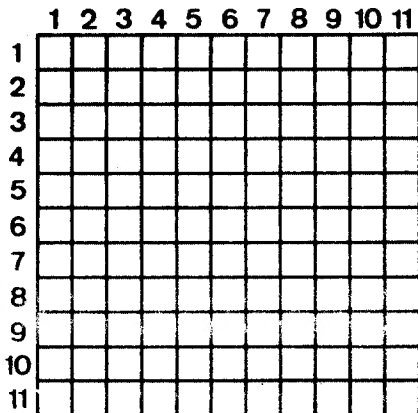
Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRPIO ne e inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6603

HORIZONTAIS:

- 1 Curai. Encolerizar.
- 2 Encadeada.
- 3 Despida. Magnete natural. Ruído.
- 4 Basta. Cidade do estado de Minas Gerais. Rádio (s. q.).
- 5 Fluido aeriforme. Suspiros.
- 6 Triúra. Rato.
- 7 Solitário. Sagrado. Nota musical.
- 8 Estava. Nome de planeta. Humilde.
- 9 Cobertura. Espécie de dança dos Samoanos.
- 10 Ave preparadora. Cidade de Portugal.
- 11 Inviuagares. Planta ornamental também chamada lírio-do-campo.



VERTICAIS:

- 1 Mulher muito virtuosa ou de extrema bondade. Enxugar.
- 2 Recua. Residira.
- 3 Rate. Medida japonesa igual a dois decilitros. Mamífero desdentado espécie de tatu.
- 4 Alteza Real. Tombas. Anel.
- 5 Tempo do verbo ir. O mais. Arsénio (s. q.).
- 6 Nome de letra. Aprova.
- 7 Cobre de nata. Basta. Alto!
- 8 Item. Enguia. Ruído.
- 9 Freguesia do concelho de Penafiel. Usado para apanhar e fazer gestos.
- 10 Adória. Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia.
- 11 Ra regens. Içara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10445

HORIZONTAIS:

- 1 Adama. Parda.
- 2 Terás. Ateei.
- 3 Ala. Ira.
- 4 Elmo. Otão.
- 5 Lua. MIV. Ais.
- 6 Am. Canil. Aa.
- 7 Ecam. Nios.
- 8 Ana. Has.
- 9 Asiso. Ansas.
- 10 Sima. Cava.
- 11 Am. Preta. Os.

VERTICAIS:

- 1 Atrela. CASA.
- 2 DE. Lume. Sim.
- 3 Arama. Caim.
- 4 Malo. Cansar.
- 5 Asa. Mamão.
- 6 Ain. Me.
- 7 PAI. VINHA.
- 8 Atró. Liança.
- 9 Reata. Ossa.
- 10 DE. Aias. AVÓ.
- 11 Airosa. Asas.

PROVÉRPIO: Casa de pai vinha de avô.

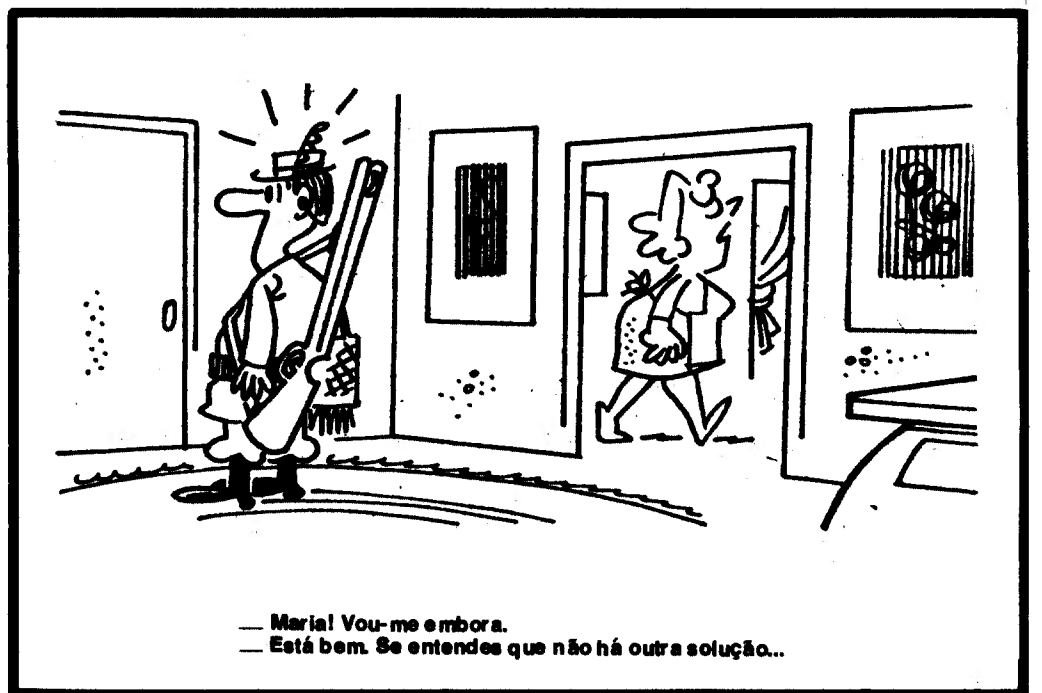
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6602

HORIZONTAIS:

- 1 Braga. Ripal.
- 2 Carreta.
- 3 Rua. Fim. Sãs.
- 4 Rm. Mamar. At.
- 5 Garotos.
- 6 Tosa. Eram.
- 7 Elias. Agar.
- 8 Res. Grã.
- 9 Ir. Sarre. Oc.
- 10 Ais. Sua. Asa.

VERTICAIS:

- 1 Barro. Media.
- 2 Um. Tal. Ri.
- 3 Aca. Gorar.
- 4 Ga. Más. Ses.
- 5 Arlaram. Sãs.
- 6 Rimo. As. Ru.
- 7 Remates. Grã.
- 8 It. Ror. Are.
- 9 Pas. Salga.
- 10 Aa. Mia. Os.
- 11 Lesto. Araça.



"GUERRA DO BACALHAU"

(Continuação da pág. 1)

Existem poucas regiões da Europa que se encontrem tão atrasadas industrialmente ou que dependam em tão larga medida de importações dos principais países capitalistas. Nenhuma nação europeia, com excepção da Irlanda, se libertou tão recentemente do seu estatuto colonial.

«Os dinamarqueses começaram a mostrar-se mais tolerantes no princípio do século», observou um diplomata, «mas, antes disso, governaram a Islândia como uma simples colónia, onde não faltava um monopólio comercial para os dinamarqueses. Este país é uma antiga colónia. Convém recordar o facto uma vez por outra».

A convicção de que são um país subdesenvolvido e dependem perigosamente das grandes potências ocidentais explica a paixão com que os islandeses acompanham a questão do limite das águas territoriais — e igualmente a sua atitude em matéria de política nacional.

A Islândia considera o peixe ao largo das suas costas da mesma maneira que a Líbia o seu petróleo — o único recurso verdadeiro, a única garantia de segurança económica e a única esperança de desenvolvimento no futuro. Deste modo, o alargamento do limite para 50 milhas constitui fundamento para um acto de nacionalização unilateral, semelhante ao que Mussadeg tentou no Irão ou a revolta das «repúblicas da banana» da América Central contra a «United Fruit».

A predilecção da Islândia pela acção unilateral tão invulgar num país escandinavo não se tem limitado à questão das pescarias. A Islândia tornou-se uma nação independente ao proclamar a independência da

Dinamarca de uma maneira assaz perversa, quando era evidente que este país a teria concedido de bom grado depois de negociações puramente formais.

Neste preciso momento, o governo islandês parece empenhado numa acção unilateral relativamente à base da N. A. T. O. de Reikjavik, numa altura em que os restantes membros da organização se ocupam da tarefa delicada que é o estudo de uma atitude comum antes do início das conversações com a União Soviética visando a redução de forças.

«Devemos ser um país que adopta as práticas internacionais, que procura resolver os problemas em colaboração com outras nações? Ou devemos, pelo contrário, continuar a surpreender os outros países com estas súbitas decisões?», observou Bjorn Bjarnasson, um jovem membro do partido mais conservador da Islândia. «E uma coisa que ainda não decidimos».

Na realidade, o próprio partido de Bjarnasson, o «Partido da Independência», considera o assunto extremamente delicado.

Na verdade, o ponto fulcral da política islandesa desde a Guerra tem sido até que ponto a Islândia se deveria integrar no mundo ocidental, com os partidos da direita preconizando a cooperação, enquanto os da esquerda se inclinam para o isolacionismo.

Magnus Kjartansson, o ministro da Indústria comunista do actual governo, declara: «O capitalismo ocidental é tão perigoso para nós como para outros países subdesenvolvidos, muito mais perigoso do que a nossa própria classe de pequenos capitalistas... a independência política e económica tem sido o nosso principal pro-

blema no decurso dos últimos 20 a 30 anos.»

A questão de uma independência verdadeira e não puramente formal caracteriza o permanente debate nacional sobre a participação na N. A. T. O., as relações com a C. E. E. e a industrialização. O actual governo encontra-se agora empenhado numa política de industrialização que rejeita a maioria estrangeira em novas empresas. O anterior governo, de tendências mais conservadoras, permitia que os novos projectos pertencessem exclusivamente ao capital estrangeiro.

Na vida cultural, a situação é semelhante. Os velhos inimigos de uma vida cultural islandesa verdadeiramente independente eram os centros escandinavos mais importantes da Dinamarca e da Suécia. Mas, «Copenhague e Estocolmo não exercem actualmente uma grande influência», afirma Mathias Johannesen, jornalista e poeta. «A influência anglo-americana é a mais considerável».

E possível que a direita e a esquerda islandesas tenham opiniões diferentes sobre a N. A. T. O., a C. E. E. e a industrialização, bem como no que diz respeito às questões culturais. No caso das pescarias, porém, estão todos de acordo no essencial.

O limite das cinquenta milhas tornou-se, deste modo, o ponto fulcral de todos os temores e preocupações da Islândia com a sua sobrevivência como nação e cultura independentes. Os islandeses sentem-se tão irritados com o facto de a Grã-Bretanha lhes roubar o bacalhau como qualquer país da África negra ao denunciar o neo-colonialismo.

MARTIN WOOLLACOTT

Nações Unidas sobre o ambiente

Continuação da pag. 4

Seria preciso encontrar os recursos para preservar e melhorar o ambiente, mas tendo em conta, por um lado, a situação e as necessidades particulares dos países em vias de desenvolvimento, e, por outro, as despesas que pode ocasionar a integração de medidas de preservação do ambiente na planificação do seu desenvolvimento, e também a necessidade de por à disposição desses países, a seu pedido, uma assistência internacional suplementar, tanto técnica como financeira.

A Declaração contempla a seguir a planificação nacional, «instrumento essencial» para conciliar os «imperativos do desenvolvimento e as necessidades de preservar e melhorar o ambiente».

Princípio 19: «É necessário difundir o ensino das questões de ambiente, tanto entre as gerações jovens como entre os adultos, tendo devidamente em conta os menos favorecidos, a fim de desenvolver as bases necessárias para esclarecer a opinião pública e dar aos indivíduos, às empresas e às colectividades o sentido das suas responsabilidades no que se refere à protecção e melhoramento do ambiente em toda a sua dimensão humana. E também essencial que os meios

de informação de massas evitem contribuir para a degradação do ambiente e que, pelo contrário, difundam informações de carácter educativo acerca da necessidade de proteger e de melhorar o ambiente, para que o homem possa desenvolver-se em todos os sentidos.»

«As questões internacionais relativas à protecção e ao melhoramento do ambiente deviam ser abordadas, dentro de um espírito de cooperação, por todos os países, grandes e pequenos, em pé de igualdade. Uma cooperação por meio de acordos multilaterais ou bilaterais, ou por outros meios apropriados, é indispensável para limitar eficazmente, prevenir, reduzir e eliminar os danos causados ao ambiente resultantes de actividades exercidas em todos os domínios, isto dentro do respeito pela soberania e pelos interesses de todos os Estados» (Princípio 24).

E é com o seguinte princípio que o documento se encerra:

«É preciso evitar ao homem e ao seu ambiente os efeitos das armas nucleares e de todos os outros meios de destruição maciça. Os Estados devem esforçar-se, junto dos órgãos internacionais apropriados, para chegar, num curto prazo, a um acordo para a eliminação e destruição completa de tais armas.»

AGRICULTURA-TÉCNICA DE GABINETE

Continuação da pag. 3

presa) lá montou.

Esta exploração, no dizer desse agrónomo, «é aberta». A sua contabilidade, deve servir a sua orientação discutida, com vista à prática de uma agricultura rendível.

As outras destinam-se a experimentar esquemas ainda duvidosos quanto ao seu rendimento, como são a criação e engorda de bovinos com forragens de regadio, havendo também outros ensaios de milhos híbridos com resultados reais bem mais modestos do que aqueles feitos em «jardina-gem» de pequenos talhões ou em «cultura de manual».

Com uma ou outra finalidade, a necessidade da exploração-piloto, feita com os meios de uma grande empresa privada, ou com os meios do Estado ainda maiores, além de poder pagar um grupo de técnicos necessários à sua condução, colheita de elementos e contabilidade, pode experimentar à vontade e mudar os esquemas que se tornaram anti-económicos, tendo uma elasticidade que o simples agricultor não pode nunca obter porque a hipótese da falência da sua empresa o impede.

Já aqui referimos, o ano passado, o caso de uma exploração em propriedade inteiramente cedida pelo direc-

tor da Estação de Fomento Pecuario do Sul (Coudelaria de Alter) para o mesmo esquema de cultura de forragens mas em sequeiro. Foi ainda a CUF que forneceu os adubos para esta experiência, e creio que uma sociedade comercial facilitou ou deu algumas máquinas. Todos os anos os agrónomos e lavradores que pertenciam ao grupo consultivo examinavam os resultados que também se têm mostrado rendíveis. Seria esta exploração-piloto ideal se não tivesse sido iniciada com resíduos desse espírito de desafio inútil, como se pode ver pelo preâmbulo do primeiro relatório.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

«Domingo à Noite»
Programa gravado no Teatro Maria Matos numa realização de Vítor Manuel com cenografia de Moniz Pereira

2.º Programa (22.00)

«Antologia»

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa	1.º Programa
12.30 Dia do Senhor	12.45 Abertura e desenhos animados
13.35 Nos bastidores da aventura	13.00 Feminino singular
13.45 Telejornal — 1.ª edição	13.15 «A Família Partridge»
14.00 Tarde de cinema «O Vulcão Perdid»	13.45 Telejornal — 1.ª edição
15.15 Eurovisão: Grande Prémio de Mônaco	14.00 Vivendo o futuro
16.00 TV infantil	14.25 Logo à noite
16.15 Eurovisão: Grande Prémio de Mônaco	2.º Período
16.45 TV infantil	14.40 Ciclo preparatório TV
17.00 Eurovisão: Grande Prémio de Mônaco	19.00 TV educativa: Língua Portuguesa
17.45 Atletismo: Campeonatos Nacionais de Juniores	19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.30 Telejornal — 2.ª edição	19.45 Momento desportivo
19.45 Circo	20.15 Dia mundial de saúde
20.00 TV 7	20.25 Portugal além da Europa
21.00 «As Solteironas»	20.55 «Os Caminhos de Noé»
21.30 Telejornal — 3.ª edição	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Domingo à noite	22.05 Série policial «O Casal Mac Millan»
23.00 Domingo desportivo	23.40 Telejornal — 4.ª edição
23.00 Telejornal — 4.ª edição	23.50 Meditação e fecho
00.05 Meditação e fecho	2.º Programa
2.º Programa	20.30 Abertura e «A Família Partridge»
20.30 Abertura e «Regresso de Lucy»	20.55 Vivendo o futuro
21.00 Dó lá si	21.10 Desenhos animados
21.30 Telejornal — 3.ª edição	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Antologia	22.00 Museu do cinema
23.30 Fecho	23.20 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	55 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	16°
PENHAS DOUR.	12°
COIMBRA	15°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	17°
FARO	19°
FUNCHAL	16°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Elvas

Máxima 27°

Perlas da Saúde

Mínima 3,2°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 16,2°
Atmosfera 18,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.37 3,8 m	11.04 0,8 m
17.55 4,1 m	23.40 0,7 m

Dia 4

6.28 3,8 m	11.53 0,9 m
18.46 4,0 m	

Dia 5

7.20 3,6 m	1.33 0,8 m
19.38 3,9 m	12.26 1,1 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado vento fraco ou moderado de noroeste; aumento temporário de nebulosidade durante a noite e madrugada nas regiões de noroeste.

AMANHÃ

NAScer ÀS 6.13
OCASO ÀS 20.57

DIA 7 DIA 15 DIA 23 DIA 30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO L-1
(ATE AS 22 HORAS)

AJUDA
Teles, R. João de Barros (T. 63849)

ALVALADE
Aviz, Av. de Roma, 56-B (T. 715370); Brisália, Av. Rio de Janeiro, 68 (T. 722368)

ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque de Avila, 25-31 (T. 47088)

ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (T. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, R. do Salitre, 7 (T. 46858)

AVENIDAS NOVAS
Avenidas, Av. da República, 27-A (T. 533688); Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216)

BAIXA
Nacional, R. do Salitre, 7 (T. 46858); Americana, C. de Santana, 3 (T. 863984)

BENFICA
Souza, E. de Benfca, 429 (T. 780027)

CAMPOLIDE
Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333)

CAMPO DE OURIQUE
Orique, R. Freitas Gazul, 23-B (T. 671667)

CONDE REDONDO
Capuchos, R. Luciano Cor-

GRAÇA
Rosa e Viegas, R. de S. Vicente, 31 (T. 864351)

LAPA
Central, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734)

LUMIAR
Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942)

PENA
Americana, C. de Santana, 3 (T. 863984)

SANTA CATARINA
Combro, C. do Combro, 78 (T. 326059)

SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 768343/764629)

S. VICENTE
(Ver Graça)

SETE RIOS
Aguiar, Av. Bordalo Pinheiro, 93-A (T. 786343)

XABREGAS
Salter, R. de Xabregas, 63 (T. 381185)

TURNO L-2
Toda a noite

ALCANTARA
Lealade, R. do Olival, 226 (T. 663444)

ALVALADE
Carlaxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 776358); Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 727721)

AREIRO
João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 726462)

BAIRRO ACTORES
Esperança, R. Carlos Mar- del, 101-B (T. 722868)

BAIRRO ALTO
Azevedos, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540)

BELEM
Remisio, R. dos Jeronimos, 14-C (T. 631699)

BENFICA
LIBOA; R. Claudio Nunes, 73-A (T. 703393)

BOA HORA
Sepol, C. da Boa Hora, 94-A (T. 631958)

CAMPOLIDE
Patria, C. dos Metres, 30-A (a R. das Amoreiras) (T. 680627)

CAMPO DE OURIQUE
Castro, R. Quanto de Infan- laria, 28-A (T. 688557)

CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (T. 780181)

ESTEFANIA
Estefania, R. Pascoal de Me- lo, 90 (T. 44438)

GRAÇA

Santo Antonio, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333)

LUMIAR
S. Tome, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704)

MOURARIA
Bastos, C. de Santo Andre, 107 (T. 860450)

OLIVAIS
Nova, lote 469 (Olivaes Sul) (T. 316402)

PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (T. 842518)

PICHEIRA
Luzmar, R. João Nascimento, 16-A (T. 728395/720703)

RATO
D. João V, R. D. João V, 16 (T. 682772)

S. MAMEDE
Marçal, R. de S. Marçal, 100 (T. 325318)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 51451); No- vala, Av. Luis Bivar, 11 (T. 44324)

LINEA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribe- ro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R. Costa Pin- to, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Central R. João Teixeira Si- mões, 18 (Tel. 2430058)

PARADE
Aisir Av. Gago Coutinho, B.º das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Tel. 261186)

MONTE DO ESTORIL
Costa Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)

CASCAIS
Misericórdia R. Regimento 19.41 (Tel. 280141); Cascais R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Tel. 282407)

LINEA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Fama R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gus- mão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ
André Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz Av. Mi- guel Bombarda, 123-A (tel. 951841)

CACÉM
Central R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Quilma Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Misericórdia L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES
Colares Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Algarve R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Pimenta R. Cons.º Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 2073012)

COVA DA PIEDADE
Conquista Alfonso, P. 5 de Ou- tubro, 18 (Tel. 270254)

MOITA
Silva Rocha P. da Republi- ca, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Higiene R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL
Normal do Sul P. do Bocage (Tel. 22216)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

7.º TURNO

SUB-TURNO A

Alfiro de Barros, Suc., R. de Costa Cabral, 240. Central, R. Santo António, 203. G. mes Carneiro, Rua de Cedo- feita, 348. Magalhães, R. de Serraves, 566. Nova de Monsanto, Rua de Monsan- to. Ribeiro Junior, Suc., R. Firmeza, 99 A

SUB-TURNO B

Correia, P. M. de Albuquer- que, 50. Corujeira (da) R. S. Roque Lameira, 1473. Cou- to, L. S. Domingos, 106. La- pa (da), R. Antero Quental, 211. Luso-Francesa, R. Sa da Bandeira, 140

COIMBRA

TURNO B

Estádio, Rua do Brasil, 348 r/c (Tel. 24410); Miranda, Pr.ª do Comércio, 41 (Tel. 23261); Batista, Pr.ª da Re- pública, 910 (Tel. 23747)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)

15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45 (Grupo D 18 anos) Eastmancolor Realização de Wars Hussen. «A OBSE- SÃO DE JOEL DELANEY» com Shirley Mac Leine, Mariane Calone e Michael Harden.

Estacionamento: Parque Castil

CONDES (Tel. 322523/326710)

14.00-16.30-19.00 e 21.45 (Grupo B-10 anos) Alegria, a melodia, o luxo de Viena e «de Johann Strauss» 8.ª Semana GRANDE VALSA c/ Harst Bucholz, Mary Costa, Nigel Patrick, Yvonne Michel e Rossano Brazzi

ODEON (Tel. 326283)

15.15 - 18.15 - 21.30 (Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana Alfredo Landa (o Delicadinho) e Con- chita Velasco em «EMPRESTA-MA... POR QUINZE DIAS» Mais audácia nunca se viu em fazer rir com um ma- rido... a mulher... e o noivo dela...

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15 - 18.15 e 21.45 (Grupo C 14 anos) Technicolor. Realização de George England. «GRANDE CABRIOLA» Jean- Claude Kiely, Daniele Gaubert, Vito- rio de Sica.

RESTELO (Tel. 610375)

15.00 e 21.00 (Grupo D-18 anos) 7.ª Semana - Eastmancolor «CAI A NOITE SOBRE A CIDADE» com Alain Delon, Catherine Deneuve e Michel Conrad

TIVOLI (Tel. 50595)

15.15-18.30 e 21.45 (Grupo C-14 anos) Technicolor. Panavision. Um gran- de filme de acção «O MEDO É A CHAVE» com Barry Newman e Su- sy Kendall.

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15 - 18.15 e 21.30 (Grupo D-18 anos) 2.ª Semana «O LADRAO QUE VEIO PARA JAN- bar 2 ryan O'Neal e Jacqueline Bis- set.

SATELITE (Tel. 555131)

15.30 - 18.30 e 21.45 (Grupo D 18 anos) 8.ª semana Um filme de António Pedro Vascon- celos «PERDIDO POR CEM.» José Cunha, Maria Leitão, Ana Maria Lu- cas e Nuno Martins

AVIZ (Telef. 47163)

15.30, 18.30 e 21.45 19.ª Semana «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITA» Irene Hill e Bud Spencer

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15-18.30 e 21.30 (Grupo D 18 anos) 2.ª Semana Harley Mills - George Sanders «NOI- TE SEM FIM». Baseado na obra de Agatha Christie. (Metro-Alameda)

EUROPA (Tel. 661016)

15.15 e 21.30 (Grupo D-18 anos) Eastmancolor «A MÃO DE FERRO». Realização de Cheng Chang Ho. 4.ª Semana. Tardes infantis. (Grupo A-6 anos). Hoje às 18.15 «TIM TIM E O TEMPLO DO SOL»

ROMA (Tel. 727778)

15.30 e 21.45 (Grupo B - 10 anos) 2.ª Semana Technicolor «DOM CAMILO E OS JOVENS DE HOJE» Gastone Mos- chini e Lionel Stander

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00 e 21.00 (Grupo D 18 anos) «O AMOR AS 3 DA TARDE». Em complemento «A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO» (Metropolitano: Arroios - P. Chile)

POLITEAMA (Telef. 326303)

15.15, 18.15 e 21.45 (Grupo C 14 anos) Eastmancolor. «VIVA SABATA», c/ Peter Lee Law- rence e Rossana Rovere.

VOX (Telef. 720808)

15.15, 18.30 e 21.45 Technicolor. Grupo D (18 anos) «AS SERVAS DE DRACULA», com Peter Cushing.

MUNDIAL (Telef. 538743)

15.15, 18.30 e 21.45 (Grupo D 18 anos). Eastmancolor. «AMANTE INFIEL», c/ Stefania San- drelli e Robin Phillips.

CINEARTE (Telef. 660446)

15.00 e 4.00 h. (Grupo D 18 anos). Alain Delon e Mireille Darc em «JEFF». Em complemento John Wayne em «OS COW-BOYS».

EDEN (Telef. 320766)

15.30, 18.30 e 21.45 (Grupo D 18 anos). Eastmancolor. «Luigipistilli e Dagmar Lassander em «NO GUME DO PANICO».

CINEMA LONDRES (Telef. 731313)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 Grupo D (18 anos) 2.ª Semana. Colorido. Oscar da Academia para o melhor filme estrangeiro 1973. «O CHARME DISCRETO DA BUR- GUESIA». O filme de Luis Buñuel. Snak-Bar, Pub-The Flag, o melhor encontro gastronómico.

ESTÚDIO (Telef. 555134/5)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.45 (Grupo D 18 anos) Color. 8.ª Se- manal Um filme de Jan Kador. «MULHER A DERIVA», c/ Rad Mar- covic e Milena Dravic.

ESTÚDIO 444 (Telef. 779095)

15.30, 18.30 e 21.45 (Grupo D 18 anos). 3.ª Semana. «MASCULINO FEMININO». Reali- zação de Jean-Luc Godard com Mariéne Jobert e Jean-Pierre Léand.

APOLLO 70 (Telef. 763319)

15.15, 18.30 e 21.45 2.ª Semanal Technicolor. Grupo D (10 anos). Um filme Saudável como vitamina «JERRY ENFERMEIRO SEM DIPLOMA», com Jony Lewis. Hoje às 24.00 horas. Série Negra. Grupo D (18 anos). «NÃO SE TRATA ASSIM UMA SENHORA», com Rod Steiger.

BERNA (Telef. 776098)

15.15, 18.30 e 21.45 Technicolor. Grupo D (18 anos). Vileto! Implacável! Explosivo! «Va- MOS TER SARILHO», com Lee Van Cleff e Gina Lollobrigida.

S. JORGE (Plateia 54153. Balcão 54154)

15.15, 18.15 e 21.30 2.ª Semanal Charles Bronson e Jack Palance. Grupo D (18 anos). «DESFORRA APACHE», um duelo sem tréguas.

CASINO ESTORIL

15.30, 18.30 e 21.30 (Grupo D 18 anos). Colorido. «COM JEITO VAL... NA PANDEGA», c/ Sid- ney James e Kenneth Williams.

ROYAL (Tel. 865037)

15.00 e 21.00 (Grupo C - 14 anos) «DOM QUIXOTE» (Cavalga de novo) e em complemento «MARIA ISABEL»

BARS BOITES

HIPOPÓTAMO — Com Heider Reis Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabulo- so Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. R. Gomes Freire, 145-b. Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

CASINO ESTORIL — Jogo autoriza- do. Variedades internacionais. Tele- fones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167.

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. Largo Trinda- de Coelho, n.º 10 e 11. Encerra aos domingos. Telef. 320164.

EL CIDE — Dancing com variedades. Com o conjunto «X 4». Rua Bernar- do Lima, 18-A (ao Conde Redon- do). Telef. 560538.

CACO — Dancing com musica am- biente, com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Ma- tinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Lou- ís, 69. Telef. 534117.

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermin- da e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fa- do castiço Cristina Maria. Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889. Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ musica constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. Rua Rodrigues Sam- paio, 34. Telef. 561422 (Ar condi- cionado).

DANCINGS

LISBOA/Cinemas

JARDIM CINEMA

21.30 (18 anos) «Um cacho de uvas ao Sol»

MOSCVIDE

21.00 (10 anos) «Dinheiro em Caixa»

S. JOSÉ Sacavém

21.00 (10 anos) «A Ponte do rio Kwai»

MAYER

21.00 (14 anos) «Reverendo Colt»

ALHANDRA Salvador Marques

21.15 (14 anos) «Ódio Velho»

PARIS

21.00 (18 anos) «Cai a noite sobre a cidade»

RESTELO

21.30 (18 anos) «Cai a noite sobre a cidade»

CINEARTE

21.00 (18 anos) «Jeff»

OLIMPIA

19.00 (14 anos) «Um Fantasma em Bikini»

LINEA DE CASCAIS

ALGÉS Stadium

21.30 (18 anos) «O Padrinho»

PARADE Royal-cine

21.15 (10 anos



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 65453/2 - 3 - 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

MUNICÍPIO DE OEIRAS

Na última reunião da Câmara Municipal de Oeiras, a que presidiu o eng.º Armando de Brito Subtil, estando presentes todos os vereadores, foram tomadas as seguintes deliberações:

Subsídios — Conceder um, extraordinário, de 499.000\$00 à Junta de Freguesia da Amadora e outro de 200.000\$00 ao Centro de Assistência Infantil de Nossa Senhora das Dores (Laveiras), para realização de obras de ampliação das suas instalações, a ser inscrito no 2.º orçamento suplementar ou no orçamento ordinário do próximo ano, este último e no 1.º orçamento suplementar, o referente à Amadora.

Postura de trânsito em Linda-a-Velha — sob proposta do vereador eng.º Mattos, vbr ser colocados sinais sobre obrigatória de paragem, estacionamento de veículos, em Linda-a-Velha nos seguintes locais: Av. Pedro Álvares Cabral e Ruas Francisco José Vitorino, Biscoteiras, Luís de Camões, Alexandre Herculano, Joana Simões Alves e Almeida Garrett, na Damaia, nas Ruas Heróis de Dadrá, Mouzinho de

Albuquerque, e Bartolomeu Dias; em Queijas, nas Ruas Soares dos Passos, Gil Vicente, Ramalho Ortigão e João XXI e em Oeiras, na Av. do Ultramar e no entroncamento com a rua Cândido dos Reis.

Silo para automóveis, na Amadora — A Câmara mandou baixar aos respectivos Serviços de Urbanização e Obras um pedido de autorização para a construção de um silo para automóveis, na Amadora.

Pavilhão Gimnodesportivo na Damaia — Foi concedida prorrogação ao Damaia Ginásio Clube, até ao fim do ano, para a construção de um Pavilhão Gimnodesportivo e de um parque infantil, num logradouro público naquela localidade.

Sinalização eléctrica — Foi adjudicada pela quantia de 50.844\$00 a sinalização eléctrica e sonora do trânsito junto ao quartel dos Bombeiros Voluntários da Amadora.

Pavilhão Gimnodesportivo de Paço de Arcos — Custará à municipalidade a quantia de 146.960\$00, o projecto do pavilhão gimnodesportivo, que já foi adjudicada a um arquitecto, a construir em Paço de Arcos.

Problemas de direcção do "Notícias da Amadora"

No seu penúltimo número, o nosso prezado colega «Notícias da Amadora» anunciava ter mudado de director: o cargo passava do sr. Domingos Janeiro para o sr. Orlando Gonçalves. Do facto nos fizemos eco. No número agora saído, consta, porém, como director interino o nosso prezado colaborador Sérgio Ribeiro.

Explica o «Notícias da Amadora», em nota publicada na pág. 7: «Mais uma vez, por motivos alheios à nossa vontade, somos forçados a mexer na ficha técnica do nosso jornal. Assim, Orlando Gonçalves, que no nosso último número figura-

va finalmente como director, passa a ocupar a posição de coordenador-geral, surgindo agora como director interino o nosso colega de redacção Sérgio Ribeiro, responsável, portanto, perante os competentes departamentos oficiais. Todavia, tudo internamente continuará a funcionar dentro dos moldes em que até agora tem funcionado, não correspondendo a alteração a qualquer desvio na linha seguida, como aliás facilmente se deduzirá pelo nome do director interino, nem a quebra de solidariedade entre os elementos da equipa que fazem o «N.A.»

"O MUNDO E A NOSSA CASA"

No Centro Cultural Americano, é inaugurada amanhã às 18 e 30, uma exposição subordinada ao tema «O mundo é a nossa casa» e constituída por uma colecção de cartazes, fotografias e materiais bibliográficos, focando as principais causas da poluição do ambiente e descrevendo algumas das

medidas de protecção tomadas a nível nacional e internacional. Estará aberta todos os dias, excepto aos sábados, de 6 a 14, das 12 às 20 horas.

Simultaneamente com a exposição serão apresentados nos dias 7 e 8, às 18 e 30, filmes sobre poluição.

Celebra-se hoje o sexto aniversário da «Guerra dos Seis Dias».

Desde a proclamação do Estado de Israel, em 1948, por Ben Gurion, existe uma tensão permanente entre árabes e israelitas, tensão essa que deu já origem a três guerras no Médio Oriente. A primeira travou-se um dia após a proclamação da independência, durou 15 meses e teve como consequência imediata o deslocamento dos árabes da Palestina que em grande parte passou a constituir o Estado de Israel. A segunda começou em 1956, durou cinco meses e teve o seu início quando Israel, em coordenação com um ataque franco-britânico invadiu o Sinai após a nacionalização egípcia do Canal do Suez, interditando a navegação a navios israelitas. Assinado o cessar-fogo, Israel regressou às anteriores fronteiras.

A partir dessa altura, um cordão de segurança de tropas da ONU passou a ocupar posições no Sinai. Onze anos depois Nasser exigiu a retirada dessas forças. Logo a seguir, iniciaram-se as hostilidades entre Israel e o Egipto.

Os três territórios árabes ainda ocupados por Israel: Golan sírio ao norte, a Cijordânia a leste e a península do Sinai a sudoeste

A guerra começou exactamente em 3 de Junho de 1967 travando-se lutas nas frentes do Sinai e Jerusalém, que depressa envolveram outros Esta-

Colóquio sobre o desenvolvimento industrial em Angola

Promovido pelas secretarias de Planeamento e Finanças e de Economia, do Governo Geral de Angola inicia-se no próximo dia 6, na sede da Associação Industrial Portuguesa, um colóquio subordinado ao tema: «Técnica Portuguesa para o Desenvolvimento Industrial de Angola». Este colóquio que tem ainda a colaboração da Associação Industrial Portuguesa e o apoio das Associações Industriais da Metrópole e de Angola é dirigido em especial aos industriais interessados em investir em Angola.

Na sessão inaugural — que

se realizará às 15 horas, da data já referida — serão apresentadas exposições por representantes qualificados dos seguintes organismos públicos de Angola: Inspecção de Crédito e Seguros, Direcção dos Serviços de Planeamento, Gabinete de Promoção de Exportações e Direcção dos Serviços de Indústria. Desta forma serão abordados os aspectos mais importantes da evolução económica, suas perspectivas de crescimento, regimes cambiais e fiscais, potencialidades de exportação de produtos manufacturados, legislação industrial, oportunidades e incentivos ao investimento na indústria e outros temas de relevo e de oportunidade na economia angolana. A esta exposição seguir-se-ão os debates que os temas proporcionarão.

Os dias seguintes serão preenchidos por sessões de esclarecimento entre os representantes oficiais da Província de Angola e as personalidades interessadas em avaliar as perspectivas e vantagens específicas que se lhes oferecem.

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Para muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

para si

LONGINES

na vanguarda da medição electrónica do tempo

AMBIENTE E CONFORTO

Poderá V também obter, se confiar a decoração da sua casa aos nossos desenhadores, pois eles concebem para tal.

MÓVEIS E DECORAÇÕES

AV. DA REPÚBLICA, 12 (Perto do Saldanha)

UMA ANÁLISE CRÍTICA DA SITUAÇÃO EDUCACIONAL PORTUGUESA, QUE PRETENDE CONTRIBUIR PARA UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA DOS PROBLEMAS ACTUAIS NO SECTOR DA EDUCAÇÃO

COLECÇÃO
HOJE & AMANHÃ

PUBLICADO:

UMA PERSPECTIVA
SOBRE PORTUGAL

de Francisco Sarsfield Cabral

PUBLICADO:

A AGRICULTURA PORTUGUESA

de José Carvalho Cardoso

MORAES EDITORES

SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL

ROGÉRIO FERNANDES

SITUAÇÃO
DA EDUCAÇÃO
EM PORTUGAL